UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANDRÉ FELIX FERREIRA

ESPAÇO, PESSOA E SOCIEDADE:
A METATEORIA DE KURT LEWIN

NITERÓI
2026

ANDRÉ FELIX FERREIRA

ESPAÇO, PESSOA E SOCIEDADE:
A METATEORIA DE KURT LEWIN

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologiada da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor em Psicologia.
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Cristina Mair Barros Rauter

NITERÓI
2026

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

F383e Ferreira, André Felix
Espaço, Pessoa e Sociedade : A Metapsicologia de Kurt Lewin / André Felix Ferreira. - 2026.
165 p.: il.

Orientador: Cristina Mair Barros Rauter.
Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2026.

1. Teoria de Campo. 2. Psicologia. 3. Psicologia Social. 4. Filosofia do Espaço. 5. Produção intelectual. I. Rauter, Cristina Mair Barros, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

ANDRÉ FELIX FERREIRA

ESPAÇO, PESSOA E SOCIEDADE:

A METATEORIA DE KURT LEWIN

Tese aprovada pela Banca Examinadora

Niterói, 27 de Agosto de 2026

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br
CRISTINA MAIR BARROS RAUTER
Data: 21/10/2026 05:54:43-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof.ª Dr.ª Cristina Mair Barros Rauter (Orientadora)
Universidade Federal Fluminense

_____

Prof. Dr. Eduardo Henrique Pereira Passos
Universidade Federal Fluminense

Documento assinado digitalmente
gov.br
EDUARDO HENRIQUE PASSOS PEREIRA
Data: 19/10/2026 23:26:03-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof.ª Dr.ª Kenia Soares Maia
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
gov.br
KENIA SOARES MAIA
Data: 16/10/2026 07:46:51-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof.ª Dr.ª Maria Elizabeth Barros de Barros
Universidade Federal do Espírito Santo

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS
Data: 15/10/2026 10:21:16-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof.ª Dr.ª Marília Etienne Arreguy
Universidade Federal Fluminense

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARILIA ETIENNE ARREGUY
Data: 15/10/2026 09:58:41-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Agradecimentos

À Cristina Rauter, orientadora parceira, atenciosa que sabe trabalhar muito bem na perspectiva da liberdade. À Aline Pancieri, Lucas Gonzaga, Thais Lasevícius, Pedro Dinelli, Adriana Sampaio, Lidiane Araújo, Julia Brandão, Vicente Carneiro, Carlos Eduardo, Leda Rebelo, parceiras e parceiros do grupo de orientação, com quem tive muitos debates, embates, reforços e a potência de pensar juntos. À Bárbara Mangueira que sempre aponta novas formas de ver os conceitos e as histórias. À Sílvia Galesso, pela leitura atenta e várias sugestões que melhoraram muito essa escrita. À Rosemiro Cândido, Valéria Santana, Wellington Costa e Luisa Stawiarski, parceiros de UIPSS, de facilitação de grupo e grandes amigos na prática cotidiana na Socioeducação. À própria Secretaria de Justiça do DF que permitiu que eu tirasse licença capacitação para fazer esse trem. Ao Augusto Coaracy, pelas trocas e incentivos de fazer uma tese que prescinde de um campo específico. Ao Vinicius Portella, pelas muitas dicas e leituras de Simondon, parceiro fundamental no Rio de Janeiro. Ao Cicero Portella, pelas diversas conversas e indicações de leitura sobre espacialidade e caminhos (*hodos*). À Formação Livre em Esquizoanálise pelos muitos aprendizados que se refletem ao longo da tese. À Yasmin Qader, pelas leituras e discussões compartilhadas. À Maíra Monte, Yasmin Silva, Talita Queiroz, pelas nossas leituras compartilhadas. À Cecília Felix, minha filha, por me dar motivo de ser. Por fim, a todos adolescentes que atendi, porque a prática clínica não é solitária.

Seria um erro crer que o homem decidido a empreender qualquer ação e a arrostar qualquer perigo preparado pelo destino viva em estado contínuo de tensão, angústia e compulsão. O contrário é que é verdade. A angústia é característica de quem está confuso e não sabe o que fazer. Quem enfrente o perigo, em vez de esperar até ser esmagado pelo tacão do inimigo, poderá tornar a viver numa atmosfera desanuviada, e será capaz de apreciar a vida, mesmo quando esteja cercado pelo perigo.

Kurt Lewin, 1939

Resumo:

Esta tese é uma revisão e discussão sobre a obra de Kurt Lewin tomando-a a partir da perspectiva de teorias sobre o espaço e sobre psicologia que se seguiram. Sua leitura é perpassada pela tese de esquecimento por incorporação, tomando o autor como ao mesmo tempo honrado e esquecido. Apresentamos a partir daí o conceito de campo nas ciências sociais e sua metateoria correspondente, que envolve um o uso de uma dinâmica topológica, ou seja, posicional; e uma dinâmica hodológica que envolve caminhos e deslocamento nessa mesma topologia. Estes elementos são integrados nos conceitos de espaço de vida e espaço social, evidenciando as relações de causalidade circular entre pessoa e ambiente e grupo e ambiente. A partir disso passamos a uma discussão tanto sobre a filosofia do espaço e forças que o percorrem conjugando a obra de Lewin com a teoria dos afetos de Spinoza, a espacialidade em zonas de Etelain, a perspectiva ontogenética de Simondon e a geografia de diferença de Massey. Após estas considerações, passamos a um momento de análise de implicação sobre o sistema socioeducativo, que discute como os conceitos apresentados anteriormente podem ser trabalhados na prática. A referida análise remonta o lugar do psicólogo no campo, a situação de vida dos adolescentes internados e as montagens sistemáticas da prisão determinando o tipo de relação e prática possível nesses espaços. Depois disso passamos a uma discussão sobre a obra e vida de Lewin a partir de dois intercessores, a política e a psicanálise. À essa luz, apresentamos algumas das pesquisas de Lewin envolvendo estes dois temas, para culminar na teoria dinâmica da personalidade, que tem como principal diferencial a recusa de qualquer sanha classificatória ou tipológica. O último capítulo trata da epistemologia comparada, que estabelece pontes entre as diferentes ciências não pelo mesmo objeto, mas pelas soluções que cada uma concebe para seus impasses, que não só dizem respeito ao tema de cada uma, mas formas de conceber as interações e causalidades. O tema privilegiado inicialmente foi a questão do equilíbrio, especificamente uma noção não teleológica, mas descritiva dos tipos de equilíbrio. Por fim, articulamos uma relação entre territorialização e desterritorialização na obra de Lewin e suas relações com as demais ciências.

Abstract

This thesis is a review and discussion of Kurt Lewin's work, approached from the perspective of subsequent theories of space and psychology. Its reading is guided by the thesis of oblivion through incorporation, taking Lewin as simultaneously honored and forgotten. From there, we present the concept of field and its corresponding metatheory, which involves the use of a topological dynamics—that is, positional—and a hodological dynamics involving paths and movement within that same topology. These elements are integrated into the concepts of life space and social space, highlighting the relations of circular causality between person and environment, and between group and environment. From this foundation, we move into a discussion on the philosophy of space and the forces that traverse it, weaving together Lewin's work with Spinoza's theory of affects, Etelain's spatiality in terms of zones, Simondon's ontogenetic perspective, and Massey's geography of difference. Following these considerations, we turn to an analysis of implication concerning the brazilian socio-educational system, discussing how the previously presented concepts can be applied in practice. This analysis revisits the psychologist's position in the field, the life situation of incarcerated adolescents, and the systematic assemblages of the prison, which determine the type of relationship and practice possible within these spaces. After that, we proceed to a discussion of Lewin's life and work through two intercessors: politics and psychoanalysis. In this light, we present some of Lewin's research involving these two themes, culminating in the dynamic theory of personality, whose main distinguishing feature is its refusal of any classificatory or typological ambition. The final chapter addresses comparative epistemology, establishing bridges between different sciences not through a shared object, but through the solutions each conceives for its own impasses—solutions that concern not only each discipline's subject matter but also the ways of conceiving interactions and causalities. The initially privileged theme was the question of equilibrium, specifically a non-teleological but descriptive notion of the types of equilibrium from a descriptive perspective. Finally, we articulate a relationship between territorialization and deterritorialization in Lewin's work and its connections to other sciences.

Índice de figuras

Figura 1. Exemplo de curva de Jordan.....30
Figura 2. Níveis de realidade do espaço de vida numa criança e num adulto.....31
Figura 3 – Pontos fronteiriços do espaço de vida.....43
Figura 4. Espaço de vida de um imigrante de terceira geração.....57
Figura 5: Entrada do setor psicossocial da UIPSS.....92
Figura 6. Topologia do Manicômio.....104
Figura 7: Maiorias e Minorias Sociais.....116
Figura 8: Agressão nos grupos I e II.....123
Figura 9: Agressão nos Grupos III e IV.....123
Figura 10: Esquemas topológicos da Autocracia e Democracia.....124
Figura 11: Equilíbrios em espaços fechados.....136
Figura 12: Equilíbrios em espaços abertos.....137
Figura 13: Equilíbrios em espaços aberto revisto.....137
Figura 14: Gráfico de espaço fase de duas variáveis.....140
Figura 15: Processo Diferencial.....149

Sumário:

Introdução..... 11

1. O Espaço de Vida 14
1.1. Espacialidades 14
1.2. Psicologia Topológica e Hodológica.....18
1.3. Campo.....20
1.4. Vetores.....27
1.5. Superfícies, Fronteiras, Circunferências, Bordas.....41
1.6. Objetivos 44

2. Tensões da Filosofia do Espaço.....48
2.1. O Espaço Coevo.....48
2.2. Dispositivos e Território.....50
2.3 Continuidades e Descontinuidades na Política e Filosofia do Espaço....51
2.4. Zonas.....52
2.5. Campo e Zona.....56
2.6. A Relação Todo-Partes.....59
2.7 Extensivo e Intensivo.....61

3. Intercessores: Conatus e Geografia da Diferença.....64
3.1. As Composições e Campos.....64
3.2. Forças e Afetos.....66
3.3. Espaço de Vida e Encontro de Corpos.....69
3.4. Conhecimento em Espiral.....71
3.5. Construção da Psicossociologia Hodológica.....74
3.6. Geografia da Diferença.....80

4. Análise de Implicação 86
4.1 Pesquisa-Ação e Método Cartográfico.....86
4.2 O Sistema Socioeducativo.....88
4.3 Prisão.....93

4.4 Caminhos de um Lugar sem Saída.....102
4.5. Método Cartográfico e Espaço de Vida (e Implicação).....108

5. Política e Psicanálise.....112
5.1. Uma História da Pesquisa-Ação.....112
5.2. Climas Sociais.....121
5.3. Uma Teoria da Personalidade nem Tipológica nem Intrapsíquica.....129

6. Epistemologia Comparada e Metateoria 134
6.1. O Tempo na Hodologia.....134
6.2. Equilíbrio.....135
6.3. Epistemologia Comparada.....143

Conclusão.....154

Bibliografia.....158

Introdução:

Em determinado momento do meu percurso profissional saí numa pesquisa, por conta própria, sobre a prática de psicólogo. Muito tocado pelo trabalho prático no sistema socioeducativo, procurei me distanciar um pouco da psicanálise que praticava até então e fui atrás de autoras que pudessem incluir o social de forma mais integrada à teoria. Esse caminho me levou à Análise Institucional, à criminologia crítica e à esquizoanálise. A partir disso, fui seguindo as referências da análise institucional de forma retroativa até chegar num dos primeiros autores, na psicologia a tematizar a co-extensão entre a subjetividade e o social. Num sebo do Rio de Janeiro, comprei um livro por sete reais (o preço até hoje está escrito na contracapa) chamado "Princípios de Psicologia Topológica" de Kurt Lewin. Me interessei porque à época gostava de estudar a topologia de Lacan, apesar de perceber diversos problemas na sua abordagem. O livro me interessou, não muito, de primeira, mas depois de perceber que um autor que eu já admirava, Luis Alfredo Garcia-Roza, tinha escrito um livro sobre ele. Voltei a ler e fui tomado por certa paixão anacrônica.

Comecei a fazer as bolinhas (ou ovinhos) cheios de setas para diversos desafios clínicos e institucionais. Uma chave de leitura interessante tinha se aberto, com a qual eu conseguia expressar muitos dos conflitos de forma simples, sem perder de vista a multiplicidade de elementos de análise. Algo que fui compreender tardiamente, por Mary Henle, era que não se tratava propriamente de mais uma teoria psicológica, mas uma forma de, em ciências humanas, expressar a multiplicidade do nosso campo sem perder de vista as diferentes teorias que o embasam: uma metateoria.

Kurt Lewin é um psicólogo "tirado de tempo"[1]. Seu pensamento permeia as perspectivas institucionalistas, mas aparece pouco como referência real de leitura. Normalmente é apresentado como ultrapassado, ou a meio caminho de um pretenso desenvolvimento evolutivo que culmina em uma teoria mais atual. Delouvée (2010) apresenta a hipótese de "obliteração por incorporação", ou seja, o processo de honrar, nos livros textos, nas referências históricas, mas, ao mesmo tempo, esquecer. Ela vai

[1] "Tirar de tempo" é uma expressão popular atual que significa zoar, debochar. Uma pessoa "tirada de tempo" é uma pessoa que foi objeto de uma zoação.

apontando o quanto as citações em livros textos de psicologia social na França aumentam, mas vão ficando mais estereotipadas, citando os mesmos estudos. Basta apenas pensar no quanto escutamos sobre forças e vetores no cotidiano da clínica, mas pouco se coloca sobre o autor que levou adiante estas noções de forma mais detalhada e conceitual.

Parte disso se deve ao que Lewin veio a influenciar: práticas diversas no campo político da psicologia, desde a psicologia organizacional estadunidense que buscava adaptar os trabalhadores a sua exploração até a já referida análise institucional com suas concepções emancipatórias e libertárias. A distância no tempo é responsável por isso, mas sua distância no espaço, o fato de sua produção em psicologia social ter se dado nos Estados Unidos o levou a ponderar muitas de suas concepções que de outra maneira incluiriam parte do pensamento de Marx (o quinto capítulo explora isso um pouco).

Além do próprio Lewin, minhas referências principais no seu estudo, ou seja, leitoras de Lewin, são pessoas que estão também um tanto longe dele no tempo e no espaço. Falo de Garcia-Roza (1972), Kaufmann (1968), Henle (1989), Malhiollt([1968]2013), Blanco (1991) e Lapassade(2016 [1965]) e Barros(2007), pessoas que retomaram sua leitura em chave epistemológica (diria, como Henle, metateórica) e que foram fazendo eu me dar conta de sutilezas dos textos de Lewin.

O primeiro capítulo - espaço de vida - é uma discussão sobre o espaço, mais especificamente sobre o conceito de espaço de vida, com a apresentação do que foi chamado de método construtivo e a teoria de campo. Apresentamos a partir daí os objetivos mais detalhados desta tese.

O segundo capítulo - tensões da filosofia do espaço - é onde descrevemos algumas das críticas contemporâneas à espacialidade de Lewin, a partir de Simondon (2020), Jeanne Etelain (2022) e Deleuze e Guattari (2011 [1973]), envolvendo questões sobre representação e pretensões científicas.

O terceiro capítulo é onde configuramos uma proposta de análise do espaço sem dicotomizá-la com o tempo, mas tomando a necessidade de se pensar, para a clínica, ciências sociais e filosofia, a necessidade de sua co-implicação, especialmente a partir do conceito de força. Aqui falamos de Spinoza e Doreen Massey (2013).

O quarto capítulo - uma análise de implicação - fala da prática da psicologia topohodológica em um campo conflituoso, mais especificamente o sistema

socioeducativo, onde pude ver a utilidade dos conceitos e suas implicações para a pesquisa e prática. Ao falar de forma aberta sobre a minha prática e meu campo, explico, por meio da passagem do projeto desta tese, inicialmente um estudo de campo, para a que está agora escrita, por meio da utilização da teoria de Lewin em uma análise de implicação.

O quinto capítulo - Política e Psicanálise - posiciona Lewin nestes dois campos, primeiramente a partir do trabalho de Lewin com minorias sociais, a ideia de pesquisa-ação e os T-Groups. Apontamos tanto a relevância política de suas posições com relação à ciência e à sociedade e à noção de inconsciente e pessoa.

O quinto capítulo - Epistemologia Comparada e Metateoria – trata da noção de equilíbrio, talvez a mais incompreendida na obra do autor; de genidentidade, noção filosófica de Lewin que pode ser muito relevante para a discussão sobre identidade no Brasil hoje; e epistemologia comparada, que é uma perspectiva sobre a ciência que dá forma à pesquisa empreendida por Lewin e que fala de relações possíveis e importantes entre as ciências.

Esse trabalho foi feito num um ir e vir que, enquanto procurou estabelecer relações com o contemporâneo de forma que pode ser visto como um certo trabalho de reimaginação, o fazendo de intercessor com aquilo que ele mesmo influenciou, tentou imaginá-lo enfrentando as questões de seu próprio tempo. Por um tempo pensei em chamá-la “reimaginando Lewin”, mas fui descobrindo que a protagonista da tese é a metateoria. O subtítulo diz respeito às diferentes nuances dessa figura central.

1. O Espaço de Vida

1.1. Espacialidades

Podemos percorrer um espaço com os pés ou com a imaginação. Mais ainda: com os pés, podemos chegar à imaginação. No entanto, o espaço não é questão de mera imaginação. O espaço pode ser estudado e encarado de diversas formas. Existe um espaço físico e geográfico, que é tema de outros campos do conhecimento que não a psicologia. E existe um espaço propriamente psicológico, mas queria me deter, antes disso, no conceito de espaço. Para ter um ponto de partida para falar do espaço, é necessário se perguntar sobre o ponto. Falo de pontos num espaço, e além de termos muitos pontos, temos muitos espaços, todos com alguma relação com o outro. Se isso ainda parece confuso, como são confusos os inícios, é porque é preciso ir contextualizando e colocando o lugar em questão.

O ponto de partida da empreitada que se materializa nesta tese foi um espaço de violência institucionalizada. Uma unidade socioeducativa. Trabalhei como psicólogo em uma dessas unidades no Distrito Federal, durante o período de 2018 a 2021. Algo nessa experiência incitou a pensar o espaço, como costuma acontecer a quem trabalha numa disposição arquitetônica, ergonômica e psicologicamente estabelecida para ter efeitos de controle sobre os corpos. Tanto por esta experiência, quanto por outras, fui me encaminhando para mergulhar numa reflexão sobre o espaço e como trabalhá-lo na psicologia, na clínica e nas instituições.

Durante o tempo em que andei estudando estas questões, fui me havendo com as diversas tematizações sobre espaço em áreas díspares, como a geografia, a física, a matemática, a antropologia, a arquitetura. O espaço em cada uma delas é encarado diferentemente, mas guarda relações com as outras. E, nesse ínterim, foi possível perceber que esta pesquisa tematiza o espaço, de forma ampla, mas para falar de um tipo de espaço que tem a ver com a pesquisa em psicologia. Interessa ao estudo se deter um pouco em um debate nas ciências humanas, que diz respeito às relações entre espaço e tempo.

O espaço tem uma relação filosófica com o tempo também. Isso é objeto de debate nas filosofias e ciências. A tradição de pensamento ocidental teria privilegiado

o tempo sobre o espaço, com consequências para toda reflexão. Viveiros de Castro e Danowiski (2020) trazem uma relação de autores que mostram essa perspectiva que coloca uma primazia do tempo, como Hegel (1970 apud Viveiros de Castro e Danowiski, 2020), que tem como uma de suas principais afirmações “a verdade do espaço é o tempo”, e Papa Francisco (2013 apud idem, ibidem), defensor de que “O tempo é superior ao espaço”, entre outros. Essa dicotomia tempo e espaço tem tomado a mente do ocidente, com uma preponderância do pensamento sobre o tempo e a história. Foucault teria tematizado essa questão, apontando que a nossa época é do espaço: “podemos dizer que certos conflitos ideológicos que animam as polêmicas de hoje se desenrolam entre os pios descendentes do tempo e os habitantes implacáveis do espaço” (Foucault, 2001 [1967], p. 1571, tradução nossa). Aqui Foucault aponta como, para a política, os temas de configuração segregatória, do controle das instituições, das marcações de propriedade, das câmeras, dos fluxos de mercadorias e dos fluxos de capital cultural falam de um espaço vivo em disputa contínua, justaposta e simultânea. Lewin (1978 [1942]), o autor que vamos pesquisar aqui afirma que quase todas as lutas políticas dizem respeito, no fim das contas, ao espaço. Seja ele qual espaço for.

Mas comecemos aqui pelo espaço pensado pelo atributo da extensão, atual (por oposição à virtual) e com condições de tornar-se mapeável, embora não ainda – pela ordem com que vamos apresentando estes diversos espaços – mapeado. É o espaço enquanto existente, material, corpóreo; diferente, por exemplo, do espaço matemático, que não é corporal. Começamos por ele para começar pelo óbvio, mesmo. Um chão sob nossos pés e um céu sobre nossas cabeças. O engraçado é que já aqui, o espaço é também poético, ou seja, é até difícil falar nas coisas nesse nível, como se pudéssemos falar numa materialidade pura. Mas a própria dificuldade de dizê-la já implica na sua alteridade. Leibniz qualifica a extensão como o atributo do espaço, o que implica a extensão como “repetição contínua do *situs*, ou da posição, isto é, do ponto de vista” (apud Deleuze, 2012, p. 41). A extensão do espaço é, portanto, para Leibniz, a ordem das distâncias entre os pontos de vista. A graça dessa perspectiva é que nela trata-se mais até da “verdade da relatividade” do que da “relatividade do verdadeiro” (idem, 2012). Dessa forma, um chão sob nossos pés é também um chão pisado (por nós, pelo lugar do ponto de vista). A expressão “ponto de vista” aí também vê seu limite, porque existe uma perspectiva do chão, mas ela evidentemente não seria visual. A própria teoria da relatividade, nessa discussão,

aponta para como o enquadre espaço-temporal é solidário com seu conteúdo (Kaufmann, 1968, p. 12), nos levando, à concepção do próprio Kaufmann da revolução científica psicanalítica como a entrada do relativismo na psicologia. Há uma extensa discussão sobre o relativismo que passa pelo espaço. O tempo também tem sua relatividade, mas o espaço é a origem da ideia de perspectiva, ponto de vista e até de relatividade, porque a relação implica espaço[2].

Deleuze e Guattari (2012) falam de uma diferença entre espaços. Falam de um espaço liso, sem estrias, se formos pensar a partir da distinção feita no livro Mil Platôs. O espaço liso, um oceano, um deserto, um universo que pode vir a ser medido, mapeado, recortado, tornando-se espaços estriados por dispositivos de poder e significação, como as linhas e meridianos que perpassam o globo. No entanto, as relações entre estes dois espaços não são simples, porque o espaço liso também é prenhe de significações, como espaço nômade. Não existe espaço puramente liso nem puramente estriado, porque um espaço infinitamente estriado voltaria a ser liso. Um espaço liso é háptico, na perspectiva do toque e de suas rugosidades (Santos, 2020). O espaço estriado é ótico, vê as coisas de cima e constrói gradios. O curioso dessa acepção é que o espaço liso é, na verdade, enrugado, e o espaço estriado é aplainado e polido – essa confusão não deve ser à toa, porque nos obriga a pensar concretamente como o espaço se compõe, não apenas observar uma característica física e partir disso para ter uma imagem do espaço.

Quando falamos desses espaços, temos que pensar que eles também não se confundem com o espaço físico ou espaço geográfico (Santos, 2020), que são outras formas de qualificar o espaço, mesmo que tenham relações com perspectivas filosóficas. O espaço geográfico é estudado sob o enfoque da geografia. Esse espaço tem diversas categorizações, virtualidades, zoneamentos e descontinuidades. Se formos pensar em mapas, por exemplo, temos aí uma diversidade enorme de maneiras de mapear. O mapa pode ser topográfico, político, pode ser um mapa estatístico, enfim, mesmo as maneiras de mapear um espaço variam infinitamente. Podemos até mesmo mapear um lugar a partir do tipo de refrigerante mais bebido por

[2] Viveiros de Castro (2013) é um dos autores que diferenciam perspectivismo e relativismo. O perspectivismo ameríndio de que ele fala coloca questões sobre essa materialidade irrepresentável do chão, que falávamos há pouco. Não tratar-se-ia de um chão comum e representações diversas, mas referências múltiplas e sentidos comuns (p. 387).

região ou tipo de inseto mais comum. Ou seja, o espaço pode ser multiplamente requalificado, dependendo da característica que se queira mapear.

Ao mesmo tempo, o espaço pode ser deformado em tipos específicos de mapa, fora de escala geométrica, na anamorfose cartográfica. Aqui percebemos que podemos, ao mapear, não estar preso à métrica e às formas do espaço físico. A própria projeção de Mercator como conhecemos, é um tipo de Anamorfose (ou para sermos mais exatos, de deformação cartográfica), porque é uma planificação do Globo Terrestre. Os mapeamentos são políticos, em muitos sentidos. O norte global, os países europeus e norte-americanos, mais próximos aos pólos, parecem ser maiores do que são. Mais ainda, podemos criar mapas de cidades e mundos imaginários, que não são a mesma coisa, vão além da deformação. A ficção contemporânea tem muitos mapas, especialmente nos gêneros de ficção científica ou fantasia. Esses mundos também têm sua política, porque pode se tratar ora de mundos nostálgicos, de um passado que nunca existiu, como nas fantasias medievais, ora de verdadeiras utopias e distopias que instigam a imaginação política, como nas ficções de Le Guin.

Ainda para além do mapeamento, nossos conceitos, eles mesmos, podem ser espaciais. De que espaço falamos quando usamos o conceito de introjeção, projeção ou transferência? Há um espaço no pensamento, que é o espaço da imaginação. A filosofia, a psicologia e a psicanálise estão em contato com uma multitude de noções e conceitos espaciais, de forma que, para além do conceito de espaço, há o espaço nos conceitos. O problema é que a própria linguagem remete novamente ao espaço, quando, por exemplo, na frase anterior, falamos “contrapor” e na atual, “remete”. São verbos que indicam uma ação que acontece em um lugar. Se, ao criticarmos, nos conceitos filosóficos e psicanalíticos, as “metáforas espaciais”, perdemos até mesmo o entendimento de que metáfora (uma coisa no *lugar* de outra) é também um conceito que envolve a espacialidade e, mais que isso, o lugar. Lugar e espaço são conceitos co-implicados, mas lugar diz respeito a um espaço menos abstrato, posicionado em um espaço maior. O lugar implica relação com outros lugares, ao passo que o espaço não necessariamente implica relação com outros espaços.

1.2.Psicologia Topológica e Hodológica

Nesta tese vamos ler e criticar a obra de Kurt Lewin (1890-1937). A ideia não é continuar sua obra, ou segui-la, mas fazer um estudo envolvendo alguns de seus conceitos para informar e atuar como intercessor (Deleuze, 1992) em nossa prática. Lewin conceitualizou espaços nem físicos e nem geográficos, mas espaços psicológicos e sociais com consequências importantes para as ciências humanas. O conceito de campo coloca em jogo essa espacialidade para desenvolver uma concepção do humano pela via da multiplicidade e não linearidade. Seu trabalho é um só tempo presente e ausente nos desenvolvimentos da clínica ampliada e pretendemos tomar algumas dessas ausências para atuar como intercessores, numa relação com a lembrança e o esquecimento.

Lewin foi um psicólogo alemão de origem judaica. Ele é muito conhecido pelo seu trabalho com grupos, pelo estabelecimento de uma concepção de pesquisa que intervém no mundo e que não separa a pesquisa e o pesquisador do ambiente social e dos sujeitos de pesquisa, a chamada pesquisa-ação[3] (*action research*) (Lewin, 1978 [1942]). Todas essas contribuições são muito importantes e mesmo definidoras da psicologia ao longo do tempo, com múltiplas implicações e escolas advindas dessas pesquisas. Fazendo apenas de leve uma enumeração do que ele influenciou, podemos falar da própria psicologia social, que por meio de seu trabalho se tornou mais propriamente um trabalho de psicólogos (antes de Lewin temos sociólogos que a concebem de forma diferente e o trabalho de alguns pioneiros, como Moreno); a psicossociologia francesa; a socioanálise; a psicologia institucional e a psicologia de grupos argentina; toda a área que envolve a pesquisa ação e seus desenvolvimentos; a psicologia comunitária; boa parte da psicologia social americana, incluindo a psicologia organizacional; a teoria sistêmica e suas práticas terapêuticas; a gestalt terapia (que, como sabemos, apesar do nome é bem diferente da teoria da gestalt de Köhler, Koffka e Wertheheimer). Os antecedentes são a filosofia da ciência,

[3] Na tradução de Lapassade (2016) realizada por Idalina Ferreira, existe a sugestão de chamar a pesquisa-ação de *pesquisa engajada* ou *pesquisa ativa.*

a psicologia da Gestalt e a psicologia experimental, a parte dinâmica de teoria de Freud, a pragmática de Dewey, bem como de James.

O vocabulário e muitas das suas noções passaram, com o tempo, a ser linguagem corrente, tão corrente que é difícil distinguir exatamente a amplitude de sua repercussão. Quando Deleuze e Guattari ([1973]2011a, pp 325-336) falam em campo social, o quanto desse uso, perfeitamente coerente com a conceituação de Lewin (1978 [1939]) se deve a sua influência? Não podemos saber porque ele não é citado, mas nenhum outro teórico também é citado na construção desse conceito. Um dos problemas é que a palavra campo tem um uso regular nas humanidades como área de conhecimento ou como local de trabalho, no sentido de trabalho em campo em antropologia, biologia, etc... Bem, aqui não é questão de pensar em autoria, mas nas reverberações desse conceito pensado como conceito.

No entanto, há algo como uma ponta solta aí, uma temática que não contou com tantos prosseguimentos. Falo da psicologia topológica e hodológica, que, mais que uma teoria, são uma *metateoria* (Henle, 1986, p. 76), porque não se trata de significados e modelos explicativos estáticos, mas uma forma de conceber e expressar a simultaneidade de eventos e processos. Para dizer de forma mais clara e algo anacrônica em relação a seu projeto inicial: é uma forma de cartografar uma *psicoesfera* (Santos, 2020). É um regime de signos que busca elucidar dinâmicas, ao mesmo tempo que não é uma estrutura fechada: pode e deve ser reformulada a partir da concepção de processos que não puderam ser expressos pela formalização inicial. A forma, na psicologia hodológica e topológica, é subordinada ao conteúdo, como num mapa ou cartografia. Henle aponta que Lewin tem três tipos de textos - os filosóficos, os teóricos, os práticos e os metateóricos, onde mais do que apresentar teorias, ele apresenta formas possíveis de elaboração de teorias, ou seja, uma espécie de metamodelização (Guattari, 1992). Sua pergunta é: o que é necessário para a elaboração de uma teoria? Os próprios títulos dos livros de Lewin seriam inclusive encobridores, ou até mesmo equivocados com relação a seu conteúdo. O texto “Princípios de psicologia Topológica" seria melhor nomeado como “Princípios para uma representação topológica de conceitos psicológicos” (Henle, 1986, p. 78). Nessa perspectiva a espacialidade é fundamental. Isso é a saída de grandezas escalares para grandezas vetoriais, aquelas que precisam da coordenação de uma direção.

Além da metateoria, os trabalhos práticos de Lewin pensam o assunto de grupos minoritários tomado por uma urgência e praticidade interessantes. Para Lewin, isso era questão de vida ou morte. O nazismo e o anti-semitismo estavam condenando boa parte de seu próprio grupo minoritário ao extermínio, de forma que foi necessário fugir da Alemanha. Na sua chegada aos Estados Unidos, outros grupos minoritários, como a população negra americana, tomaram o centro de suas atenções de pesquisa e teorização.

1.3. Campo

Mas, antes de explicar estas perspectivas, vamos ao conceito de campo, sem o qual não há como falar delas. A teoria de campo caracteriza-se por ser um *método* de analisar relações causais e de criar construções científicas (Lewin, 1964, p.45). Ou seja, mais do que ser uma teoria descritiva, é uma teoria de *como* fazer descrições, evitando linearidades. A ênfase recairia no fato de que qualquer acontecimento decorre de uma multiplicidade de fatores. Mas não quaisquer, porque uma teoria de campo pode ser incorreta tanto em física quanto em psicologia[4] e ainda assim ser uma teoria de campo. Aqui entra em questão uma perspectiva de causalidade que não se coloca de forma linear. E quando falamos não linear aqui, falamos de dois tipos de não linearidade: de dinâmicas não lineares, na acepção físico-matemática do termo (Stengers; Prigogine, 1997); na poética, de leituras não lineares, como a leitura tabular (Grupo phi, 1980); e na semiologia, de leitura diagramática (Machado, 2016).

O conceito de leitura tabular vem da poesia, mas estende-se para outras mídias. Significa a apreciação de vários elementos em um todo, como comparece na leitura de poesia. Quando lemos um poema, a organização dos versos e estrofes nos dá uma leitura não só da linearidade da escrita, como em prosa, mas do todo do poema. A leitura tabular (Grupo phi, 1980), aquela das imagens, quadros, quadrinhos, mapas e até poemas, é uma leitura que traz uma multiplicidade de elementos que podem ser lidos em simultaneidade. Um dos movimentos artísticos que levou mais longe essa interação entre semiologia e imagem é a poesia concreta brasileira. Nessa poesia, a composição também passa por tipografia, cores, os espaços em branco da página, as relações com os ideogramas chineses, “neste processo de compor, duas

[4] Lewin, no mesmo texto citado (p.45) afirma que uma teoria linear pode ser verdadeira para alguns casos da física, mas não acredita que o mesmo possa ocorrer em psicologia.

coisas reunidas não produzem uma terceira coisa, mas sugerem alguma relação fundamental entre elas" (Campos, 2014, p. 39). Também é assim pelo diagrama, proposto por Peirce como uma semiologia, que permite que o pensamento possa ser posto de forma imagética, não apenas na poesia e arte, mas na cultura, na semiologia e no pensamento. Machado (2016, p.16) aponta que nos sistemas de significação, o recurso à imagem e ao diagrama permite apreender as conexões entre os signos de forma gráfica e por suas relações múltiplas.

No que tange à psicologia, certa espacialização toma forma de início na conceituação dos fenômenos psicológicos. Podemos afirmar que os objetos psicológicos – ou seja, os afetos, os processos, pensamentos, etc. – tem espacialidade? Bem, existe uma interação importante entre eventos psíquicos e não-psíquicos. Os fenômenos físicos são extensos e localizados. Cabe, assim, a pergunta se o mesmo acontece com os fenômenos psíquicos – teriam eles dimensionalidade? O argumento de Lewin (1991 [1914]) começa por uma inquirição sobre a lei de conservação.

> Penso realmente que a dependência mútua de ambas classes de objetos (físicos e psíquicos) não é negada pela lei de energia (que é uma lei da constância), mas pela não espacialidade dos objetos psíquicos. Porque a mudança dos objetos não pode vir do nada. (p.113)

Na física, para que um objeto apareça, é necessário que outro pereça. Nada pode vir do nada. Mas se os espacializamos, de que espaço se trata? É da cabeça? E os sentimentos, do coração? Ou seja, deve haver entre estes objetos *relações de identidade* (p. 114). Na época dessa primeira citação, falamos do autor ainda no início de seu percurso, em que já havia esta intuição. Mais tarde, na primeira página de um livro de 1938, Lewin, já respondendo a críticas à sua espacialização e matematização, afirma que:

> Talvez a ideia de um espaço que não é idêntico ao físico vai tão contra um preconceito metafísico firmemente estabelecido, que deve-se tomar algum tempo para se acostumar. Na verdade significa levar a sério a coexistência de uma multiplicidade de fatos psicológicos interdependentes e portanto usar uma "ordem de coexistência" – isto é, um espaço matemático – para representá-los(Lewin, [1938]2013, p.1, tradução nossa)

Para além da palavra representação, que hoje é quase um palavrão para esquizoanalistas (esperamos mostrar ao longo da tese que seu uso é um tanto

diferente daquele que enceta a crítica deleuziana) queremos apontar o quanto o espaço é importante para se levar em conta a ideia de coexistência. Até mesmo uma metafísica, se quiser levar a sério a existência de alteridade, precisa tematizar o espaço. E, claro, as alteridades não são meramente físicas e precisam guardar relações umas com as outras que envolvem as ideias de direção, posição, inclusão e exclusão, entre outras tantas. No campo da psicologia, mais ainda.

No Anti-Édipo, texto que já toma esta questão por outro lado, apesar de que não de forma tão diferente, existe a ideia de uma *coextensividade* entre as produções desejantes e a produção social. (Deleuze; Guattari, 2011a [1973], p.47). Critica-se, nesse texto, à assunção de algumas psicanálises de separação do desejo e do campo social, ligando o primeiro à fantasia. Aqui, a questão com a qual Lewin se defrontava no início do século é retomada pela crítica ao acontecimento intrapsíquico e a necessidade da afirmação de uma coextensão entre campo social e desejo.

Curiosamente, e acredito que uma pesquisa posterior possa elucidar esta questão, Campo Social é um conceito de Lewin. É uma palavra que aparece em vários textos de psicologia, psicanálise e sociologia. Campo Social é um termo que só foi ser mais utilizado no século XX e, em Deleuze e Guattari, aparece de forma mais informal, ao passo que, para sociólogos como Bourdieu, foi necessário teorizá-lo (Fernándes; Ferrera, 2009). Hoje a palavra é tomada por seu valor de face, como se sempre estivesse aí. Desconfio que não.

Campo é um conceito espacial, ou seja, esse Lewin que, em 1914, afirmava a necessidade de espacializar os fenômenos psíquicos para melhor articulá-los com o não psíquico, desenvolveu esta noção posteriormente, especialmente a partir do empréstimo da psicologia da Gestalt desse conceito da física. Na noção, entra em jogo a espacialidade, e mais ainda, o lugar.

A teoria de campo traz à tona essa multiplicidade na expressão dos conflitos psicológicos, porque diz respeito à simultaneidade de acontecimentos, forças e regiões. O conceito de campo, advindo da física, especialmente da eletromagnética (Garcia-Rosa, 1972) diz respeito às relações entre vários pontos de um todo. Ou ainda, segundo o próprio Maxwell (apud Kaufmann, 1968, p. 9), para passar para a dinâmica, não de alguma operação algébrica, “mas certas propriedades dos corpos no espaço.” Este conceito foi usado de forma transformada em psicologia a partir da Teoria da Gestalt, mas teorizado diferentemente por Lewin (1973[1932]), que vai falar, em sua teoria, de um Espaço de Vida e um Espaço Social.

A teoria de campo, de acordo com Lewin (1973[1932]), teria como características:

1. método de construções, não de classificações;
2. um interesse pelos aspectos dinâmicos dos acontecimentos;
3. uma perspectiva psicológica e não física (citar e falar);
4. uma análise que começa com a situação como um todo;
5. uma distinção entre problemas sistemáticos e históricos;
6. uma representação matemática do campo.

Cabe discutir um pouco cada uma dessas características.

A adoção da perspectiva de *construções* como método é uma divergência em relação à psicologia categorial, ou seja, uma psicologia que faria classificações dos fenômenos e acontecimentos em tipos. Ele opõe o modo aristotélico de fazer ciência à galileana (e suas psicologias correspondentes) (Lewin, [1931]1975). A psicologia aristotélica procura ver regularidade, repetição. É o tipo de psicologia que separa estatisticamente as classes – como por exemplo, as distinções categóricas realizadas atualmente pelo DSM-V ou psicologias da época, que faziam uma coleção de dados estatísticos para determinar a "idade mental" de uma criança. A psicologia galileana, por sua vez, apaga as fronteiras entre normal e patológico, por trabalhar com as dinâmicas dos acontecimentos, com os casos particulares como elementos para a construção de teorias. Por isso, Lewin (p. 15) remete o início desse tipo de psicologia à psicanálise e a teoria da Gestalt.

Os aspectos *dinâmicos* dizem respeito à incompatibilidade dessa teoria com uma estase que deixa tudo estagnado. A dinâmica é uma perspectiva em ciências que busca descrever os movimentos e sua relação com os demais elementos do campo, apontando que as coisas estão sempre em relação umas com as outras e estudando essas relações e interações no tempo. Galileu introduz o conceito dinâmico de sequência, que se diferencia dos pares disjuntos de fenômeno, pensados em termos aristotélicos, do tipo bom-mau e preto-branco. Na ciência galileana tal como pensada por Lewin, os pares contrastantes estão em um *continuum* – preto e branco estão em pontos extremos de uma transição contínua sem fronteiras entre seus componentes.

A *perspectiva psicológica* diz respeito principalmente à diferença evidente entre fatos físicos e psicológicos. Os fatos psicológicos não são extensos, motivo pelo qual podem ser topológicos, o ramo da matemática que trata de espaços não metrificados. Eles também possuem grande pluralidade e diversidade e são unidades dinâmicas abertas, inconclusas. Isso também impede a tomada de posição determinista da mecânica clássica, porque mesmo que fosse possível estimar todas as grandezas de um campo, não é possível derivar uma situação (S^2) de uma situação anterior (S^1). Essa é uma decorrência de todo o campo ser fronteira de outro campo, inclusive não psicológico. Além disso, a própria matemática utilizada deve ser própria à psicologia, de forma que os problemas específicos da psicologia poderiam, quem sabe, desenvolver a própria matemática (Lewin, 2013 [1938]). Ou seja, não se trata de aplicar um modelo tão somente e se a física aparece, não é como identidade, mas como semelhança funcional ou formal, decorrente de uma epistemologia comparada.

A *situação como um todo* não é de saída que se dá, porque é primeiro preciso construir este todo. Esse método de construções foi chamado método de *aproximações sucessivas* e só vai alcançar seu desenvolvimento completo na perspectiva já tardia, em Lewin, da pesquisa-ação. O todo seria, no caso, o todo dinâmico com as forças que atravessam o campo. Trata-se mais de uma multiplicidade, com vistas a alcançar um número grande de forças e influências em um conflito. Aqui, o conceito de Gestalt é determinante. Ele consiste no princípio de que "o todo tem propriedades que não se reduzem às partes"[5], porque estas partes estão em relação.

Nessas aproximações sucessivas, existe um pulo do gato: um problema, seja ele qual for, tem inúmeras dimensões. Aqui entra a hipótese de pesquisa. Como estratégia, é importante "procurar pelo aspecto variável que faria uma diferença, voltando depois aos outros" (Lewin apud Murrow, 1969, p. 194.) Essa hipótese não é uma exclusividade do clínico-pesquisador, mas do próprio processo com o sujeito de pesquisa. A pesquisa passa necessariamente por fases diferentes, e uma das fases é realizada junto ao sujeito. Quando Lewin desenvolveu a pesquisa-ação, foi a partir da ampliação desse processo, onde além dos próprios resultados da pesquisa existe uma participação dos sujeitos da pesquisa na formulação de hipóteses e avaliação

[5] Nessa formulação, Lewin já diverge dos primeiros psicólogos da teoria da forma, que definiam este princípio como "O todo é mais que a soma das partes" .

dos resultados. Antes desse desenvolvimento metodológico, já tardio, a prática era que os próprios resultados de pesquisa e avaliação cumpriam este propósito. Para nós, que trabalhamos com clínica, essa construção é ainda mais relevante, porque implica uma atividade contínua e aberta de ir agregando elementos e proceder diferenciações na análise junto ao analisando.

A distinção entre *causalidade sistemática* e *histórica* merece uma atenção detalhada. Em certo momento, Lewin (1978 [1936]) aponta que não existe história que não seja ao mesmo tempo geográfica. Há quem diga que sua abordagem é a-histórica, mas se trata mais de perceber os efeitos de localização, de justaposição e de configuração que existem também para a história. Existe inclusive uma concepção, muitas vezes criticada por ter sido mal-entendida, de *contemporaneidade* do campo. Essa concepção afirma que tudo aquilo que possui causação está presente no campo atual, contemporâneo. A história aí intervém como sendo aquilo que determina e dispõe o campo presente, com suas rugosidades (Santos, 2020), recortes, enfim, todas as características que dispõem o espaço tal como é. “O presente é um momento num processo e a restituição desse processo é uma construção” diz Kaufmann (1968, p. 10) ao falar desta característica do método. Ela não nega a história, mas a reforça à medida que história é viva e deixa efeitos concretos sobre o presente.

Ao mesmo tempo, no que diz respeito à pessoa, temos a pluralidade do conjunto que a compôs, pensado de forma sistêmica. Tudo é apresentado na perspectiva do instante, da simultaneidade. A causalidade se coloca num tempo, mas pode ser um tempo curto ou longo, dependendo do escopo da pesquisa ou do que quer que seja analisado. Assim, poderíamos mapear um campo que dure 100 anos ou segundos, dependendo do comportamento que se queira analisar. Aqui caberia, sem dúvida, o conceito da análise institucional de “analisador” proposta por Lourau (2004, p.79). Nessa acepção, o analisador seria aquilo que realiza a análise, o acontecimento que mostra uma não conformidade com o instituído, enfim, um conflito pode ser um analisador e, em Lewin, é o que dá ensejo para a construção de um campo. Lourau chamaria o dispositivo de cura analítica de analisador natural e os T-Group de Lewin (que discutiremos mais adiante), de analisadores artificiais.

No tocante à *matemática*, o último ponto, é preciso apontar que não se trata da matemática por ela mesma. Durante algum tempo se pensava na matemática como uma forma de sair da metafísica e da especulação, e que o seu simples uso seria suficiente para dar caráter científico a uma disciplina. À acusação de fisicalismo, Lewin

sempre buscou mostrar que tratava-se mais de matemática do que física. Uma das formas dessa oposição foi a dicotomia entre quantitativo e qualitativo. Mas a identificação da matemática à quantificação é equivocada. A questão é a formalização da linguagem. Por exemplo, a topologia é matemática, mas não é quantitativa (Garcia-Roza, 1972). No entanto, a formalização também tem seus problemas. Por causa disso, o método seria de aproximação gradual, ou seja, sem o desenvolvimento de modelos muito elaborados, pelo menos no início.

O objetivo é criar uma rede de caminhos por terrenos, numa metáfora que Lewin (1964 [1941]) utilizou ao falar de formalização. Se quisermos fazer um sistema de autoestradas por um país, precisamos saber como é a topografia do terreno, mas, para podermos fazer os testes necessários, é preciso maquinário que precisa ser transportado e, consequentemente, supõe-se a própria estrada que está a se construir. Para isso precisamos fazer pequenos caminhos pelo desconhecido, que, aos poucos, vão dando lugar à autoestrada. Porém, há aqueles que

> acham ter encontrado um importante tesouro e tentam construir uma 'superhighway' direto a este ponto sem considerar a estrutura topográfica do país. Muito entusiasmo e trabalho são colocados na construção desta estrada, mas após algum tempo se torna visível que esta 'superhighway' é um fim de linha levando a lugar nenhum. Formalização e matematização se feitos de forma prematura podem levar a estas 'superhighways' lógicas. (Lewin, 1964, p.3)

Teoria e matematização são apenas instrumentos para novos conhecimentos sobre processos psicológicos. Lewin (1964) aponta, portanto, que a matemática deve ser utilizada somente à medida que ajuda nessa empreitada e não impede o progresso da psicologia. Por isso que a topologia, em Lewin, é utilizada de forma muito rudimentar em relação aos desenvolvimentos complexos da topologia matemática. Lewin e Korsch (1939) escreveram um artigo sobre matemática e psicologia, no qual asseveram que os construtos da psicologia precisam ser construtos próprios ao campo. A matemática *na* psicologia precisa ser uma matemática *da* psicologia.

Mas não confundamos esta matemática com estatística. Para Lewin, um único caso pode ser inclusive mais válido do que a frequência de ocorrência. A questão não é tanto o fenótipo, a aparência externa diretamente observável, mas o genótipo, a

natureza condicional-genética do caso. Mas, para isso, o caso deve ser bem analisado na convergência de forças presente. Ou seja, a questão não é a recorrência de um comportamento, mas tudo que o pode ter gerado, seu campo. Para isso, melhor conhecer um caso na sua totalidade do que vários casos em apenas um ou poucos aspectos. (Lewin, [1932] 1972)

A perspectiva de campo para além da mecânica newtoniana que nos vêm à mente quando falamos de dinâmica, vem de Maxwell. seu campo eletromagnético possuía distribuição contínua, interdependente e diferente de apenas uma situação de vetores, mas com elementos interdependentes. As teorias de campo em física foram ter como expoentes mais desenvolvidos a teoria da relatividade e a mecânica quântica (Blanco, 1991, p. 29). Esta interação entre ciências vem de certa perspectiva epistemológica que pensa não numa simples aplicação de conceitos alheios à psicologia, mas a possibilidade de que alguns conceitos, desde que bem trabalhados, podem lançar compreensões diferentes sobre um assunto.

Tanto no campo físico quanto no social existe diferença de realidade entre as propriedades estruturais de um todo dinâmico e as propriedades estruturais de suas subpartes (Lewin, 1964 [1947], p.192). Uma das consequências disso é o igual estatuto de existência entre estes. O grupo existe tanto quanto uma montanha, se pensarmos em grupo como a interdependência entre diferentes indivíduos, isso faz com que o grupo perca seu sentido metafísico e se torne base de alguns problemas empíricos. Mas aqui não tratamos de uma característica comum entre as pessoas, tais como o conjunto de pessoas com joanetes. O que faz um grupo são as relações, não os elementos. Elementos fazem classe, não grupo, o que não impede que estes elementos, se conscientizando como classe, formem grupos. Mais ainda, é mais "fazendo algo com"[6] (Idem, Ibidem, p.193) do que "observando" que a "realidade" do conceito de grupo aparece.

[6] "doing something with" no original.

1.4. Vetores

A topologia é um “ramo não quantitativo da matemática que trata das relações espaciais que podem ser estabelecidas em termos de parte e todo” (Garcia-Rosa, 1972). Seu estudo é das figuras geométricas que se mantêm mesmo quando essas figuras se deformam a ponto de perderem todas as suas propriedades métricas. Ou seja, quando pensamos, por exemplo, num mapa de um metrô, um esquema rodoviário, entre outros, estamos pensando topologicamente, porque não seguimos a escala metro por metro, pensamos antes em direções, esquemas. Essa forma de pensar não é novidade. A topologia como ramo da matemática é relativamente recente, mas o pensamento topológico não. Serres (1994, p. 69) aponta que a topologia é a base da topografia dos mapas e planos. Antes que pudesse mesmo existir, a topologia descrevia posições e tinha expressão em termos proposicionais, como dentro, fora, entre, e noções de orientação, direção, vizinhança, aderência, imersão, entre outras relações que são as do estudo da topologia.

Basta vermos como se desdobra isso. Para termos uma ideia, pego um livro, aqui, não tão ao acaso, e destaco algumas metáforas espaciais a partir de uma leitura em atenção flutuante e recortada:

> Elos. Encontro. Espaços, conexões, cruzamentos, franjas, territórios existenciais. Explorado. Linhas em movimento, forças tendenciais, matérias fluidas. Rastreio. Toque, pouso, reconhecimento. Campo. Rastreio. Em cima embaixo e por todos os lados. elo territorial. Passeio. transversal. Elementos, forças ou linhas que atuam simultaneamente. Novelo, conjunto multilinear. linhas – visibilidade, enunciação, força e subjetivação. Linhas de força – entrecruzam as palavras e as coisas. Flechas. Passam por todos os pontos do dispositivo. Linhas de subjetivação: linhas que inventam modos de existir. Borda externa de um dispositivo. Delinear a passagem de um dispositivo a outro.

Essas expressões não são encontradas apenas nesse livro (Escóssia; Passos; Kastrup, 2015). Convido as pessoas a passarem os olhos pelos seus livros para perceberem uma espacialidade não física e não métrica. No livro de Garcia Roza(1972) existe um pequeno momento em que se fala de como uma criança, ao

desenhar a figura humana, mantém com ela relações puramente topológicas. As deformações são de tal ordem que apenas as propriedades fundamentais da figura são mantidas. Essas formas são um prato cheio para a imaginação e, consequentemente, para nossa apreensão do mundo.

Eu já tinha tido um percurso de encantamento e estudo com a topologia lacaniana. Passei um tempo estudando a sua obra, mas, à medida que ia trabalhando e desenvolvendo minha prática no sistema socioeducativo, fui me ligando em outras espacialidades. Lacan articulava o inconsciente e as suas lógicas, levando a cabo a sua ideia de relacionar inconsciente à superfície. Se, por um momento, a pesquisa em psicanálise foi, aos poucos, criticando a noção freudiana de "psicologia profunda", cada vez mais Lacan foi tematizando as superfícies. Ele afirmava que o inconsciente estava nas superfícies, não nas profundezas. Com isso, dava ao inconsciente uma nova perspectiva espacial que se enveredou pela matemática e especialmente pela topologia como maneira de demonstrar os processos subjacentes. Avesso e direito, o inconsciente estava fora e dentro ao mesmo tempo, com uma crítica da tópica freudiana, à qual se referia zombeteiramente como um "saco".

Já em Lewin (1973 [1932]), na obra "*Princípios de Psicologia Topológica*", essa perspectiva partia de uma noção de *Espaço Psicológico*, quando visto pelo lado do indivíduo e *Espaço Social*, quando visto a partir de uma concepção de grupo ou de sociedade.

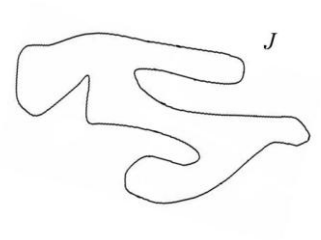
O campo é construído topologicamente por aproximações sucessivas do Espaço de Vida, num todo que é, a princípio, aberto. Este conceito, que ele toma inicialmente de uma perspectiva da Psicologia da Gestalt, de Kohler e Koffka (1963), tem como principal fator a ideia de que o todo é mais que a soma das partes. Essa ideia é levemente transformada na perspectiva de Lewin, que pensava de forma diferente. O todo tem propriedades que não se resumem à soma dos elementos. Dinamicamente, temos um campo que pode se montar junto a várias teorias e formas de pensar. O mais interessante da teoria de campo é como pode incluir um sem número de coisas, cada vez maior. A única questão é que as coisas não sejam vistas pela ótica de um essencialismo ou classificação de tipos. Trata-se de um método construtivo e dinâmico em que o mais importante não são exatamente os conceitos, mas como os conceitos se relacionam nesse todo dinâmico, ou ainda, como eles são interdependentes.

> Estou convencido que existe um espaço social dotado de todas as características essenciais de um espaço empírico real, merecedor de tanta atenção dos estudiosos de Geometria e Matemática quanto o espaço físico, embora não seja físico. (Lewin, 1973 [1932], p.7)

Ele fala aqui do conceito de Espaço de Vida (*Life space* em inglês ou *Lebensraum*[7] em Alemão). É uma forma de considerar a pessoa e seu meio como "uma constelação de fatores interdependentes", como necessidades, metas, influências inconscientes, memórias, crenças, eventos de natureza política, econômica e social, e qualquer coisa que tenha efeitos sobre o comportamento (Marrow, 1969, p. 35). Inclui também o passado e o futuro, tanto na perspectiva da pessoa quanto das relações entre esta e o meio social. Essa interdependência é o que permite, por exemplo, relacionar conceitos freudianos com conceitos advindos da sociologia. A topologia, para Lewin, é apenas parte do campo, devendo ser completada com alguns outros conceitos, como barreira, fluidez do espaço, a n-dimensionalidade, pensada como estratos contínuos que se interpenetram, entre outros temas que vamos tratar nesta tese. "Como os números, os conceitos topológicos são matemáticos, não físicos, em sua natureza" (Lewin, 1973 [1932], p. 76).

Na sua topologia, Lewin utilizava principalmente as chamadas curvas de Jordan (Lewin, 1973 [1932]), que são curvas fechadas que não se entrecortam.

Figura 1. Exemplo de curva de Jordan.

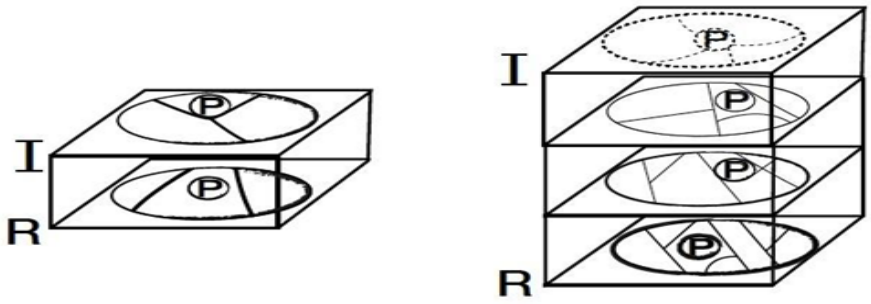


Fonte:https://www.researchgate.net/figure/Figura-32-La-curva-de-Jordan_fig5_283721713. Figura de Jésus Medina.

[7] Esta é uma palavra com uma triste história. Lewin, ele mesmo vítima do nazismo, usou o termo do geógrafo Friedrich Ratzel (1844-1904) possivelmente para evocar a própria geografia na sua formação de conceitos. No entanto, seu uso difere consideravelmente, dado que para Lewin ele teria caráter apenas descritivo ao passo que para Ratzel o conceito estava ligado ao de nação e nacionalismo (Bhambra, 2019). Foi no sentido de Ratzel que o nazismo utilizou o termo, justificando sua expansão territorial.

Um círculo é um exemplo de curva de Jordan. No entanto, essas curvas são exemplo do que Lacan chamou de “a derrisão da esfera” (Lacan, 2010). Havia, em Lacan, uma crítica dessa figura topológica, por demais inteira. Ele privilegiava as figuras não orientáveis, sem dentro e fora, ou o toro, que é uma figura que tem um furo no meio, como uma rosquinha. As figuras com que Lacan trabalhava eram um pouco diferentes, especialmente por incorporar a tridimensionalidade. Em Lewin existiam essas tridimensionalidades, mas elas eram feitas em diferentes secções, que corresponderiam a níveis de realidade. Por exemplo:

Figura 2. Níveis de realidade do espaço de vida numa criança e num adulto.



Fonte: Lewin, 1973, p 227.

Em cada uma dessas imagens temos perspectivas diferentes do espaço de vida. No primeiro seria a expressão de um espaço de vida de uma criança; o segundo, de um adulto. O estrato inferior seria algo como o nível de maior realidade. “P” significa *pessoa*. “R” significa *realidade* e “I” significa *irrealidade*. Essa topologia sugere uma diversificação de estratos, sendo que o campo inferior corresponderia ao *quase-físico*[8], ou seja, a superfície em que o espaço de vida mais se assemelha ao espaço

[8] “Quase” é um recurso utilizado muitas vezes por Lewin, algo anti-essencialista. “Quase-físico” servia para falar deste estrato muito parecido com o espaço físico, mas que não se confunde com ele, já que é recortado por conceitos psicológicos. Também temos conceitos como “quase-

físico, mas se diferenciando dele por ser recortado por sentidos e forças. As forças não estão sendo expressas aqui para a clareza da exposição e porque há primeiro uma elaboração da topologia, sendo a hodologia deixada para outro livro.

Pois bem, temos a pessoa e seu ambiente, que tem níveis diferentes de realidade. Cada estrato é um corte, com diferenciações onde o nível de realidade é quase-físico nos estratos inferiores e vai se tornando mais irreal à medida que os estratos são superpostos. No campo do irreal estão as aspirações, sonhos e saudades. Ou ainda: “nível do fazer e nível do pensar” (Lewin, 1964, p 10). Quando comecei a pensar no conceito, pensei que *irreal* era um nome que remetia à certa essencialização do real e pensei que tratar-se-ia mais talvez de *virtualidade* (Deleuze, 2009 e Levy, 1996). Na verdade, esses cortes são descontinuidades, planos recortando uma tridimensionalidade pensada como contínua, para ver como uma área vai se tornando diferente à medida que é mais irreal. Porém, abandonei essa leitura, de ver o irreal como virtual, porque não se trata de algo existente como potência ou possibilidade, mas de fato existente. A palavra irreal tem um sentido um tanto desconfortável mas traz uma abertura para uma discussão entre os conceitos de existência e realidade. Por isso, mantenho os termos originais.

Na figura acima as linhas também têm significação. Uma linha mais robusta significa barreiras mais firmes e menos penetráveis. Uma linha mais fina, barreiras mais penetráveis e a linha pontilhada seria um limite menos definido. Por exemplo, nos estratos superiores, a pessoa P já não é tão claramente separada do ambiente. O significado disso é que a separação pessoa e ambiente diz respeito apenas à certa individuação do espaço de vida e que em partes mais irreais do campo a separação começa a diminuir a ponto de uma outra pessoa ou um objeto estar numa relação de continuidade com uma região do espaço de vida individuada como pessoa. Ou seja, por mais separados que sejamos, pode ser que uma agressão a uma pessoa que amamos seja como uma agressão contra nós mesmos ou até doer mais que uma agressão ao nosso corpo, ou então, em certo sentido, a casa em que moramos ser parte de nós, enfim, toda uma transitividade de afetos e individuações que fazem com que o contínuo exista com o descontínuo no espaço de vida.

conceitual” para falar das ideias que aparecem nos estratos mais irreais e até mesmo “quase-sociais”.

Pelos desenvolvimentos posteriores da psicologia, psicanálise e filosofia, não podemos pensar no sujeito como uma curva de Jordan, fechada. Para usar uma linguagem mais próxima de Simondon (2020), podemos adotar a noção de equilíbrio metaestável, que é um equilíbrio custoso, permanentemente em mudança e com muitas tensões em jogo. Esse conceito é utilizado como crítica à ideia de um indivíduo ou totalidade fechada ou de equilíbrio estável. Simondon (2020, p. 349) dizia que "grau de metaestabilidade" pode ser nomeado como "tensão psíquica". O que se cria aqui, tanto em Lewin, quanto em Simondon, é a ideia de potenciais. Lewin vai tentar resolver esta questão, colocando, na sua concepção, as energias potenciais por meio da hodologia e de alguns aspectos da topologia, sem pensar que necessariamente todo equilíbrio é metaestável. "*Hodos*" é o grego para caminho, ou seja, a hodologia falaria desse caminho de que falávamos há pouco, mas colocando pessoas, grupos ou regiões do Espaço de Vida em função dessas forças que estabelecem caminhos e tensões a partir das atrações ou repulsões dos demais elementos do campo. A hodologia faz com que o campo tenha características de uma dinâmica comparecendo em uma topologia. É expressa por vetores e, por isso, Lewin também a chamava pelo termo "psicologia vetorial". Os caminhos são os movimentos do campo destes elementos, a partir dessas atrações ou repulsões, mas estes caminhos vão ser constituídos em função destas forças. Ou seja, se tratará de um espaço onde o caminho mais curto entre dois pontos não será uma linha reta, mas um *caminho privilegiado* seguindo as barreiras e as forças, sendo por isso outro espaço que não o da geometria euclidiana. O vetor é o que propriamente especializa as noções psicológicas, dando-lhes direção, não apenas escala (Kaufmann, 1968). Essa interação entre topologia e hodologia, com seus campos reestruturáveis por forças e diversos tipos de tensão e equilíbrio – que não formam um *telos* do equilíbrio por si – é uma metateoria em desenvolvimento, que foi retomada, criticada, complexificada por outros autores ao longo do tempo. Simondon foi um deles, Jacques Lacan outro, mas cada um também à sua maneira deixando de lado tantos outros aspectos de uma teoria complexa.

Lacan (2010), afirma que a esfera, que corresponde, a partir da topologia, a uma curva de Jordan, é algo que precisa de crítica enquanto modelo para o sujeito. É daí que parte sua topologia própria, com figuras como a garrafa de Klein, e outros objetos de um lado só, que não encerram um dentro e um fora, onde há continuidade entre eles. A nossa questão, portanto, poderia ser expressa assim: "Como colocar

uma garrafa de Klein no modelo de Lewin? ” A garrafa de Klein é uma figura topológica escolhida por Lacan para expressar uma figura sem volume, ou seja, sem um dentro. A perspectiva então era de uma colocação da questão do sujeito e do inconsciente em superfícies, de acordo com a crítica do intrapsíquico performada por Lacan, à época. Suas figuras topológicas são, em certo sentido, soluções para problemas decorrentes de perspectivas bidimensionais sobre o sujeito, quer elas estejam figuradas ou não. A garrafa de Klein e a banda de Moebius são soluções para essa questão sobre a continuidade ou descontinuidade entre interno e externo. Os nós borromeanos são soluções para uma perspectiva que dê tridimensionalidade aos registros e são formas de colocá-los interseccionalmente, ou seja, depreendendo dos cruzamentos entre os nós uma lógica, que seria a lógica própria dos conteúdos inconscientes. No entanto, talvez a excessiva ênfase em lógica e formalização seja prejudicial à pesquisa, tanto em psicologia quanto em psicanálise.

Para retomar um termo utilizado logo acima, é como se fosse uma “superhighway”, uma linha cortando um espaço liso sem fazer uma topografia do terreno, que só pode ser feito por pequenos caminhos. No caso, Lacan pensava em termos lógicos, mesmo que sua lógica não seja a mesma da matemática ou mesmo da filosofia, é uma lógica própria à psicanálise.

No caso, aqui, como Lewin pensava em uma topologia a princípio[9] bidimensional mas estratificada, talvez seja interessante pensar na torção de uma banda como uma possibilidade a mais de apresentar as permeabilidades colocadas por Lewin. Propomos que esta garrafa de Klein esteja em um Espaço de Vida, não no espaço quase etéreo e sem lugar que Lacan desenvolveu. Santos (2020) diferencia lugar de espaço. Lugar é algo que tem uma geografia, uma cartografia possível. Espaço é algo que pode ser completamente abstrato. Lewin propõe uma topologia que tem lugar, é um espaço de vida, de vida vivida e vívida. Mesmo que não corresponda ao espaço físico (pelo menos não em sua inteireza), a topologia de Lewin não fala de um sujeito abstrato, mas de pessoas que andam na rua. Fala de fulano, de sicrano. Isso me despertou para as potencialidades de sua teoria de campo e de seu uso. É isso que esta pesquisa pretende investigar.

[9] À princípio, porque como visto acima, a sua perspectiva era de n-dimensões, mas ele começa a construção bidimensionalmente.

No entanto, Lewin é produto de seu tempo e de seu lugar, e, por isso, em sua teoria, existe uma perspectiva cientificista que não corresponde exatamente ao que queremos produzir. Nossa questão é o que essa perspectiva coloca em termos de expressão, o que indica uma certa virada crítica desta pesquisa em relação ao cientificismo de Lewin. O termo que Lewin mais usava era “representação” – ele cria que, ao construir suas figuras hodológicas, estava criando um meio de representar o mundo tal como ele é. Pois bem, pretendemos privilegiar os aspectos expressivos de sua teoria, visto que a hodologia é mais próxima de uma linguagem para expressar relações, que permite expressar as coisas diferentemente do que faz uma representação da realidade do mundo. Trata-se, portanto, de entender que haverá tantas cartografias quanto cada um se propuser a criá-las. Elas não representam o mundo, antes, criam expressões e entendimentos diversos, tal como foi para o próprio Lewin, que pôde, por meio dessa prática, falar sobre questões diversas, desde os guetos na Alemanha, até as tensões raciais nos Estados Unidos. Suas construções não eram representações daqueles estados de coisas, mas, antes, entendimentos de relações de poder que puderam ser expressas hodologicamente.

Kurt Lewin estruturava uma perspectiva cientificista e matemática para os fenômenos psíquicos. Parte de seu trabalho incluía a mensuração das forças psicológicas, mas, como já dissemos, numa matematização não quantitativa. Um dos exemplos não apenas do cuidado, mas da valorização deste aspecto, é que no livro (Lewin, 2013) chamado “A Representação Conceitual e a Mensuração das Forças Psicológicas”[10], a parte de mensuração não contém medições numéricas, mas de relações do tipo maior que (>) ou menor que (<). Para Lewin, não é apenas questão de ser matematização prematura da psicologia, mas se é possível uma medição em grandezas numéricas. Nesse livro, que é quase um livro de matemática, Lewin estabelece termos formais matemáticos para as forças psicológicas. Um dos termos é expresso pela fórmula seguinte, já famosa:

$$C=f(PA)$$

[10] “The Conceptual Representation and Measurement of Psychological Forces” no original, nunca traduzido para o português. O título em português aqui apresentado é sugestão de tradução nossa.

Essa fórmula propõe que o comportamento (C) é função (f) do indivíduo (P) com o ambiente (A). Ou seja, a conduta não pode ser pensada fora de seu espaço e lugar e o uso da notação matemática de função, colocação em fórmula, aponta uma interdependência inextricável.

Simondon (2020) aponta que, para além de pensar a pessoa, é necessário tomar as coisas pela ponta do devir. Nesse autor, devir e ser têm coincidência, não são opostos. A questão para ele era da ontogênese, a maneira pela qual cada indivíduo é também resultado de um processo de individuação, no qual indivíduo e ambiente entram numa relação. O psiquismo é uma dessas formas, composto de "ressonâncias do ser relativamente a si próprio, atrelando o ser individuado à realidade pré-individual que lhe está associada" (Idem, p. 26). No entanto, o psiquismo não pode se resolver sozinho, no nível do individuado. Ele é a base para uma individuação mais vasta porque sozinho "o ser individual, colocando-se em questão, não pode ir além dos limites da angústia".

Ele criticava a fórmula de Lewin, porque, pela sua própria teoria, não basta apenas considerar indivíduo e meio, mas também sua relação como terceiro (Idem, 2020, p. 348). Afirma, por isso, que a relação de incompatibilidade do sujeito com o meio existe somente em potencial, ou seja, não há exatamente apreensão de uma forma, mas invenção de uma forma, como se isso fosse o contrário do que Lewin propunha. Ainda, esquecendo-se que Lewin encara as forças como não apenas realizando locomoções e tensões, mas reestruturando todo o campo, afirma que "a percepção não modifica somente a relação entre sujeito e objeto, mas ainda a estrutura do objeto e a do sujeito". Essa colocação, apresentada como crítica à Lewin poderia ser depreendida dos seus primeiros escritos, como por exemplo "Paisagem da Guerra" (Lewin, [1917] 2009), onde a mudança na estrutura perceptiva da paisagem pela guerra também transforma os sujeitos, numa processualidade das tensões, onde uma pessoa pode mudar os comportamentos morais de uma situação de paz para um uso dos recursos que anteriormente consideraria como produtos de saque para objetos de uso legítimo. A mudança é paulatina, de forma que os novos recrutas veem os veteranos como "'hienas do campo de batalha' que roubam dos mortos suas provisões e equipamento" (p.102). Ou ainda, como ele próprio, em um deslocamento, demorou a se perceber em "paisagem de guerra" com todas a reestruturações de campo perceptivo de perigo que implicaram estar nela, porque

passava por um povoado pacífico[11]. Por mais que estejamos falando de coisas difíceis, como a experiência de soldado na guerra, retomo esse artigo porque por meio dele é possível mostrar como, no Lewin mais precoce (e no tardio igualmente), a estrutura do objeto e do sujeito é modificada, não apenas sua relação. Poderíamos ainda objetar que uma mudança na relação não é apenas uma "apreensão de uma forma" ou ainda que não há possibilidade de relação de sujeito e objeto sem alteração de suas formas e estruturas respectivas pelas forças e tensões.

Esta crítica da crítica retoma a discussão da leitura de Lewin por Simondon (2020), e temos ainda algo mais a dizer sobre isso. Simondon lê Lewin como se fosse um substancialista ou essencialista, compreendendo que os termos pessoa e ambiente seriam prévios, já individuados. Ora, a fórmula C = f(P.A) não significa que os elementos são individualizados, mas como elementos em relação num processo interconstitutivo. Lewin, antes de tudo, tomava a situação como elemento realmente prévio, e sua teoria da pessoa é diferente da forma que Simondon entendia a pessoa, como um ente já individuado. O conceito de pessoa em Lewin se aproxima mais, especialmente se pensarmos na sua teoria da personalidade, do que Simondon (p. 462) conceitua como *sujeito*, que é um sistema de coerência que tem como constituintes três fases sucessivas: "pré-individual, individuada e transindividual, ao que designam os conceitos de natureza, indivíduo, espiritualidade." Em Lewin, poderíamos corresponder vários elementos a natureza pré-individual (historicamente, seu próprio processo de separação do ambiente e sistemicamente, às zonas fronteiriças, à causalidade circular, à própria indissociabilidade do campo e da situação) e à realidade transindividuada aos estratos mais irreais do espaço de vida, especialmente valores, ideologia, pertença, aspirações coletivas, entre outros.

Ao contrário do que Simondon faz parecer, sua teoria é dinâmica e inclui as ações do indivíduo, ele mesmo dividido em diversas partes, ora conflitantes, ora funcionando num processo de transformação mútua entre as partes. Ou seja, uma análise a partir do conflito e da transformação, processual.

> O centro de interesse transfere-se dos objetos para os processos, dos estados para as mudanças de estado. Se o espaço vital é uma totalidade de eventos possíveis, então as 'coisas' que participam da situação, especialmente a

[11] Que depois, diria em nota de rodapé (p. 100), poderia se transformar "no conceito de povoado como objeto de combate, quando no 'interior' das casas, ainda que com suas peculiaridades militares, pode-se encontrar provisões".

> própria pessoa e os 'objetos' psicológicos, têm de ser caracterizadas pelas suas relações com os eventos possíveis (Lewin, 1972, p. 34).

A implicação disso é que a fórmula C=f(P.A) tem dois complementos (Garcia-Roza, 1973, p. 132):

P=f(A) e A=f(P)

Ou seja, a pessoa é função do ambiente e o ambiente é função da pessoa. A epistemologia que está na perspectiva da teoria de campo impede tomar qualquer fator por si próprio, qualquer essencialização, já que um é função do outro. As diferenças dos modos de separação e junção entre eles chegam ao ponto de a relação passar à indeterminação e à indiferenciação no plano de maior irrealidade, ou seja, não separados como termos de uma relação. Por exemplo, numa perspectiva de futuro distante, com idealizações, temos uma indiferenciação maior entre pessoa e ambiente. Uma das formas de Lewin nomear isso é "relação causal circular entre pessoa e ambiente". *Pessoa* é um complexo campo energético no qual qualquer comportamento pode ser concebido como uma mudança em algum estado do campo durante uma unidade de tempo dada. (Marrow, 1969, p.30). Pessoa é algo concreto e complexo.

No entanto, foi esse o argumento de Simondon para afirmar que a mera representação visual não basta, é preciso, de alguma forma, ir além da topologia que vê o atual, mas que teria alguma dificuldade de colocar em concepção os potenciais, a molecularidade. Lewin trata disso com o conceito de psicologia hodológica (Lewin, 1972), que são as forças em questão na relação entre as regiões do espaço de vida. No entanto, Simondon aponta que essas relações vão para além de forças que se interinfluenciam – um pensamento mais próximo do seu conceito de transdução. A transdução e a informação parecem fazer uma crítica da mera aposição de forças no encontro entre as regiões.

A transdução é uma operação de amplificação recursiva que se dá através de escalas e de meios diferentes, propagando-se dentro de um campo camada por camada. Descreve a interação entre realidades em modificações contínuas, de ligações entre diferentes elementos e de forças que nunca se resolvem. Em Simondon as coisas estão sempre em equilíbrio metaestável no que diz respeito ao vivente, ou

seja, existe sempre uma tensão subjacente. A possibilidade de o sistema manter-se sempre estável equivaleria, no dizer de Simondon, à morte, à impossibilidade de novas individuações. “A informação é a tensão entre dois reais díspares, é a significação que surgirá quando uma operação de individuação descobrir a dimensão segundo a qual dois reais díspares podem devir sistema. ” (p. 26) Mais adiante retornaremos a estes conceitos porque a totalidade da crítica de Simondon exige uma discussão sobre equilíbrio, que trataremos mais à frente.

Simondon também tem sua topologia, que comparece como aquela do *vivente*, num capítulo interessante do livro “*A Individuação à Luz das Noções de Forma e Informação*”. Quando ele diz isso, “vivente”, ele fala de uma individuação em espaços não exatamente irreais, como Lewin pensava, mas na continuidade, no vivente, entre dentro e fora. Essa diferenciação, capital para nosso estudo, é realizada pelo próprio Simondon quando vai falar da individuação social.

Lewin fala de algo que pode passar por múltiplas diferenciações[12] em regiões livremente deformáveis e em contato com outras regiões, com barreiras e permeabilidade entre elas; cada uma dessas regiões está sujeita à ação de forças, psicológicas ou físicas em qualquer direção. Além disso, temos dimensões que equivalem a níveis de realidade, com potenciais de múltiplas diferenciações em estratos de mais ou menos virtualidade. O sujeito aí também pode se ver cindido, como aponta Kaufmann (1968, p. 146) ao ler um artigo de Dembo e Lewin ([1941] 1999) sobre metas substitutivas, conceito importante para a psicanálise que aponta para divisões do indivíduo em regiões e barreiras internas. As barreiras podem levar, do ponto de vista dinâmico, ao conceito de recalque, que não é incongruente com a metateoria de Lewin, conforme façamos, como Freud, a separação entre afeto e representação, própria do conceito de recalque, e a separação de níveis de realidade proposta na psicologia topológica.

Remetemos aqui a Spinoza (2009 [1667]) e seu próprio conceito de indivíduo. Para Spinoza, o indivíduo é sempre multiplamente composto, sendo uma pessoa, por

[12] Deveria haver um momento em que não é possível mais a divisão em mais regiões. Essa divisibilidade infinita diria respeito ao espaço físico (pelo menos numa perspectiva da física clássica) e, para Lewin, não é interessante tomar o espaço social e psicológico como equivalente ao físico. No entanto, ele fala isso para negar a divisão infinitesimal do Espaço de Vida, não a possibilidade de um espaço cada vez mais diferenciado à medida que se complexificam as forças e regiões. Há aí um debate que passa inclusive pela ideia de *quanta*, ou seja, quantidades discretas, pacotes. A ideia de que uma região tem sempre extensão também afirma que não é possível chegar ao *ponto*, quando falamos de Espaço de Vida.

exemplo, uma multidão de indivíduos numa relação sistêmica[13], pois o que faz um indivíduo é uma composição. Há alguma semelhança entre esta visão e a de Lewin. Porque, para Spinoza[14], a questão era de estudar os afetos como "linhas, superfícies ou corpos" (E III, Prefácio) e em Lewin também. O filósofo holandês também pensava sobre uma imanência sujeita a múltiplas afecções de forma espacial, com partes decomponíveis que são sujeitas a múltiplas deformações. A concepção de psicologia Hodológica lembra a teoria de Spinoza de formas as mais diferentes, que será objeto de estudo também nesta tese. Não pretendemos mostrar correspondências exatas, mas convergências.

No que diz respeito ao espaço, cabe chamar para a conversa Jorge Luiz Borges (2018 [1949]), que trabalha o conceito de espacialidade no conto *Aleph*. Nesse conto, *Aleph* é um ponto no espaço de onde se pode ver todos os outros pontos, ou ainda, "uma esfera cujo centro está em toda parte e a circunferência em parte alguma". O que impede a topologia de Lewin de recair nesse espaço absoluto de Borges é o aspecto construtivo de seu trabalho e de suas delimitações. O espaço de Lewin é sempre um recorte e estruturado até certo grau, mas não infinitamente estruturado.

Enfim, tratamos com ele de pensar um todo dinâmico, não a totalidade das coisas. Existe, portanto, um trabalho de construção do campo, sobre o que entra, o que não entra, o que é considerado ou não. A graça toda está no campo aberto, na possibilidade de criação que a perspectiva coloca. A possibilidade de o centro estar em qualquer parte é a própria ideia desse método, que permite pensar em várias perspectivas. Todo lugar pode ser o centro. Ou ainda, no dizer de Eduardo Viveiros de Castro (2024), inverter a lógica do Aleph de Borges, e conceber um lugar onde a circunferência está em toda parte e o centro em lugar nenhum.

Isso vai no caminho do pensamento proposto por Rauter (2012) sobre uma superfície clínica. Não se trata mais de pensar em uma psicologia das profundidades, mas em uma psicologia das superfícies. Ao contrário, por que não ver no profundo

[13] Cabe apontar que "sistema" é uma leitura possível para a composição de corpos de Spinoza. podemos ver isso na Ética II Proposição 13 Definição e Lema 4, onde a palavra sistema não é utilizada, mas as palavras justaposição e corpos unidos. Sistema, posto assim, aparece na obra de Lordon (2015).

[14] As citações a Spinoza tomarão um modelo já conhecido entre as pessoas que o estudam: a primeira letra indica o livro, os números romanos seguintes o capítulo. a letra seguinte indica se é proposição, axioma ou definição, seguida de um algarismo numérico indicado seu número no texto. por fim, indica-se se é parte da demonstração ou escólio da referida proposição.

aquilo que não tem pontos de contato (Tournier, 2014)? A ideia de Viveiros de Castro parece levar um pouco para isso, especialmente porque é de uma espacialidade que leva em conta o lugar como ponto de contato. A ideia de centro, espacialmente de um centro de onde o falante tira sua posição, poderia ser vista como uma mera multiplicação dos centros, um multiperspectivismo. Mas temos também a possibilidade de ver isto por meio do contato entre as superfícies, em larga medida, uma ideia de várias circunferências sem centro, com os diversos elementos deste espaço afetando os outros, sistematicamente, em contatos, diferenciações e forças.

São propostas mais fundadas no caos do que num estruturalismo sistemático. Relacional, menos substancialista e, por isso, a ideia de circunferências sem centro. É o contato entre as superfícies que nos interessa, mais do que uma profundidade. A estruturação completa do espaço comparece mais como aproximação assintótica do que algo que pode se efetivar realmente. Porque se nessa espacialidade de Lewin há centro, este centro é o conflito, a partir de onde o clínico[15] pode pode proceder o método construtivo, e como tal, se define mais pelos seus pontos de contato e relações do que por um conceito ideal como centro. O centro não poderia ser a pessoa, porque os campos de mais de uma pessoa podem se superpor, ou, no caso de um espaço social, grupos. Podemos ter várias pessoas no mesmo campo, enfim, sem centro e sem o uso do conceito de centro.

1.5. Superfícies, Fronteiras, Circunferências, Bordas

As superfícies, quando falamos em superfícies clínicas, têm vários caminhos. Deleuze (2009), no livro “A Lógica do Sentido”, nos mostra que é possível pensar no sujeito a partir de superfícies. Para isso ele assume a discussão de uma psicanalista igualmente espacializante, Melanie Klein. Ela falava em *posições*, como posição esquizoparanóide (que Deleuze coloca como sendo ligada a uma profundeza) e uma posição depressiva, ligada às alturas. Aliás, essa ligação com as alturas é mediada por uma imagem, chamada de ídolo. Nas profundezas, essa imagem se chama simulacro. É uma imagem de objeto, mas não com a consistência de um objeto ou mesmo de uma imagem. Mas estas alturas e profundezas constituiriam uma

[15] O termo “*clinician*” aparece muitas vezes no texto de Lewin para designar tanto o pesquisador quanto o psicólogo em sua prática de ação social. O termo em inglês é quase equivalente ao sentido usual de “clínico”, em português.

superfície, a qual, por meio de um processo chamado adsorção[16], vai estabelecer uma relação com a profundidade e a altura. Há uma topologia de uma superfície cortando um espaço tridimensional nessa perspectiva de Deleuze de antes do Anti-Édipo.

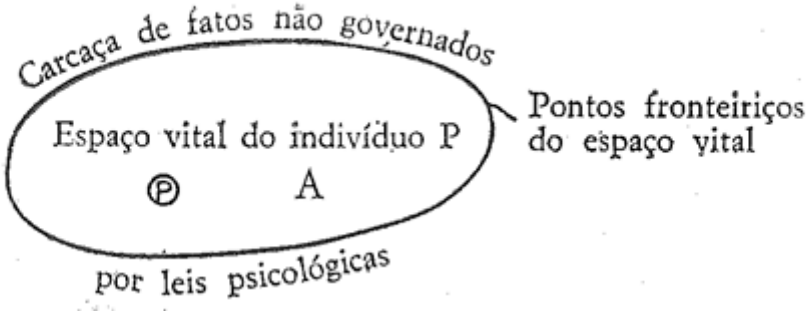
Há uma certa evasiva de Lewin do problema "euclidiano ou não euclidiano". Seu espaço era "quase euclidiano" (Lewin, 1972), no sentido que era, mas na verdade não muito. A graça está na palavra "quase". Este tipo de solução, bem prática e pouco essencialista aparece o tempo todo em seus escritos. Um dos fatores que ele aponta para seu espaço não ser exatamente euclidiano consiste na ideia de que a menor distância entre dois pontos não é uma reta, mas o "caminho privilegiado". Se pensarmos no ponto como um indivíduo, por exemplo, o caminho vai ser aquele que o próprio espaço de vida determina por sua forma, barreiras, campos de força, vetores. É como pensar em um mapa. Se formos pensar geometricamente, o caminho mais curto da UFF para o Pão de Açúcar só poderia ser nadando ou pegando um bote. No entanto, na topologia de Lewin (e na vida de uma pessoa), o caminho mais curto será pela barca, que obriga a pessoa a ir para pontos intermediários até chegar ao destino. Um desses pontos, por exemplo, será afetado pelo dinheiro que se precisa para atravessar, de forma que, para pensar a distância, é necessário pensar que tal ponto tem várias questões que não só o espaço físico ou geométrico. O dinheiro é um vetor que pode ter mais força ou menos força para uns que para outros, então, para decidir a distância entre o Pão de Açúcar e a UFF, necessariamente temos que pensar por que a pessoa quer ir para o Pão de Açúcar em primeiro lugar. Ao contrário de uma situação matemática, sem a finalidade, não existe cálculo de condições. Parte do interesse por essa metateoria é não podermos pensar em situações ideais, elas necessariamente precisam de contexto e lugar.

As dimensões também entram em jogo aqui. Retomando o debate posto acima, temos uma pergunta sobre se o espaço de vida é fechado ou não. Quando dizemos aqui "fechado" nos referimos ao espaço topológico fechado, que é aquele que inclui seus limites, ou melhor, "cada área circundante de um ponto fronteiriço contém pontos que não pertencem a região" (Lewin, 1972, p. 109). Um espaço topologicamente aberto, ao contrário do que possa parecer intuitivamente, possui, para cada ponto, uma área circundante que está inteiramente dentro da região. Lewin aponta que sim, seria fechado, até porque é um espaço *dinamicamente*

[16] Adsorção é um processo em química pelo qual elementos se juntam a uma superfície.

aberto. É possível confundir, porque aberto e fechado significam coisas diferentes na dinâmica, ou ainda confundir com limitado e ilimitado, que em topologia significa a diferença, na bidimensionalidade entre um plano e uma figura como um triângulo. Cada elemento do campo estaria em contato com influências externas ou, como diria Lewin, um espaço psicológico pode ser perturbado por fatores não psicológicos. Por exemplo, uma pessoa estudando pode ser interrompida por um barulho fora de casa, ou um grupo social pode ter sua dinâmica alterada por uma catástrofe climática. Primeiramente, Lewin pensava em uma superfície cujos limites estariam em contato com tais externalidades, tais como apresentados na figura abaixo:

Figura 3 – Pontos fronteiriços do espaço de vida



P = Pessoa

A= Ambiente

Fonte: (Lewin, 1973, p. 93)

Essa figura mostra o Espaço de Vida do indivíduo P. Há coisas fora deste espaço que têm efeito sobre este, tais como os fatos que descrevemos acima. Pois bem, a primeira representação disso, feita por Lewin, considerava este campo como dinamicamente aberto com o exterior. No limite do Espaço de vida, pensando bidimensionalmente, temos este fora, que é não psicológico. Mas, posteriormente, ele percebeu que a melhor forma de pensar nesses problemas é concebendo um espaço em que *todos* os pontos são limítrofes com um mundo que, em si, não é psicológico, ou seja, no mínimo o Espaço de Vida é uma superfície num espaço tridimensional. Há uma solução topológica importante aí: é a aposição de mais dimensões no Espaço de Vida. Assim, em cada ponto do plano estaria o limite de um espaço tridimensional, no sentido que o campo psicológico pode receber influências em qualquer lugar do campo de eventos não psicológicos, e isso significa que qualquer espaço dessa

superfície pode se modificar por um acontecimento que está fora do campo. Lewin (1964 [1939]) dava a este estudo, que é parte da própria concepção topo-hodológica, o nome de psicologia ecológica.

Existe inclusive a possibilidade de um espaço com mais de três dimensões, dado que este espaço de vida pode se diferenciar em múltiplos estratos. Estaríamos aí numa topologia de n-dimensões. Lewin apresenta esta questão como noções, que não precisam estar em cada mapeamento deste espaço de vida, mas que merecem ser colocadas em questão: a cada momento podem acontecer eventos ou influências de fora do campo. A hipótese de um lugar sem centro, onde tudo é circunferência, apontada por Viveiros de Castro (2024), se coloca ao oposto do Aleph borgeano. À topologia se juntaria o estudo das forças, ou vetores. As forças seriam quaisquer coisas que impelem um sujeito à ação ou deslocamento no espaço de vida.

Múltiplos estratos, perpassados por forças que podem estar em níveis de realidade. Tudo isso lembra os diversos estratos dos mil platôs de intensidade, de Deleuze e Guattari. Não apenas, mas, à medida que à topologia conjugamos forças, na hodologia, temos a espacialidade evocada no rizoma, n-dimensional com multiplicidades lineares. Obviamente não é a mesma coisa, é *evocação*. Por mais que conte com desenhos, mapas, gráficos – o espaço hodológico é irrepresentável, e cada uma dessas construções figurativas é parcial em relação a este. O recurso ao mapa, ao desenho, fui perceber depois de me fascinar com as imagens que aparecem por toda a obra de Lewin, pode atrapalhar a compreensão sobre este espaço, porque o que o caracteriza é esta irrepresentabilidade. Mas o recurso gráfico não o nega, antes, potencializa sua expressão.

1.6. Objetivos

Uma das maiores dificuldades de estudar Lewin é a amplitude do escopo de seus estudos. Passamos por psicologia, seguido de sociologia, da própria psicologia social, da qual ele foi um dos pioneiros, passando pela epistemologia, topologia, matemática, ontogênese, prática de grupos, pesquisa-ação, política, psicologia das organizações e psicanálise (esta última parece uma surpresa, mas é notável a influência e coerência proposicional com esta). Ao estudá-lo, me perguntei algumas vezes que caminho seguir e percebi que os temas não podiam ser abordados individualmente, porque um tema ia depurando o outro, dando coerência à sua proposição.

A perspectiva de Lewin é o método construtivo, onde espaço e tempo são solidários com seu conteúdo. Não se trata apenas de pensar uma psicologia do espaço em contraposição a uma psicologia do tempo que não levaria em conta os meandros da primeira, ou uma afirmação da espacialidade em detrimento do tempo, mas uma psicologia que pensaria sua matéria e existência jogada no mundo e acontecendo no mundo, com suas barreiras, fluidez, caminhos que precisam contornar essas barreiras ou forças que a superem. Isso implica espaço, mas tempo igualmente. Implica tanto extensão quanto intensidade.

O livro Mil-Platôs, que é uma exploração de diversos temas envolvendo intensidades e extensão, fala de Lewin quando vai mencionar o Corpo sem Órgãos, ou mais ainda a *construção* de um.

> Acreditava-se ter construído um bom CsO, tinha-se escolhido o Lugar, a Potência, o Coletivo (há sempre um coletivo mesmo se se está sozinho), e, no entanto, nada passa, nada circula, ou algo impede a circulação. Um ponto paranoico, um ponto de bloqueio ou uma lufada delirante, vê-se bem isso no livro de Burroughs Jr., *Speed.* Pode-se buscar este ponto perigoso, é necessário expulsar o bloqueador, ou, ao contrário, "amar, honrar e servir o demente cada vez que ele vem a tona"? Bloquear, ser bloqueado, não é ainda uma intensidade? *Em cada caso, definir o que passa, o que faz passar e o que impede de passar.* Como no circuito da vianda, segundo Lewin, algo escorre através dos canais cujas secções são determinadas por portas, com porteiros, passadores. Abridores de portas e fechadores de armadilhas, Malabars e Fierabras. O corpo é tão somente um conjunto de válvulas, represas comportas, taças ou vasos comunicantes: um nome próprio pra cada um. povoamento do CsO, Metrópoles, que é preciso manejar com o chicote. O que povoa, o que passa e o que bloqueia. (Deleuze;Guattari, 2011b [1980], pp 15-16)

Essa citação faz referência a esse conceito que aponta para uma totalidade não unificável, mas que é o lugar a partir do qual os discursos emergem, como que miraculados. Essa produção segue sínteses próprias, conjuntivas, disjuntivas onde forma e conteúdo, espaço e tempo, também são solidários.

O nosso trabalho é reimaginar a metateoria de Lewin a partir do método da cartografia (Barros; Passos, 2000). Isso será articulado com a experiência do trabalho

na socioeducação, no trabalho com a adolescência e as leituras e afetos desse espaço. Partir da ideia de espaço hodológico para poder falar de forças e reestruturações do espaço. Estas forças atuam no campo social e psicológico com criação de platôs e superfícies justapostas. A leitura passa pela psicologia, geografia e filosofia, com desdobramentos na análise institucional. Busco retomar aquilo que Lewin produz como ciência social, por meio dessa transversalidade. Essa perspectiva de uma ciência social parte do princípio de que a matéria tratada na psicologia, sociologia, antropologia e outras ciências é a mesma, vista por diferentes ângulos e conceituações e estabelecida por práticas díspares. A transversalidade e interdisciplinaridade não significa aquele tipo de saber que abrange tudo, mas a possibilidade para assumir para cada campo em cada momento algo de alteridade, um alhures que gera forças. É um campo cuja circunferência vai encontrar sempre outro elemento não considerado, que ali vai atuar.

É um trabalho crítico, no sentido que propõe uma leitura de Kurt Lewin. Não é subscrição, mas é uma leitura, com as questões implicadas tanto para o que temos em termos de pensamento sobre o espaço, mas também com apontamentos para relações que porventura não apareceriam se não nos detivermos nos problemas com os quais ele se viu a volta, ao longo de sua obra. O campo social é uma formulação de Lewin que toma as perspectivas do espaço de vida num espaço mais amplo, social, e grupal. O espaço de vida é um espaço próprio, psicológico, mas que não se confunde com o espaço físico. Ele tem seus próprios qualificadores e quantificadores. É um espaço que Lewin aponta como sendo matemático, mas de forma um tanto diferente, porque é a ideia de que devemos usar a matemática intervindo em conceitos tanto de origem matemática quanto psicológica.

Esse é um dos objetivos, mas retomaremos o apresentado na introdução junto com ele. Vamos fazer um trabalho de história, no sentido de outras historicidades para conceitos contemporâneos, à medida que vemos Lewin nesse fenômeno de “obliteração por incorporação” (Delouveé, 2010), paradoxalmente honrado e esquecido. Um dos problemas disso é o verdadeiro corte que há entre seu pensamento, visto de forma estereotipada pelos manuais, que impede que seu trabalho possa ser lido com a contemporaneidade. Isso acontece por essa obra poder, ao mesmo tempo que informa essa contemporaneidade, servir de crítica ao que emergiu depois. Ou seja, há um caminho de ida ao passado, mas depois de volta a hoje, o que necessariamente seria colocá-lo à prova e ao contato com autores e o

mundo depois que ele próprio saiu de cena. Há o potencial de compor o contemporâneo como intercessor. Assim, temos como objetivos da tese:

1. Retomar a influência e esquecimento que atuam ao mesmo tempo em teorias mais atuais em ciências sociais e filosofia, especialmente a esquizoanálise, a psicanálise e a análise institucional e a filosofia do espaço de Massey
2. Fazer uma história implicada dando conta de porquê, no percurso clínico, especialmente o da socioeducação, fui me aproximando desse autor.
3. A partir dessa história, que tem como correlato a aposição de espacialidades e poderes, buscar elucidar a prática metateórica de Lewin, sua epistemologia e possíveis implicações para a clínica transdisciplinar.

2. Tensões da Filosofia do Espaço

2.1. O Espaço Coevo

Lordon (2015) nos informa de uma eficácia topológica, que diz respeito à localização do poder especial e posições na estrutura do campo. Contrapondo-se a uma dicotomia filosófica de separação total entre senso e sensível, propõe uma superação entre a ordem das forças e a ordem do sentido, e que uma sociologia que pretenda levar em conta os afetos deve, como diz Vinciguerra (2020), ter uma certa "semiofísica". Spinoza aponta que o sentido é da ordem da potência: "por afeto, compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada e ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções." (EIII definição 3)

Há uma ideia, no quantitativo, de algo que toma as qualidades não como entidades inteiramente distintas, mas como resultado de certas variações quantitativas de forças. É assim, por exemplo, que Freud (2019 [1915]) vai estabelecer o conceito de pulsão nas ligações de afetos com representações que podem substituir-se, condensar-se, deslocar-se. Isso envolve o deslocamento de sentidos como forças. Não que elas sejam exatamente a mesma coisa, mas é a possibilidade de tratar o sentido em uma vertente dinâmica que propicia à Freud desenvolver sua metapsicologia, com processos que também ocorrem em espaços não exatamente físicos.

Lewin aponta, dentro de sua teoria de campo, o que as forças podem fazer. Ou seja, nem sempre o deslocamento ou aumento de tensão, mas, às vezes, a própria reestruturação do campo ou da estrutura cognitiva do campo. Cada força afeta simultaneamente o estrato quase-físico, ao mesmo tempo que a força se expressará também nas concepções e quase-conceitos, seja de um grupo, seja de uma pessoa. Quase-conceito é o conceito sendo ainda formulado, indefinido, um pouco como fazemos à cada apreensão de um deles. Isso nos leva à própria prática clínica e de pesquisa, que exige tal reestruturação, reavaliação conceitual e à própria ideia do espaço social como disputa, ressignificação e reestruturação necessários ao método cartográfico. O campo do sentido é também um campo dinâmico.

Tendo o quase-conceito em mente, contaremos tanto com a experiência no campo institucional, urbano e clínico da socioeducação, quanto com as formulações mais recentes sobre o espaço em psicologia para poder chegar à reimaginação e reconfiguração desta teoria em termos das discussões mais atuais sobre o espaço e suas forças. Não pretendemos falar de um espaço atemporal, mas de uma perspectiva de um espaço coevo, na acepção de Massey (2013), cruzamento de várias histórias e seus conflitos, confluências e reestruturações. Trata-se, enfim, de um espaço vivo. Lewin nunca produziu uma teoria e procurou fatos para confirmá-la. Antes, preferia olhar primeiro o problema. A quebra da barreira entre estudo e ação social mostra isso.

O espaço, em Massey (2013), faz parte de uma certa crítica. Talvez as formas pelas quais somos acostumados a ver o espaço não digam respeito tanto ao espaço, mas à sua representação. A perspectiva que ela aponta tem a ver com um espaço que não é mera extensão, mas entranhado com o tempo e com histórias. Cada encontro no espaço é uma relação de vizinhança, um encontro, às vezes colisão de histórias até aqui. Essa perspectiva, de ver o espaço pelo que ele tem de coevo, ou seja, de encontro de várias histórias, é uma perspectiva não representacional. É o espaço da multiplicidade como "pluralidade contemporânea" e "heterogeneidade coexistente". "Multiplicidade e Espaço são co-constitutivos" (Massey, 2013, p. 9). Além disso, o espaço está sempre em construção, nunca fechado, nunca terminado, "É a simultaneidade de histórias até aqui".

Não é representacional, porque não busca representar uma realidade, mas a construção de um meio. Uma das questões que pretendemos trabalhar é essa ideia de várias perspectivas, que significam também dimensões diferentes. O que é da tridimensionalidade, em uma perspectiva, será a circunferência em toda parte, porque cada outra dimensão implica não só outros limites, mas, antes, a generalização dos limites a cada dimensão n-1, como apontado há pouco na seção 1.5. Colocar uma figura bidimensional num espaço tridimensional é generalizar os limites da figura, que passa a ter todos os seus pontos como ponto de contato. O mesmo ocorre num espaço tridimensional, num espaço de quatro dimensões e assim por diante. É uma noção interessante para pensar transversalidades e, com acidentes ou encontros vindos de outro lugar, bagunçar um pouco esquemas muito bem estabelecidos.

Essa espacialidade explodida, desaplanada, pode ser tanto uma maneira de pensar essa espacialidade perspectivista de Massey, como uma forma de pensar

num corpo multidimensional, apropriado a estas relações mente-corpo e dinâmicas semiológicas de que falávamos com esses autores spinozanos, sem a necessidade de pensar outro mundo, outro lugar sem relação com este. Isso daria quase outra tese, mas podemos explorar esse tema preliminarmente aqui.

2.2. Dispositivos e Territórios

Desterritorialização é sempre seguida de reterritorialização. A questão não é simplesmente tomar a desterritorialização como palavra de ordem, mas pelo poder (no sentido de tornar possível) de criar novos territórios (Guattari; Rolnik, 1988). Quando vamos falar de desterritorialização, Haesbaert (2024) aponta que é preciso dizer o que se desterritorializa. Não se trata da simples desterritorialização por si, ela faz parte, no próprio programa da esquizoanálise, de um processo, em que se segue uma reterritorialização. Tratar-se-ia mais, aqui, de uma das características de qualquer criação: a reorganização do campo, o surgimento de novas conexões, a retomada do mundo em uma perspectiva transformada por um processo que tem a desterritorialização como momento.

O espaço de vida é uma espécie de criação de território, um agenciamento. “A primeira regra concreta dos agenciamentos é descobrir a territorialidade que envolvem” (Deleuze; Guattari, 2011b, p 218). Agenciamento, nesses autores, é um conjunto consistente de partes conectadas, uma unidade real mínima (Deleuze, 1992. p. 51) que passa em movimentos concomitantes de territorialização e desterritorialização fazendo e desfazendo relações.

Foucault (2011), outro grande tematizador do espaço, propõe o conceito de dispositivo. Para ele o dispositivo apresenta três características:

> Um *conjunto* heterogêneo que *engloba* discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito. O dispositivo é a rede que se estabelece entre estes elementos (p. 244).

É uma litania (e litanias são recorrentes no trabalho desse filósofo) que faz um conjunto. Mas isso é só a primeira parte, porque o dispositivo tem uma relação específica com o discurso, que pode ser de ou de explicitação da prática, ou

mascaramento de uma atividade muda, ou ainda de reinterpretação da prática. Esse é o dispositivo em relação ao discurso. E, por fim, a característica estratégica, de responder a uma urgência.

O último sentido de dispositivo, estratégico, é importante para nossa discussão, porque opõe noções de poder e força. O estratégico está na perspectiva de preenchimento estratégico (diríamos aqui do espaço de vida), de acordo com certa manipulação com intervenção racional e organizada nessas relações de força. Aqui, aparentemente, o autor retoma a definição de forma mais diferenciada: “estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (p. 246). Mais do que pensar apenas em termos de linguagem, Foucault afirma que o dispositivo é discursivo e não discursivo, o que nos remete à mesma discussão sobre uma semiofísica nas relações com o que Foucault chamou de microfísica do Poder.

2.3. Continuidades e Descontinuidades na Política e Filosofia do Espaço

Quase toda luta política é uma luta por espaço (Lewin, [1939]1978). No Brasil temos as espacialidades urbanas que fomentam a segregação, o deslocamento para trabalhar, a crise planetária de aquecimento global e a luta pela demarcação de terras. Mesmo a temporalidade tem se mostrado marcadamente espacial, que evoca a tomada do tempo em questão na luta política após o cercamento da revolução industrial. O tempo aparece como duração do relógio, relógio da fábrica, que divide o tempo em partes vendáveis e na própria despossessão dos trabalhadores: primeiro sem terra, depois, sem tempo.

O espaço como lugar de conflito e disputa pode ir bem longe. Podemos pensar em várias concepções do espaço, especialmente aquelas que diferem da apreensão do espaço pela geometria euclidiana e vai para as geometrias pós-euclidianas. Ao longo do século vinte vemos duas abordagens possíveis, de acordo com Etelain (2023) a construtivista, que aponta para a produção social do espaço e a fenomenológica, que lida com a experiência do espaço como vivido pelo sujeito em sua ancoragem corporal. A ideia de campo, que vamos tratar aqui, está na primeira.

Para além destas transformações das concepções de espaço temos a passagem da concepção do espaço como mera extensão substancial, o lugar onde os corpos preenchem o espaço, para a reconfiguração kantiana, que vai falar da

experiência como sendo espacial a priori e que, de certa forma, libera o espaço da mera fisicalidade.

O trabalho sobre as zonas nos apresenta várias concepções de espaço e críticas de outras concepções, vamos comentá-lo aqui porque é representativo de várias discussões sobre o espaço estabelecidas na filosofia contemporânea. Etelain parece ser uma boa guia nessa discussão, especialmente na sua vertente filosófica (a geografia ficará mais a partir do trabalho de Massey) O trabalho de Lewin sobre campo é antigo, da primeira metade do século XX, e ao mesmo tempo que apresenta compreensões sobre a espacialidade do pensamento e a perspectiva de uma psicologia topológica pode conter certos arcaísmos problemáticos. Mas não se trata de apenas apontá-los, mas também estabelecer comparações e propor adaptações.

2.4. Zonas

Na tese sobre zonas, Jeanne Etelain (2023) começa pela crítica de algumas concepções clássicas de espaço, como, por exemplo, o espaço pensado como homogêneo, recortado por fronteiras e delimitando estes espaços homogêneos, evocando a concepção renascentista. As zonas, por outro lado, apontam para um espaço heterogêneo, com diferentes intensidades, recortado por "*boundaries*", (que, em português, não tem tradução, talvez bordas). Portanto, as zonas distinguiriam espaços heterogêneos, com diferenças de qualidade ou intensidade entre eles. Ao longo do texto, falando de algumas figuras da zona, ela vai mostrando o quanto a noção de zona vai apontando para questões envolvendo conceitos do espaço e da relação entre espaço e pensamento.

Ela afirma que o espaço zonal vem sempre redistribuir um espaço já dado, e a relação parte/todo tem mais a ver com a consistência do que com um englobamento das partes, por isso, fala de espaço físico, corporal ou terrestre. É extensivo, mas nele atuam forças intensivas. É a partir deste conceito algo preliminar que a autora vai partir para uma discussão sobre a espacialidade do pensamento. Trata-se de uma questão tanto epistemológica quanto noológica. Há, inclusive, a ideia de que a "pretendida distância entre espaço e pensamento, contida na distinção cartesiana entre *res extensa* e *res cogitans*, esteve no coração da crítica feita pela epistemologia feminista"(p. 15).

Ela pretende, com o conceito de zona, trabalhar o conceito de conceito (id, ibid). O conceito fica, então, mais próximo do sentido de um problema do que da essência de uma coisa, que vai ser trabalhado pela perspectiva de um signo problemático. O signo é mais um móbil comparativo que transporta o pensamento por meio de dois transportes possíveis, a metáfora e a tradução.

A espacialidade, para a autora, aparece quase sempre no movimento do pensamento, especialmente pela perspectiva das características da maioria das metáforas que utilizamos. Por vezes não é questão do que as metáforas espaciais carreiam, como a ideia de algo que revira o próprio pensamento. A ideia de zona erógena, citada por Etelain no segundo capítulo, aponta para a necessidade de pensarmos o espaço do corpo pelas intensidades, interpostas em zonas, que estabelecem uma não identidade do corpo com o organismo. As zonas são parciais, indeterminadas (especialmente no sentido de que não importa a parte do corpo que se trata quando falamos de zonas erógenas.)

Na perspectiva psicanalítica temos o pensamento com certa identidade entre o espaço e o movimento do corpo libidinal. Tanto Freud quanto Lacan falam numa perspectiva espacial. A autora há pouco mencionada entra bastante no recurso, inclusive na topologia lacaniana. Lembro-me com certa graça, de Lacan (2008b [1973]) afirmar que sua topologia não era metafórica. Ele falava que era uma mostração. A topologia é um ramo da matemática que estuda um espaço com a propriedade de deformar-se continuamente. Estas relações, bem como a perspectiva de estudar mais dimensões do espaço, criou a possibilidade de este ser pensado em campos inesperados.

O primeiro uso em psicologia, se formos considerar que o pensamento de Freud ainda não é topológico (a palavra não aparece em seus escritos), é a de Lewin. Pois bem, a questão que comparece é que “existe um espaço social dotado de todas as características essenciais de um espaço empírico real, merecedor de tanta atenção dos estudiosos de Geometria e Matemática quanto o espaço físico, embora não seja físico” (1973, p. 87). Tudo isso se conjuga com uma topologia que trabalharia as dimensões deste espaço. Essa qualificação existiria para poder levar em questão a simultaneidade de fenômenos envolvidos, numa visada que seria inclusive meta-teórica, para poder lidar com a complexidade de fenômenos.

Lacan (2008a [1960]) apontava que sua ideia de trabalhar com topologia foi inspirada por Lewin. A diferença é que o espaço de Lacan procurava encontrar na

lógica topológica ela mesma as questões que ele propunha ao inconsciente, daí ele chamar de “mostração” (Idem, 2008b [1973]). Há aí algo de que Lewin (1973, p.95) estava bem consciente: seu trabalho dizia respeito a uma coisa própria e não precisava seguir necessariamente a mesma lógica que a topologia matemática, sob a pena de recair no idealismo. Ou seja, o espaço de Lacan é lógico, sem lugar. Para a topologia de Lewin, por mais que se trate de um espaço que não se confunde com o físico, ele sempre evoca um caso, um lugar, uma sociedade ou grupo específico. Existiriam tantos espaços de vida quanto existem “pessoas, animais ou grupos” (p. 89).

Aqui fica uma questão, para a qual gostaria de apontar. Já consciente das críticas que enfrentaria, ele chamava o espaço que estudava de “quase-euclidiano”, no sentido de que ele até poderia ter algumas ligações com o espaço do geômetra, mas não poderia ser confundido com esse. Por exemplo: Lewin apontava que, na sua proposta de Espaço de Vida, o caminho mais curto entre um ponto e outro quase nunca era a linha reta. Na maioria das vezes, outras coisas poderiam interferir como barreiras, sentidos sociais, zonas atravessadas por forças e intensidades, viscosidades, sentidos. Mais tarde, com a aposição de alguns conceitos como irrealidade (que, como já dizemos, diria respeito a forças como a imaginação, conceitos e fantasias) e a ideia de que é preciso que pontos distintos se toquem ou mesmo se intersectem mesmo com regiões intermediárias entre eles, seria necessário que houvesse mais dimensões, e isso o aproximou da espacialidade riemanniana (Garcia-Rosa, 1972). A aposição de um “quase” em seu texto é curioso, faz pensar nos simulacros, expostos por Deleuze (2009) em “A lógica do sentido”, um efeito de semelhança, “produzido por meios completamente diferentes daqueles que se acham em ação no modelo” (p. 267), ou seja, quase-euclidiano significa um espaço produzido num meio diferente, o psicológico, que é diferente do que está em ação na matemática.

É uma outra ideia de espaço, na qual o conceito de zona pode vir a ter sua ligação e tem, na sua origem, especialmente no campo das ciências sociais, uma variação do que o conceito teve em física, aqui pensando na perspectiva do conceito como variação, explorado por Canguilhem (apud Etelain, 2023). O conceito de campo, ao ir de uma disciplina para a outra, implica na “reestruturação dos dois campos”. Aqui destaco como isso aconteceu com o próprio conceito de campo, usado na definição mesma da mudança conceitual. É um termo muito utilizado ao longo da tese de

Etelain, mas que não recebe muita atenção da autora, justamente num texto que discute o espaço. Creio que isso talvez corresponda a uma evitação, porque abriria o texto para toda uma discussão que a autora não estava interessada em fazer, mas isso seria suposição. De qualquer forma, a palavra aparece, a partir do uso corrente, como uma palavra que diz respeito à separação entre disciplinas e teorias ou ao termo campo de experiência.

A metáfora à qual Etelain faz um elogio, por manter ativas "diferentes e divergentes linhas de pensamento simultaneamente", remete à ideia de transportar, como a própria etimologia da palavra metáfora estabelece e, tanto campo, quanto zona, fazem parte dessa possibilidade de tomada do sentido em múltiplos referentes, assim como na possibilidade de duas coisas ter o mesmo sentido, contrariando o essencialismo. O conceito de campo leva em conta as forças que atravessam um espaço, para se tornar depois um conceito de espaço ele próprio, retomando algumas das características do "*field*" tomado como extensão de terra, mas percorrido por forças, ou seja, um "campo de forças".

Maxwell assevera que estamos "acostumados a considerar o universo como sendo formado de partes" (Garcia-Rosa, 1973, p. 66) apontando que o "*partes extra partes"* que toma cada objeto individualmente era tido como o mais natural. No entanto, para conceber uma partícula é necessário pensar na continuidade e descontinuidade de forças, interferências, distâncias. O espaço é pensado como linhas de forças, "geralmente curvas" e o arranjo dinâmico entre os corpos é determinado pelas linhas que se ligam a estes corpos. É possível dizer que a eletromagnética aponta para um espaço de forças invisíveis, que, em Lewin, vai ser apresentado sob a ideia tanto de um *campo psicológico* (o espaço de vida), quanto de seu justaposto e simultâneo *campo social* (na verdade os campos sequer se diferenciam realmente, como veremos mais adiante.)

É importante apontar que Lewin não foi o único a falar de campo em ciências sociais. Bourdieu também utilizou o conceito, chamando-o de "rede ou configuração de relações objetivas entre posições", que coloca o conceito de rede, configuração e posição, mas sem as implicações topológicas e hodológicas de Lewin. Também especialmente para colocar a espacialidade em jogo nas ciências sociais, enfim, outra teoria social com a qual o trabalho de Etelain pode ser relacionado e oferecer crítica, mas sua abordagem difere o suficiente da de Lewin para que não caiba comentá-la mais longamente aqui. Faço referência a um artigo comparativo (Fernandez; Ferreras,

2009), que afirma que os campos de Bourdieu têm mais a ver com uma ampliação de conceitos de economia e de conceitos próprios, como *habitus*, diferindo na forma de pensar o espaço social, mas com muitas coisas em comum com a metateoria de Lewin.

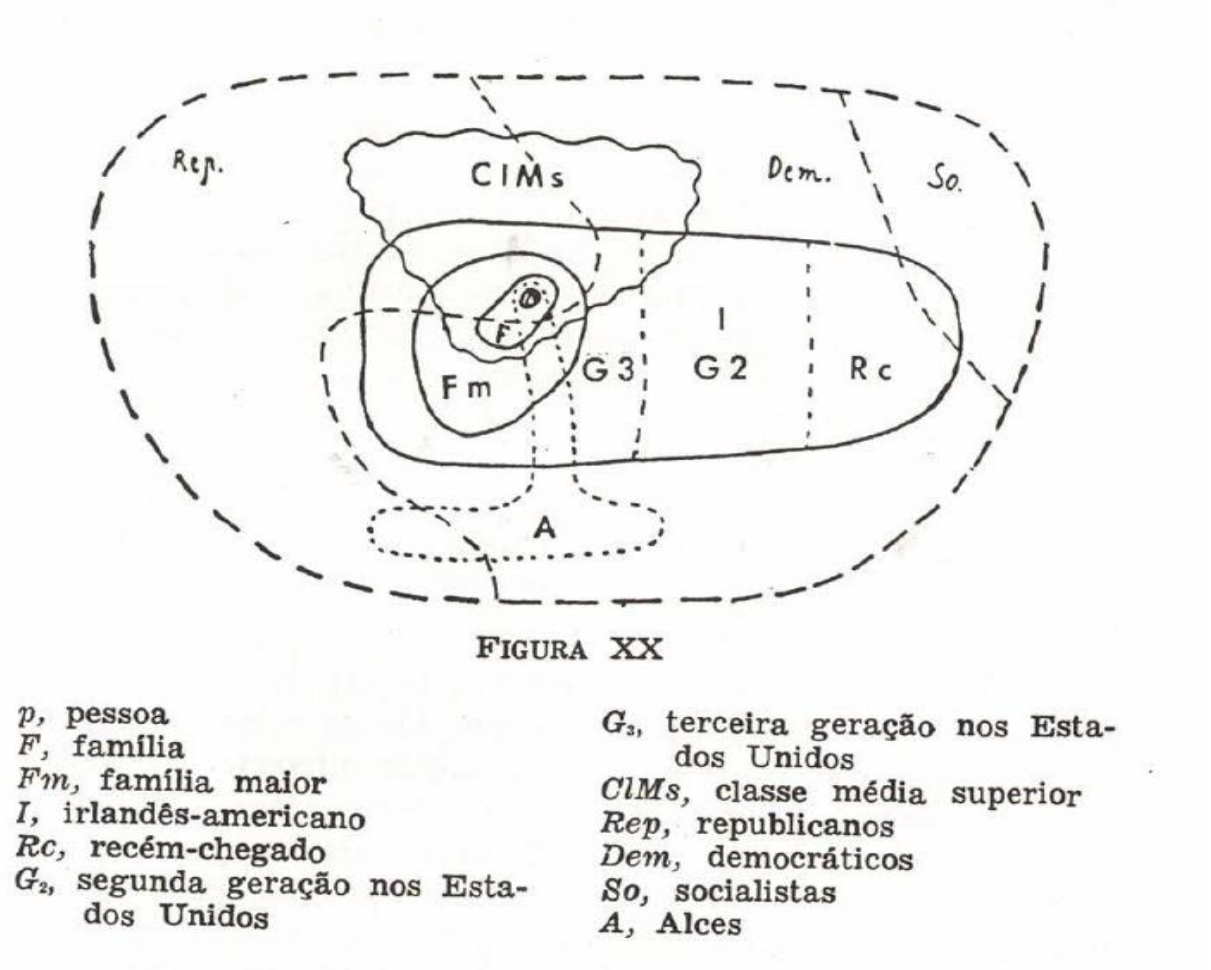
2.5. Campo e Zona

O texto de Etelain, apesar de ser uma tese sobre o espaço, não faz referência ao conceito de campo. A palavra campo (*field*) aparece, mas, na maioria das vezes, para distinguir áreas do conhecimento: "campo da física, campo da filosofia". Utilizamos esse conceito espacial muitas vezes em nossas reflexões, organizamos as áreas das universidades e mesmo nosso pensamento. Na frase síntese da tese, a palavra aparece: *"(do a) transversal analysis of the notion of "zone" across its uses in various fields*" (p. 8).

Uma das formas de perceber isso é quanto o conceito de campo pretende tomar as coisas pela simultaneidade e permitir uma expressão do espaço social pela multiplicidade. No entanto, o debate sobre extensão e intensidade ainda é algo problemático no trabalho de Lewin, bem como a própria perspectiva sobre o espaço, especialmente no debate sobre totalidade. Lewin assevera que o campo é uma "totalidade de fatores coexistentes concebidos como mutuamente interdependentes." Há nele algo como a "*God´s view*" (visão de Deus, que veria tudo por cima), crítica referida no trabalho de Etelain à perspectiva altaneira. É preciso analisar o significado dessa totalidade. Para que possamos entrar melhor no assunto, pretendo mostrar algumas imagens sobre esse campo tal como aparece em textos de Lewin.

Fig 4. Espaço de vida de um imigrante de terceira geração.

.



Fonte: Lewin, [1935]1978, p. 161

Esta figura está no texto “Problemas Sociológicos e Psicológicos de um Grupo Minoritário”, de 1935. Neste artigo são discutidas as diversas participações de um irlandês americano em diferentes grupos sociais por meio da topologia. Os diferentes grupos se interpenetram, alguns com sentidos históricos, como por exemplo, pertencer à terceira geração de uma família de imigrantes. Nesse caso, temos uma montagem que não é *partes extra partes*, porque será a força relativa aos diferentes grupos que determinará seu comportamento e opiniões. Lewin assevera que dificilmente se escapa dessas forças grupais, exceto por outras variáveis que não o grupo a que se pertence, como veremos logo a seguir. A questão é que estas regiões podem ser ou subconjuntos, ou intercessões ou ainda, mesmo que isso não apareça no exemplo aqui, uma reunião de regiões, para a qual Lewin vai utilizar a palavra zona

(Lewin, 1978, p. 25). A palavra zona aparece aqui e ali no texto do autor, mas com sentidos diferentes.

Em um texto de 1917, "*A paisagem da guerra*" (traduzido para o inglês por Blower, 2009), comparece a palavra zona, mas, ali, como zona de perigo, em uma guerra. Isso significa que sua primeira aproximação com a espacialidade se deu neste contexto, ao perceber que o espaço numa guerra ganha outras características, é recortado por forças e sentidos diferentes e influencia na percepção da paisagem. Era um enfoque ainda fenomenológico que foi, com o tempo, se tornando também construtivo. No texto, Lewin vai apontando como uma paisagem inicialmente aberta vai se fechando, criando posições como frente e trás, como são definidas zonas, entre outros elementos que apontam para a sua experiência como soldado de infantaria na Primeira Guerra Mundial, e como a sensação de perigo, o deslocamento do espaço dentro do espaço e mesmo as mudanças de significações dos objetos ao redor.

Porém, na figura referida acima, desenhada já em sua maturidade como refugiado do nazismo nos Estados Unidos, ele não parece escapar tanto do que foi chamado de "*God´s view*". Há essa perspectiva altaneira especialmente pela bidimensionalidade, enquanto no artigo de 1917 ele escreve como psicólogo e como um soldado que realmente viveu a guerra. Mas parte dessa perspectiva do alto é matizada pelas configurações que vimos no primeiro capítulo, ou seja, escapando da bidimensionalidade.

No platô (que por convenção está na base, mas apenas por convenção) está o espaço quase-físico, ou seja, um espaço que é físico apenas à medida que a pessoa o percebe e influencia seu comportamento. À medida que vamos para os demais platôs, temos mais irrealidade: imaginações, aspirações, suposições, enfim, lugares que podem ter inclusive fronteiras menos rígidas, maior permeabilidade, por vezes mais continuidade.

No texto, o autor mostra que essa laminação, que dá a impressão de descontinuidade, é, na verdade, contínua, mas a representação à época não permitia essa expressão, e o autor não conseguiu levar essa ideia adiante. Ele entendia que o desenho era só um recurso, e a laminação, estratificação, serviam à clareza da exposição, ao preço do apagamento da continuidade.

2.6. A Relação Todo-Partes

Apontamos, ao falar de geometria, que Euclides concebia a linha como traçada por um ponto e uma superfície traçada por uma linha. Inversamente, o que corta uma linha é um ponto, o que corta uma superfície é uma linha e o que corta um espaço tridimensional é uma superfície. Maxwell (apud Kaufmann, 1968, p. 11) tomava essas definições para poder dizer, nessa relação todo-partes, que a fim de conceber tanto uma partícula, como um todo, é necessária uma abstração. O todo é tão "primitivo" quanto a partícula.

Mais uma dimensão aí se imporia também, levando o recurso à impossibilidade de representação, porque toma quatro dimensões. Variáveis não sociais e não psicológicas teriam que entrar em jogo e seria importante que essas pudessem estar em contato com qualquer parte do campo. Daí se entraria numa topologia de pelo menos 4 dimensões. Essas variáveis, que poderiam irromper em qualquer lugar, seriam fatos políticos, ambientais, enfim, a própria ideia de agentes *lovelockianos* (Latour, 2020) poderia entrar aí (se bem que, se quisermos ser condizentes com a própria proposta de Latour, teríamos que pensar nesses agentes em todas as dimensões). Isso se diferencia também, de forma importante, do conceito de campo em física, pelo menos os conceitos clássicos, porque, nos campos da física, não poderiam haver variáveis extra-físicas influenciando os campos.

Como se não bastasse, há, nessa espacialidade – que a princípio parece estar muito focada na extensão –, uma maneira de colocar forças, caminhos e tensão. É o que foi denominado Hodologia. Ela existe como outra forma de pensar esta espacialidade que não é apenas topológica. Em primeiro lugar, considera aquilo que tem valências, de atração ou de repulsão. "O espaço de vida do indivíduo é, portanto, menos o espaço correspondente a uma geometria euclidiana (homogênea, isótropa, uniforme) que um espaço qualitativo e topológico, orientado e definido por valores e significações" (Besse, 2014). Ou seja, a questão de chegada de um ponto a outro orienta-se por estas valências no campo e os "caminhos privilegiados" para se chegar a este ponto não são euclidianos. Deleuze (1997) faz referência a esse conceito para falar que há aí uma "Cartografia Dinâmica".

Tudo isso leva para o pensamento sobre uma dinâmica, dinâmica essa que coloca uma questão, levantada pelo mito filosófico do "Demônio de Laplace" (Stengers; Prignone, 1997). Curioso que, depois da "visão de Deus", tenhamos a visão de um demônio da dinâmica. Ele se desenvolve mais ou menos assim: se podemos

saber tudo sobre o movimento das partículas, se tivermos uma visão da totalidade tal como estabelecida pela dinâmica, em que, tendo todas as variáveis, pudermos ver o todo dinâmico do universo, poderíamos ter uma visão de como todos os vetores se juntam de forma que tudo poderia ser conhecido. Esse demônio poderia inclusive prever o futuro. Isso recai em alguns dos defeitos da dinâmica clássica, que pretende ser uma espécie de conhecimento universal dos movimentos, mas, ao mesmo tempo, cria uma lógica na qual, tendo um conhecimento de todas as condições iniciais, pode-se determinar o desenlace final de qualquer sistema e, no limite, do próprio universo.

Há algo de disparatado em tal empreitada, porque é necessário um trabalho sobre-humano para poder caracterizar todas as partes do campo, isto é, se pretendermos que o modelo procure representar a realidade. Existe, no entanto, em Lewin, uma noção dos limites e da parcialidade de qualquer construção. Não apenas pelo campo estabelecer-se "num momento dado", que pode ter o tamanho que for necessário (no limite, poder-se-ia fazer um estudo histórico, tomando um tempo bastante longo, a partir da noção de campo), mas também por dois motivos: certa interpenetração entre os lugares de pesquisador e objeto de pesquisa, explorado pela noção de pesquisa-ação (Lewin, 1978 [1942]), e um princípio de construção do campo que passa sempre por um *problema específico*. A pesquisa-ação é uma metodologia de pesquisa que assevera não haver distinção entre pesquisa e ação concreta. Todo campo só pode ser construído a partir de certo problema e sua construção já é analítica. Aqui, o pensamento não se diferencia da *res extensa* e, de acordo com Merleau-Ponty (1990), tratou-se de uma tentativa de superação da querela "empiria ou idealismo". Mas a crítica aqui merece ser melhor explorada, porque, apesar dos argumentos contrários, a imagem na figura 4 parece realizada por uma espécie de drone percorrendo o espaço social de uma pessoa.

A ideia que Etelain (2023) invoca do filme *Stalker* se coloca aqui. *Stalker* é um filme de 1973, do diretor Andrei Tarkoviski, no qual entra em jogo uma concepção singular sobre espacialidades. No filme, uma dupla viaja a um lugar chamado "a zona", onde, mais do que o espaço ser concebido (ou percebido?) de maneiras diferentes para cada pessoa, ele muda a si mesmo por suas próprias características, ele mesmo se agência. Se um personagem anda por um espaço, ele se altera de acordo com o desejo (inconsciente) deste. Na zona, tratar-se-ia mais de apontar não tanto para diferenciações externas entre as posições, mas para regiões de fato inseparáveis e virtualmente distintas. Em *Stalker,* o próprio espaço muda de ponto de vista e a própria

ideia de ponto como unidade espacial se vê criticada. A zona, portanto, é um modelo espacial de superposição, evocando tanto os mil platôs de Deleuze e Guattari (2011b), os estratos e as passagens de um estrato a outro na “Geologia da Moral”, quanto as lâminas e dimensões do espaço de vida em Lewin. No entanto, a crítica de Etelain recai sobre a ideia de um todo que sobredetermina suas partes pelas suas relações (Etelain, op. Cit., p. 55). Há aí uma crítica da teoria da Gestalt que foi uma das bases da psicologia de Lewin, mesmo que ela se diferencie da Gestalt, especialmente no que diz respeito à relação todo-partes. Ele não afirma que “o todo é mais que a soma das partes”, mas que “o todo tem propriedades que não se resumem à soma de seus elementos”. Esse refraseamento procurava dar conta das críticas à Gestalt desde àquela época. É uma forma de estabelecer que não se trata de uma transcendência do todo. Mas ela aponta aqui para mais além, para as relações entre extensão e intensidade, porque, ao colocar o todo como imanente às partes, ela coloca o movimento e, consequentemente, as grandezas intensivas.

2.7. Extensivo e Intensivo

Quando Lewin foi instado a responder sobre as intensidades, ou melhor, quando foi questionado a respeito das diferentes qualidades que poderiam ter suas regiões, ele veio com uma resposta simples: “nesse caso usamos um giz de cor diferente” (Marrow, 1969, p.138). Isso aponta tanto para um certo pensamento que leva isso em conta, bem como à necessidade de haver mais elementos em sua hodologia e topologia, ou mesmo que o espaço, tal como é pensado pelo autor, tem algumas questões fundamentais que tornam necessária a revisão de sua própria espacialidade. Como assevera Etelain em sua leitura de *Stalker*, há algo na parte ela mesma, no seu próprio devir, que deve poder mudar o todo. Evocando a máxima da Gestalt, ela afirma “É como se as partes, de alguma forma, fossem maiores que o todo.”

Etelain estabelece uma figura do todo como parcial. Isso implica que é uma soma não totalizável de suas partes; parcialmente definido pela natureza de suas partes; um todo parcial é adicionado ao lado da soma de suas partes irredutíveis; e, por último, um todo parcial é necessariamente imanente a suas partes. Ficam então, a partir destas considerações, as seguintes questões: Seria então o todo necessariamente redutível à soma dos seus elementos? Como fica a teoria de campo

a partir dessa perspectiva? É necessária essa concepção de totalidade para podermos falar de teoria de campo, se a construção já se coloca de saída como parcial? Etelain aponta que a passagem de uma parte para outra necessita de comparação e tradução e certa intrinsecabilidade na superfície. Isso parece ir no caminho da pesquisa-ação, como forma de estar em um lugar e mapeá-lo pela multiplicidade simultânea de grandezas intensivas no espaço. Para isso, será necessário mais que cores e possivelmente mais que platôs. Seriam necessárias as dobras evocadas há pouco, que implicam em uma pesquisa em que os próprios espaços e maneiras de fazê-lo possam mudar. Há um elogio ao longo da tese do conceito de forças – exatamente o conceito que Lewin põe em jogo com a Hodologia.

Há uma discordância importante aí, mas que não é mera discordância. Porque parece haver um esforço em Lewin para lidar com o problema das indeterminações e descontinuidades, bem como para se haver com a questão da totalidade, que, mesmo sendo vista como parcial e dependente de perspectivas, ainda fica a questão de como ela pode ser "imanente às partes". Trata-se de um trabalho quiçá possível com a teoria de campo e uma questão interessante e produtiva para quem trabalha com ela. Para Lewin (1964 [1939]), a questão de todo e partes é colocada de uma forma que parece um tanto estranha à filosofia, que quando estabelece esta questão, a faz de forma a pensar no todo de forma totalizante. Nele, a existência do todo é questão de escala, dependência e limite. O todo tanto pode existir, quanto não, dependendo do enfoque que damos às regiões. No entanto, e isso é muito interessante, há uma possibilidade de um "todo natural", que significa força da fronteira ou barreira. Se uma região que reúne em si várias partes tiver uma fronteira que gera um grau razoável (aqui entra a questão de escala) de independência do que está externo à região, e ao mesmo tempo as partes constitutivas da região estão em relação de alta dependência, temos aí um todo. Isso não é exatamente filosófico, antes, topológico e hodológico e filosófico à medida que estas estão incluídas na filosofia. Porém, apesar da palavra "todo natural", se o foco for as dinâmicas em uma escala menor, poderíamos, dentro dessa mesma região, ter outros todos, e assim por diante.[17] Isso inclui, no sistema, inclusive os intervalos, porque a consistência da separação entre as regiões é capital para estas diferenciações. Uma certa região subdividida, que corresponde a um todo, pela

[17] Importante perceber que, por mais que isso guarde muitas semelhanças com as teorias do conjunto, não é apenas de conjunto que se trata, mas de sistemas e dependências.

interdependência das suas subdivisões e relativa independência com relação à seu meio (apenas relativa, no sentido que suas subregiões tem mais interdependência entre si do que elementos exteriores) estará separada do meio ou de elementos deste ou por uma barreira, ou uma zona ou algo que pode traduzir uma distância, ou seja uma espécie de intervalo.

Em Irigaray (1984), temos uma espacialidade que inclui o intervalo. Sua questão sobre o espaço é a necessidade de haver um *entre*: um espaço vazio (ou de consistência diferente) entre as regiões e corpos. Há uma perspectiva ética nessa acepção, ou seja, como ver a diferença como diferença, não como um mesmo. Para isso, não é possível estar colado no Outro. Ao falar de topologia, Lewin enfatiza a diferença entre curvas de Jordan que incluem ou não sua fronteira, e mesmo a diferença entre estas, no sentido de que a fronteira pode ser uma zona. Por mais que delimitemos regiões, elas podem ser vazias, até porque não há uma determinação de qual é a consistência da região fora da dinâmica particular de cada campo. O resultado é que diferentes conceitos podem ser imaginados a partir dessa linguagem hodológica. A *distância*, aparecendo como um dos elementos mais importantes da hodologia, dá um índice possível de *entre*, de maneiras de pensar o intervalo, até pela alteração da potência e qualidade de uma valência.

Ou seja, a intensidade pode ser pensada a partir de certas características que incluem não apenas as formas da topologia, mas também as forças e grandezas de intensidade da hodologia. No fundo esta questão se coloca na mesma medida da irrepresentabilidade de um campo na sua totalidade e na própria parcialidade de qualquer construção. Mas não se trata de mera dicotomia, como pode parecer de início a questão entre intensivo e extensão, porque, como os próprios nomes parecem precisar, são qualidades diferentes em interação. Certos elementos de uma construção extensiva têm suas qualidades e intensidades diversas. As características de dobra, intervalo, forças, características da região (barreiras rígidas, maleáveis, densas, transparentes, etc.) qualidade do afeto, barreira como zona de indeterminação, tem implicações extensivas e intensivas. A barreira não é pura forma, é também intensidade, como podemos perceber ao dar de cara com um muro ou pular n´água (uso exemplos físicos, mas podemos facilmente transportá-los para considerações sobre o espaço psicológico).

3. Intercessores: *Conatus* e Geografia da Diferença

3.1. As Composições e Campos

No capítulo anterior estudamos o conceito de campo, à luz de autoras contemporâneas, e entramos um pouco na discussão de uma psicologia dinâmica, que ao mesmo tempo que precisa de uma concepção de espacialidade, precisa igualmente de uma concepção de tempo. Tendo, por fim, pensado em todas estas relações entre os campos, que se dão de forma múltipla e espacial, pensamos que seria de muito valor fazer algumas relações entre a teoria dos afetos, de Spinoza, e a teoria de campo, de Lewin. A filosofia de Spinoza pode ter muito a ver com a dinâmica que Lewin toma como base para sua psicologia, especialmente por colocar em jogo a espacialidade e a simultaneidade como elementos de sua teoria.

A teoria dos afetos foi proposta por Spinoza na Ética (2009 [1667]), um livro que toma a geometria como método. É por conta disso que o início da parte III abre-se com a expressão “estudar os afetos como linhas, superfícies e corpos” (E III prefácio). Euclides é citado de forma um tanto diferente por Lewin, que atribuía ao espaço que desenvolvia a qualidade de “quase-euclidiano”. O que torna tanto o Espaço de Vida quanto o espaço na obra diferentes do espaço euclidiano são as forças que o atravessam. No caso do Espaço de Vida, por exemplo, temos a ideia de caminho privilegiado, que é justamente o que impede de pensarmos um espaço completamente isotópico, porque a menor distância entre dois pontos quase nunca seria uma linha reta. Há, em verdade, caminhos possíveis e o mapeamento desses caminhos do sujeito e suas ações. O espaço é localizado, mesmo que não seja do espaço físico que falemos. No espaço de Spinoza, a substância não é homogênea. Há uma diversidade de modos, correspondentes às composições dos corpos neste espaço.

Parece, falando apenas isso, que existe uma grande divisibilidade de partes na filosofia de Spinoza, mas muito pelo contrário, na primeira parte da Ética, fala-se da relação contínuo e descontínuo a partir do conceito mesmo de indivisibilidade da substância. Para Spinoza, há apenas uma substância, que é “Deus, ou seja, a natureza.” (E IV proposição 4) Essa única substância não pode ser dividida, de forma que qualquer coisa será apenas modos dessa causa de si única, cuja “essência envolve a existência” (E I definição 1). A substância não pode ser dividida e é única,

sendo que as partes constituem apenas modos. Existe alguma relação com o que Etelain (2023) qualifica como sendo do espaço e de seus corpos, especialmente sobre sua asserção de ser o espaço “indeterminado de fato e virtualmente separado. ” Há algo no estabelecimento de fronteiras em qualquer contexto que é virtual, porque a divisão é mais uma dinâmica do que uma linha tracejada, à maneira da divisão de países, ou cômodos de uma casa.

A dinâmica é, em Spinoza, entre corpos ora fluidos, ora moles ou duros, mas em contato constante tanto com seu próprio interior quanto com seu exterior. Grosz (2017) usa da ideia de sangue como um movimento de variação contínua, em que “nutrientes, outros corpos, são adicionados, e outros são removidos assim que o sangue circula pelos órgãos. É pura diferença, mas mantendo uma identidade. ”(p. 78)

O que há, em Spinoza, são modos, concebidos como as afecções de uma substância. De forma que cada modo tem uma causa fora de si e é constituído por interações. As divisões então seriam feitas de forma não exatamente fronteiriças, de forma partes extra partes, porque tratar-se-ia mais de relações entre movimento e estase nas afecções múltiplas da substância. A composição de corpos se dá nessa junção cada vez mais ampla de movimentos que criam os corpos fluidos, moles e duros. Estes corpos, em composições diferentes, que seguem os mesmos movimentos, fazem os indivíduos. Estes dizem respeito à propriedade de manter uma composição em sua individuação. Nesse ponto há algumas semelhanças entre Spinoza e Simondon (2020), falando da individuação do vivente. É uma forma de conceber aquilo que Spinoza chama de indivíduo numa individuação, que seria sempre metaestável, porque sujeita a todo tipo de afecção e não podendo ser pensada sem aquilo que se mantém no espaço do fora na individuação. Na pequena física[18], Spinoza diz do corpo como este composto de compostos. E que se trata mais da proporção entre movimento e repouso de suas partes o que mantém um indivíduo, do que das partes serem sempre as mesmas. O indivíduo, para Spinoza, e de acordo com Bove (2023), está num movimento de individuação, ou seja, um devir indivíduo, seu regime mais ou menos autônomo de potência (E II, proposição 13, escólio) e sua

[18] A “pequena física” é o nome de um trecho da Ética de Spinoza (2009, p. 61-66), na segunda parte, escólio da proposição 13. Esse trecho discorre sobre as propriedades dos corpos em termos de repouso e movimento para evidenciar que os corpos não correspondem a outra substância, mas modos diferenciados por velocidade, repouso e mesmo intervalo.

individualização (que é a sua singularidade afirmada), ambos estes movimentos em relação com o conatus, ou “esforço por perseverar no ser” (E III proposição 6). Esses movimentos são os movimentos próprios do desejo no encontro com outros corpos.

Quando Spinoza fala da mente, afirma que a primeira ideia da mente é um encontro (E II proposição 11). As coisas singulares estão todas em relação e são definidas apenas por esta relação. Não existe, em Spinoza, tal coisa como um corpo sem relação, tomado individualmente. Ele está sempre em contato com outras coisas, é afetado por estas outras coisas, de forma que é um processo de encontros que mudam corpos e permitem novos afetos e novos encontros. As ideias, igualmente, só perseveram em outras ideias nas quais são aumentadas ou diminuídas. Elas não têm tanto que refletir a realidade quanto se engajar com outras ideias (Grosz, 2017). Spinoza compreende a ética como essa análise das relações de composição nas quais ideias e corpos podem fazer suas transformações. Podemos pensar essas relações de composição de ideias para além do espaço concebido como extenso, mas, como sugerem essas passagens e outras da Ética, pensá-las como estando numa relação dinâmica com a simultaneidade e espacialidade, tanto do ponto de vista dos corpos quanto das ideias. Este debate leva à discussão feita por Jacquet (2011) na sua exploração das ideias sobre mente e corpo em Spinoza, onde ela apresenta a ideia de que existe uma unidade e por isso não usa a palavra concomitante, mas igualdade, união, psicofísica.

3.2 Forças e Afetos

Na sua relação com uma construção possível, que aqui apresentamos como clínica, é necessário levar em conta esta ideia, a de um plano de intervenção que é um plano de superfície. Uma superfície de deslocamentos intensivos e agenciamentos (Rauter, 2012). Na passagem para a construção de uma psicologia spinozista, falamos sempre de mapear estes efeitos de superfícies, de traçar cartografias. Aqui fazemos uma passagem importante para os fins a que nos propomos, que são as relações dessa filosofia com a clínica.

Temos, já na definição dos afetos na Ética III, uma ideia de uma psicologia que não se coloque pela interioridade ou a “subjetividade psi”. É importante pensar num plano de intervenção clínica que seja uma superfície de deslocamentos

intensivos. O desejo, compreendido por Spinoza como um afeto primário (E III definição 4), bem como a tristeza e a alegria, são a possibilidade de construir uma superfície clínica. A autora toma o termo superfície como uma forma de, na clínica, estabelecer diferenças em relação a uma psicologia que se coloque pelo estudo das profundidades, sem relação com um fora. A questão, e aqui nos colocamos junto da ideia spinozana da variação contínua, é como colocar em pauta a dinâmica mesma da vida da pessoa na clínica. Por isso, o conceito de Espaço de Vida nos é interessante, porque Lewin trabalha esta mesma variação e impossibilidade de separar indivíduo e meio, precisamente porque existem afetos e desejo, compreendidos como esse esforço por perseverar na conjunção com as determinações exteriores ao indivíduo.

Essa dinâmica, nos dois autores, pode resultar em uma psicologia ligada à orientação dos afetos e à variação de seu regime, “como atuação de vetores diferenciais de afirmação continuada da potência”. Tomamos aqui a perspectiva de Bove (2022), que fala de uma estratégia do *conatus*, em que há espaço para determinação e desejo. Portanto, ao ligar vetores, que são a expressão de forças com as respectivas orientações e intensidades, se aproxima muito do que Lewin (2013 [1938]) chamava de forças psicológicas. Estas forças também têm vetores, orientações e diferenciais, que vão compor uma dinâmica que indica movimento.

Uma das possibilidades abertas por Kurt Lewin é a de estudar o Espaço de Vida a partir de forças, que podem ser tanto internas quanto externas. Cada uma delas teria uma valência, positiva ou negativa. O sujeito aí é móvel, dinâmico e composto. O próprio inconsciente teria espaço nessa perspectiva. O conceito de força psicológica em Lewin é apenas o de causa de uma mudança no campo. Uma das qualidades desse conceito é sua neutralidade. Lewin nunca chega a enumerar quais seriam essas forças, compreendendo-as em seu aspecto dinâmico. As causas poderiam ser tão múltiplas como são múltiplas as afecções. Não há, nessa teoria, moral, finalismo ou tipologia. O campo aí é, digamos, aberto. É possível conjugar essa teoria com vários saberes. Trata-se mais de um método para levar em conta a diversidade de aspectos que compõem o Espaço de Vida, do que para criar alguma teleologia ou mesmo uma ideia de cura ou saúde. É, antes de tudo, uma forma de analisar o sujeito sem removê-lo de seu espaço, uma metateoria.

Não pretendemos, com isso, tornar a teoria dos afetos equivalente à metateoria, mas mostrar algumas congruências e até formas de um pensamento em

psicologia que conjugue Lewin com Spinoza. Mesmo muito afastados no tempo, há bastantes aspectos em comum, que podem trazer novas formas de pensar os afetos, mas já os pensando em cada caso específico e estabelecendo uma relação da consciência com algo que a ultrapassa. É pensar o corpo, em suas estratificações e hierarquizações junto a algo que é do plano intensivo. Fazer uma geografia, fazer um mapa, em sua literalidade. É por essa tendência, bem como com uma leitura não linear das afecções, que nos voltamos à metateoria topológica e seu mapeamento dos afetos e afecções.

As forças são conceitos dinâmicos, que dizem respeito a teses que concebem o comportamento como resultante de entidades dirigidas (Garcia-Roza, 1972). Isso implica que estas forças teriam por base as ideias de causas do comportamento, ou seja, tomar as coisas pelas suas causas. Por exemplo, libido em psicanálise seria um conceito dinâmico. Nas conferências introdutórias à psicanálise, por exemplo, Freud (1976 [1915]) aponta que o trabalho da psicanálise não é de descrever e classificar os fenômenos, mas de os conceber como “os índices de um jogo de forças na alma, como manifestação de tendências que tem uma meta definida, mas trabalham seja na mesma direção, seja em direções opostas.”. Logo após, no texto, Freud aponta que busca formar uma concepção dinâmica.

Há quem aponte um Spinoza implicado, latente em Freud, especialmente o Freud dos primeiros momentos. Não poderemos entrar com mais cuidado nesse ponto, mas remeto desde já ao trabalho de Yovel (1991), no qual, além de ir destrinchando as possíveis influências de Spinoza na teoria de Freud, cita uma carta, à Lothar Bickel na qual Freud afirma:

> Reconheço totalmente minha dependência em relação à doutrina de Spinoza(...) Eu não tinha motivos para mencionar explicitamente seu nome porque concebi minhas hipóteses mais a partir do clima que ele criou do que a partir de um estudo de sua obra. (Freud apud Yovel, 1991, p. 438)

Esta pequena digressão é para apontar que, em Spinoza, existe uma dinâmica de fundo, implicada, segundo Bove, nos encontros de corpos e suas afecções. Estas, assim como o conceito de força na psicologia hodológica, tendo cada um destes conceitos como articuladores das causas dos comportamentos e também da própria constituição do sujeito. O sujeito não seria visto, a partir desta concepção, como estável. Ele estaria sempre em desequilíbrio no encontro, e tentando se haver

com seus encontros, resistindo, agenciando-se, errando, com sua história. A topologia e a hodologia podem articular os afetos nos seus caminhos e relações.

Em Spinoza temos, com a teoria dos afetos, indivíduos que sofrem afetos, *pathemas*, ou seja, paixões, que advém de suas afecções. Temos aí pelo menos três forças: a de algo que afeta, a de um corpo ou indivíduo afetado e a do esforço por perseverar no ser. Isto leva para a reflexão sobre o conflito, essencial na perspectiva trágica de Spinoza, e centro da topologia de Lewin, em que o conflito é sempre o móbil que levaria um campo, que seria de outra maneira estável, ao movimento. O *conflito* é precisamente o componente do tempo funcionando na teoria de campo. É o que move esse esforço para conservar-se enunciado por Spinoza: as forças em jogo num campo, num tempo dado, sendo o próprio *conatus* (E III proposição 13) uma dessas forças. Também porque "esforço", *conatus*, se traduz em inglês por "*drive*", que foi a opção, em inglês, de tradução para "*trieb*", conceito que, na língua portuguesa, tem sido traduzido por *pulsão*. Resumindo, pela tradução inglesa de *conatus* pude perceber sua ligação com o conceito de pulsão. Macherey (2011) aponta raízes parecidas para as duas palavras, e *trieb* também foi a palavra utilizada por Lewin (Apud Kaufmann, 1968) para falar de tendências do sujeito. Existe aí um fio importante para analisarmos a fonte dessas forças, que deixamos por enquanto apenas sugerida pela proximidade linguística. Mas é uma ideia que parece rondar os conceitos desses pensadores.

3.3. Espaço de Vida e Encontro de Corpos

Uma das diferenças entre Spinoza e Lewin, mas que não designa exatamente uma incongruência entre eles, está nas noções desenvolvidas a partir das afecções e suas ideias correspondentes, que levam para um campo um pouco mais complexo. Parte-se do conceito de encontro de corpos para se falar dos afetos passivos e ativos, que foi uma forma de Spinoza considerá-los para além de um vocabulário moral. Existem, portanto, três casos de encontros, de acordo com Bove (2023) lendo Spinoza:

1. Pode ser que o afeto ajude a potência de agir, de tal maneira que a ideia da afecção desse corpo seja uma ideia adequada. Isso seria a *alegria ativa*.

2. Pode ser que a ideia aumente a potência de agir, mas ela fica abaixo de um limiar que lhe permitiria ser adequada. Aí seria a *alegria passiva*.

3. Pode ser que o afeto diminua a potência e aí permanece a *tristeza*.

Desses três casos, depreendem-se os afetos ativos e passivos. A noção de ideia adequada diz respeito principalmente a ideias que partem do próprio indivíduo, sem a necessidade de um objeto definido, como a fonte da ideia é uma alegria que parte do "próprio indivíduo tanto quanto está em si, sem relação com o objeto" (E II definição 4). São as interações entre estes tipos de afetos, junto com o desejo, componentes da dinâmica que vai ser explorada ao longo da parte III da Ética. É uma dinâmica própria, que cabe ainda estabelecer junto com uma teoria de campo, mas que, de qualquer maneira, precisa ser apontada como uma diferença importante. Em Lewin, as valências são ora positivas e ora negativas, ora atraem e ora repelem. Pode haver aí alguma confluência, mas transformando um pouco a dinâmica dos campos.

Outra questão aparece nos níveis de realidade que Lewin estabelece. Como já mencionamos, o Espaço de Vida é no mínimo tridimensional e pensado em platôs. O mais curioso é que estes platôs fazem valer a ideia de concomitância, unidade, simultaneidade entre mente e corpo proposta por Spinoza, por criar um espaço de pensamento corporificado, dobrado sobre si. É possível ver, nessa proposta, exatamente o colocado na proposição da Ética II proposição 7, que afirma que "a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas" e E II proposição 12, que afirma que o "objeto da ideia que constitui a mente é o corpo". Na topologia do Espaço de Vida existe essa conexão direta entre mente e corpo, tendo inclusive Merleau-Ponty (1990) apontado Lewin como uma pessoa que tentou sair da oposição simples entre matéria e pensamento, apesar de Lewin chamar esses mundos inteiros de irreais. Há uma ideia de concomitância importante, e a já mencionada solidariedade entre todos os pontos do campo implica, de certa forma, não apenas a ideia de um todo cujas propriedades diferem das partes pensadas individualmente, mas também a própria ideia spinozana expressa nas proposições acima citadas. Já propusemos chamá-las de virtuais, para poder sair do equívoco de tomá-las como irreais. Mas os platôs informam que este espaço é vivo e concomitante ao espaço quase-físico, e que alterações numa lâmina alteram as outras. É quase como se pudéssemos ver a interinfluência recíproca de corpo e mente e mesmo as

ideias, ideias de ideias e encadeamento múltiplos das ideias, que mais potentes se tornam à medida que entram em contato com outras ideias.

3.4 Conhecimento em Espiral

Uma das questões que assolam a perspectiva lewiniana é seu uso da psicologia em termos utilitários. Existe um texto importante de Lewin (1999 [1943]) no qual ele endereça estas questões, abordando a psicologia primeiramente pelo uso que sua teoria tem para a prática. O autor observa que, na cultura europeia, a ciência, junto com a religião e o estado, são considerados como "uma entidade super-humana" que deveriam comandar, ao invés de servir o ser humano. "*In these cultures, the wife of a professor is adressed as Mrs. Professor and the wife of the mail carrier as Mrs. Mail carrier"*[19] (1999 [1943], p337). Isso serve para exemplificar que, "nessas culturas a participação em valores super-humanos é a única que pode elevar o homem acima do nível do animal. Poderia ser que, nessa cultura, a teoria progrida mais rápido, e o soldado esteja "pronto para morrer a serviço do estado." (Lewin, idem, Ibidem) Ele considera que "a paz permanente só será atingida quando a cultura estiver a serviço do ser humano, não o olhando como mera ferramenta em relação a estes valores super-humanos. "

Duas coisas chamam a atenção nesse trecho: porque Lewin pensa no humano assim em termos gerais? O que é estar "a serviço do homem"? Aqui a crítica de que Lewin pode ter tomado alguns dos valores americanos (Barros; Passos, 2000), talvez por comparação com seu país de origem, começa a despontar. A ideia de uma teoria neutra volta a recair na ideia que ele mesmo critica. Porque a crítica, digo, a teoria crítica em geral, aponta o quanto esta ideia de neutralidade pode ser equivocada e ainda servir para a afirmação de uma universalidade que, no fundo, é branca, do norte global, cisgênero. Pasqualini, Martins e Filho (2021) apontam que o trabalho de Lewin, ao mesmo tempo que deu ferramentas para o desenvolvimento da psicologia, pôde ser utilizado como tecnologia a serviço do capital. Indicam também seus usos dentro da dinâmica empresarial ela mesma e confundem o que é resolução

[19] "Nessas culturas a esposa de um professor é chamada de Sra Professor e a esposa do carteiro de Sra. carteiro" tradução livre, nossa.

de conflitos com toda a riqueza e os elementos de explicitação na análise do conflito, com supressão, pura e simples, do conflito. É justo o contrário.

Várias dessas ponderações são relevantes, especialmente porque o contexto de desenvolvimento da teoria de campo de Lewin se deu no contexto dos Estados Unidos pós-guerra. Mas é falsa a ideia de que os conflitos são suprimidos. Trata-se mais de formas de analisar o conflito e atuar sobre ele, levando em conta as forças envolvidas. Mas estas forças são elas mesmas muito mais o lugar onde se faz o trabalho. Os conflitos são o cerne mesmo de sua teoria. Trata-se mais de atuar levando em conta todas as forças envolvidas e dar expressão aos conflitos, uma expressão pela noção do Espaço de Vida, que é função da pessoa com seu ambiente. "Ambiente", aí, pode expressar qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, que afete a pessoa. Pode ser ideologia, racismo institucional, valores sociais, uma obra de arte, a impossibilidade de acesso a serviços, os determinismos de classe (que por sua vez podem expressar-se das mais variadas formas), a blitz na rodovia, o medo da fome, o medo do esquecimento (estes enquanto acontecimento que fica no meio termo entre o esforço de se conservar no ser e a disposição do campo social), o vírus COVID-19, a inadequação do sistema educacional aos saberes particulares de cada um, enfim, não apenas qualquer coisa, mas tudo que está em jogo, a partir da análise mesma do que está em jogo no conflito. Esta mesma contraposição pode ser vista em Lapassade (2016 [1965]).

Mas existe um ponto importante, de qualquer maneira, na problematização que é feita da teoria. A cultura europeia de então era muito focada nessas forças que iam além do humano, numa ideia de Progresso, História, Cultura, todas essas palavras que, assim lançadas para além do humano, trata as pessoas como instrumento. Não é ao redor de uma humanidade abstrata que a prática deve traças seus caminhos, mas na atenção às pessoas elas mesmas, singulares. A relação entre teoria e prática que Lewin propunha era de um método em espiral, de aproximações sucessivas. Há até quem diga, como Kauffman (1968), que Lewin retoma a ideia de transferência em psicanálise com o conceito de pesquisa-ação.

Há ecos aí do próprio Spinoza, que pensava, na sua própria perspectiva ética, o caminho da experimentação, sendo a filosofia o oposto da mera especulação de gabinete. Tanto somos mais potentes quanto pudermos experimentar o mais variado número de coisas simultaneamente, ou seja, pelo contato com o diverso. O conhecimento em Spinoza se dá pelo vivido, e mais ainda pela experiência dos mais

diversos tipos de afetos e encontros. Uma pesquisa que se proponha como tal precisa estar em contato com o meio social, diz Lewin, porque não há como isolar as variáveis em laboratório no que diz respeito ao social. O método de pesquisa envolve sempre dois fatores, eles próprios espaciais. O primeiro é o chamado método de aproximação gradual. Nele, ele assevera que, para a construção do campo, é necessário ir avançando gradualmente na construção do espaço de vida, não apenas indo do maior para o menor, mas também diferenciando as regiões do campo. Esse campo também não seria uma figura estanque. Ele passaria por momentos, pois trata-se de um elemento dinâmico.

É nessa discussão sobre a dinâmica que outro conceito entra. Trata-se, na pesquisa-ação, de um processo em espiral, evocando um uso da topologia e hodologia numa visada epistemológica. Essa espiral é a mesma retomada, anos mais tarde, por Pichon-Riviére (2009), em seu esquema ECRO. Tanto ele quanto Lewin pensavam que a pesquisa precisava dessas muitas voltas. Em Lewin, é uma espiral sem centro. Porque não há um objeto do qual se aproximar. Tratar-se-ia mais de uma espécie de movimento entre pesquisador e pesquisado por meio de feedbacks contínuos, que, no limite, apaga esta distinção. A construção do campo não é algo que o pesquisador faria só, implicando com isso que a pesquisa é, para ele, uma pesquisa *com*. Esse tipo de pesquisa foi se ramificar em muitos métodos diferentes, levando, ao longo da segunda metade do século XX, a uma reformulação da pesquisa em ciências humanas que, em uma de suas ramificações, resultou na análise institucional.

Nas discussões sobre Spinoza percebi uma questão. Há certa leitura dos dois atributos, pensamento e extensão, na qual o debate é se a relação entre estes é de unidade (Jaquet) ou paralelismo (Deleuze), enfim, diversas modalidades de pensamento. Lewin, num primeiro momento, pode ser visto tanto como paralelista, quanto da corrente da unidade. A ideia mesma de pensar na dimensão do irreal coloca-o talvez em maus lençóis com o materialismo. No entanto, a perspectiva de dar uma extensão ao pensamento, de permitir -- a partir da noção de campo, aqui pensada como os campos de força e poder, que não são uma extensão newtoniana, mecanicista -- conceber certa relação com a corporeidade que não se limita a separar mente e corpo de forma estanque. O corpo estaria no espaço de vida e, como afirma Spinoza, é um corpo composto.

No que diz respeito às intensidades, há aquela fala engraçada de Lewin: “basta fazer cores diferentes.” No entanto, a escolha pelo método tem sentido dentro de sua epistemologia, visto que a ciência aristotélica se interessa principalmente por essências, e a classificação e qualidade do objeto podem levar a problemas de dinâmica, na medida em que é possível compôr uma leitura intensiva e altamente isolada do objeto a partir de certo essencialismo. Por exemplo, nas teorias tipológicas da personalidade ou na maioria das nosografias psicopatológicas psiquiátricas.

3.5. Construção da Psicossociologia Hodológica

Tudo o que vale na psicologia topológica também vale na psicologia hodológica, as quais têm sua exposição detalhada em dois livros diferentes: *Princípios de Psicologia Topológica* e *The Conceptual Representation and Measurement of Psychological Forces,* já citados anteriormente*.* Mary Henle (1989, p 78) coloca estas duas psicologias sob a rúbrica de *metateoria.* Espacialmente, as duas podem ser pensadas como um espaço semi-euclidiano, não métrico. Os dois também podem ter n-dimensões. A principal diferença é que, no espaço hodológico, cada uma das regiões será também perpassada por forças. O espaço não é euclidiano, porque a menor distância entre duas regiões (não entre dois pontos, pois a unidade mínima não é o ponto[20]) é o caminho privilegiado (*distinguished path*), que corresponde ao caminho de uma região à outra percorrido com o menor esforço, ou com maior rapidez, enfim, o caminho privilegiado para o movimento. Isso significa que o campo é construído a partir da dinâmica e do movimento e com base nos caminhos, tanto materiais quanto simbólicos e psíquicos. O nome hodológico vem desse privilégio do caminho, do percorrimento de espaços psicológicos. Aqui vale uma pequena enumeração de Lewin (1964) sobre alguns tipos conceituais dessa psicologia, à título de exposição:

[20] Garcia-Rosa (1972) afirma que uma célula que não pode se dividir tem característica de ponto, na obra de Kurt Lewin. Ora, apenas se falarmos *características.* Pois, ainda que uma célula (ou região, porque uma célula é uma região que não se divide) tenha essa característica pontual, ela tem extensão, ao contrário de um ponto. É importante não pensar a topologia de Lewin da mesma forma que a geometria, trata-se de outro espaço que não o matemático. A ideia de não haver ponto em Lewin é inclusive uma forma de implicar mais *quanta* que continuidades.

1. (Posição) Posição é uma relação espacial entre regiões. Exemplos: o quanto uma pessoa pertence a um grupo e as relações que estabelece com este grupo; sua posição ocupacional; o envolvimento em uma atividade.

2. (Locomoção) Aqui entra em jogo o tempo. É uma relação entre posições em tempos diferentes. Segundo Lewin, cada fenômeno psicológico que pode ser pensado em termos de locomoção entraria aqui.

3. (Estrutura cognitiva) Apesar do nome estrutura, não se trata de um estruturalismo, trata-se da multitude de regiões, tendo mais a ver com o conceito de posição visto de forma ampliada e coletiva. Não se trata também apenas de fenomenologia[21], porque mecanismos inconscientes, tanto no sentido adverbial, quanto psicanalítico, fazem parte deste conceito. A palavra estrutura também tem um sentido relativo e intensivo: por exemplo, quando começamos a trabalhar numa organização, vamos, aos poucos, discernindo estruturas, regiões e direções desta. Ao mesmo tempo, para uma pessoa que não trabalha na dita organização, ela pode ser vista como uma região só, não estruturada. Se esse órgão for o Detran, independente de ser estruturado ou não, poderá chegar uma multa, que vai operar forças, e assim também operar mudanças na posição da organização nessa estrutura cognitiva, ou seja, não é por não as considerarmos que as coisas deixam de existir, inclusive no campo. O livro de Garcia-Roza (1972) sobre Lewin se chama “Psicologia estrutural de Kurt Lewin” e dá uma pista de como esse autor pré-estruturalista pôde ser lido durante a época do estruturalismo. Lewin nunca se definiu ou fez menção ao estruturalismo e quando usou a palavra estrutura foi em sentido bem diferente, remetendo a uma construção dinâmica.

4. (Força) A partir disso temos alguns elementos primários. Temos forças que se aplicam nas regiões, que podem ser pessoas, grupos, animais, partes da pessoa, desejos, aquilo que se move num espaço psicológico. As forças são representadas por setas cuja ponta se encontra no ponto de aplicação, tentando manter um pouco da apresentação de vetores de força na física. No entanto, a força não corresponderia à aceleração, como na física. A força teria como determinante muito mais a velocidade, sem lei da inércia. Isso significa que o efeito da força é a locomoção. No entanto, para além da locomoção, a força pode ter também como efeito a

[21] Lewin apontava alguns limites da crítica fenomenológica, apesar da proximidade filosófica com Husserl. Trataremos disso no capítulo 6.

reestruturação do próprio espaço. Isso lembra um tanto a zona como descrita no filme Stalker e sua leitura por Etelain (2023). “É como se as partes de alguma forma fossem maiores que o todo”. Uma força tem o potencial de modificar toda a forma do campo.

5. (Direção) As forças se aplicam sempre em determinada direção, seja em direção a uma região ou na direção oposta. Dependendo da topologia do campo, podemos ter ambiguidades, hesitações, movimentação inquieta, enfim, vários comportamentos. Parece até palavrão falar assim, comportamento, mas não se trata de comportamentalismo, apesar de Lewin levar em conta, especialmente no seu período experimental, alguns trabalhos dos comportamentalistas. No entanto, a própria psicanálise também aparece como objeto de debate, especialmente nos construtos e na dinâmica. Kaufmann (1968) aponta que Lewin pode ter algo a acrescentar à psicanálise exatamente a partir de seu conceito de direção. Em vez de pensar na libido, por exemplo, como um construto intensivo, que mediríamos apenas em graus, na perspectiva de forças com direção, temos grandezas direcionais, feitas em relação ao mundo. A libido não só seria mais ou menos intensa, se aliviaria, etc, mas ela tem um caminho, objetos, ações, status, às quais se direciona ou liga.

6. (Valências) Outro elemento que ajuda a entender melhor tanto força como direção, é a valência. Uma região pode ter valência positiva ou negativa. Isso significa que, para uma pessoa, grupo ou região, determinadas regiões do espaço de vida terão valência positiva ou negativa, ou mesmo combinações de positivo e negativo. Elas são marcadas visualmente por um sinal positivo ou negativo. Tanto o poder atrativo quanto o repulsivo podem mudar em função de outras valências e forças. No caso, a grandeza intensiva aqui é da valência. Ela não tem direção, antes, cria um campo de força, de onde estas ganham sua intensidade e direção.

7. (Campos de Força) Cada valência gera um campo específico de força. É uma distribuição de forças no espaço. Pode ser positiva, gerando uma meta, ou aversiva. Outros tipos de campo de força, que dizem inclusive respeito aos caminhos para locomoção física ou social são as dificuldades ou barreiras. Elas especificam desvios ou, dependendo de sua força, tensões. Um exemplo deste tipo é um secretário com quem uma pessoa deve falar antes de marcar uma consulta com um médico, para não ficarmos em exemplos quase-físicos.

8. (Conflito) Conflito é a sobreposição de, ao menos, dois campos de força. Isso gera tensões, hesitações e outros afetos. O conceito de equilíbrio também faz parte deste conceito, mas o discutiremos em mais detalhes depois. Adianto, de

qualquer maneira, que o equilíbrio é um tipo de conflito ou desenvolvimento deste, não o contrário.

9. (Medo, expectativa, esperança e culpa) Estes afetos implicam uma relação com o tempo, seja futuro, seja passado. A enumeração poderia ser extensa, mas uma primeira consequência é que temos aqui disparidade entre "*wish level*" e o campo atual.

10. (Poder) Poder não é a mesma coisa que força. Diz respeito à possibilidade de induzir forças. É a diferença entre poder e agir. O poder também gera campos de poder e influência, mas é importante distingui-lo da força, porque o poder é mais produtor de valências no campo do que de uma força em si.

11. (Valores e ideologia) O conceito de valor e ideologia está mais próximo do campo de poder. Por exemplo, uma pessoa pode querer ser justa, mas isso vai se expressar por uma *atitude* em determinada situação, que corresponde mais à estruturação da situação para a pessoa, não para locomoção para uma região denominada "justeza". Valores e ideologias são, em certa medida, equivalentes, mas apenas na característica de induzirem campos de poder.

A parte que menciona estrutura cognitiva merece mais um comentário, apesar de termos nos focado, até aqui, sobre seu aspecto de *estrutura*. Porém, a palavra "*cognitiva*" é até mais problemática, por não corresponder, na obra, ao seu real uso, compartilhado, social. Ou seja, não é somente como é *percebido* pela pessoa, e os trabalhos em psicologia social o demonstram, porque podemos falar de grupos inteiros e nesse caso não é como os grupos se percebem. Ainda que se trate do espaço de vida de uma pessoa, a cognição fica deslocada dela, na medida em que a construção é com alguém, que o próprio campo muda com sua construção nesses termos e que fatores inconscientes sempre aparecem nessas construções. Ou seja, não se constrói o campo pela estrutura cognitiva, antes, o contrário acontece, e essa estrutura é mais um *elemento de análise* do campo do que o próprio campo.

Podemos, com isso, apontar uma questão que já se coloca, de início, entre local e global, ou com uma diferença de escala. Os campos de poder podem estar atuando em outra escala, situacionalmente, dentro de um espaço de vida, induzindo valências. Um valor com pretensão universal, por exemplo, a vida como valor, vai estar produzindo campos tanto de força, como de poder. De força, à medida que, numa situação dada, podemos ter que proteger alguém de um risco de vida. Mas, à

medida que refletimos mais demoradamente sobre este valor, podemos perceber o valor de algo cuja ação é proteger a vida de pessoas, como uma vacina, como à época da pandemia de COVID-19. Esta vacina, a sua existência, cria um campo de poder, que vai fazer com que tenhamos, no espaço de vida de uma pessoa, uma força induzida por uma valência, a de que há uma vacina disponível no posto de saúde. Outra valência pode se produzir (e se produz) numa pessoa – o incentivo para que outras pessoas também tomem a vacina, à partir desse valor a vida.

Ou ainda, como um exemplo auxiliar: uma consideração sobre os direitos dos demais animais pode levar a pessoa ao veganismo, por reorientações e reorganizações do campo de ação induzidas pela extensão do valor da vida aos demais animais. Neste campo de poder, o valor da vida dos animais pode ter extensões diferentes. Uma pessoa, por exemplo, pode comer carne, sem que isso tenha nenhuma valência negativa em termos morais, mas agir contra os maus tratos de animais silvestres.

Ainda falando de campos de poder, Lewin, que durante os anos 1930 estava especialmente interessado no trabalho com crianças, aponta diferentes instâncias de poder na punição.

> As barreiras resultantes de fatores sociais podem restringir a liberdade de movimento da criança a uma estreita área espacial. A criança, por exemplo, não é encerrada, mas está proibida de deixar o quarto antes de completar a tarefa. Em outros casos, a liberdade externa de movimento é praticamente irrestrita, mas o adulto mantém a criança sob constante vigilância. Ela não é autorizada a sair das vistas do adulto. Como, habitualmente, a criança não pode ser seguida o tempo todo, o adulto recorre, muitas vezes, ao mundo de magia da criança. A capacidade de controle constante é então atribuída ao policial ou ao lobisomem. Um Deus que sabe tudo o que a criança faz, do qual não é possível escapar, também é usado amiúde para o mesmo efeito. Comer doces às escondidas pode, por exemplo, ser controlado da mesma maneira. (Lewin, 1975 [1931], p. 128)

Tudo isto, pensando em termos freudianos, pode funcionar tanto a nível do processo primário quanto do secundário. No entanto, a própria diferença entre estes processos se dá no campo, na diferenciação entre regiões, nas direções das forças, nas reorganizações do campo e nas barreiras e zonas. Por exemplo, quando o policial, Deus ou o lobisomem se tornam inconscientes e quando se tornam substitutos do poder dos pais, agindo em níveis de irrealidade, ou até mágicos, evocando certa indiscernibilidade entre pessoa e ambiente nos platôs mais irreais. Um aspecto dessa

perspectiva é que algumas barreiras dessas induzidas socialmente podem ser mais fortes na irrealidade, precisamente porque os limites entre pessoa e ambiente são mais fluidos.

Essa complexidade beira à irrepresentabilidade matemática e gráfica, o que faz com que o uso desses recursos por Lewin seja pontual e localizado. É aqui e ali que são utilizados os recursos gráficos de um mapeamento desenhado. Por isso ele dizia “se alguém se dignar a ler o texto e não folheá-lo como um livro de figuras, talvez várias críticas fossem diferentes”(Lewin, 2013 [1938]).

Queria me desculpar desde já porque vou fazer uma citação mais longa, mas ela parece ser a melhor forma de comentar essa noção importante de poder, essencial para a análise que fazemos no quarto capítulo.

> Por um processo de desenvolvimento (que eu não posso examinar aqui mais completamente) no decurso do primeiro ano de vida, forma-se um meio psicológico cujos atrativos e receios, possibilidades e dificuldades, são determinados, em sua maior parte, não pelas próprias necessidades da criança mas pelo fato da criança viver no campo social de força de outras pessoas. A vontade dos pais e companheiros induz na criança certas metas, avaliações, amizades e inimizades. Sobretudo, é através dessas esferas de poder de outras pessoas que a realidade e irrealidade são separadas para a criança.
> Quase sempre a vontade de um adulto é a mais forte e a mais dura realidade na vida da criança. Com efeito, há no adulto, graças à superioridade real de sua esfera de poder, uma inclinação natural para fazer de seus desejos o princípio decisivo de realidade para a criança. Pedagogicamente expressado, a criança tem que obedecer. Quanto mais uma pedagogia se basear na obediência, mais essa vontade exterior se torna a estrutura de suporte da realidade da criança.
> (...) Se, numa tal situação, a esfera de poder do adulto, a sua posição de autoridade, entrasse por qualquer razão em colapso, a estrutura da realidade em que a vida da criança se apóia psicologicamente também vai desmoronar. Isto acontece quando a criança se torna independente, o mais tardar com a puberdade. Um tal colapso é usualmente ruim para a criança, sobretudo por causa da posição forçada em que até então vivia ser não só uma pressão hostil mas, ao mesmo tempo, a muleta de sua existência.”
> A criança vivia num presente que, graças à relação imediata de suas metas e valores com os do adulto, ia formalmente muito mais além, por certo, da estreita situação do momento e no qual chegava a uma separação da realidade e da irrealidade. Mas o nível de irrealidade desmorona porque falta à criança uma relação fundamental com suas próprias necessidades. O que isso significa torna-se claro quando se consideram as outras condições em que a realidade e a irrealidade podem ser psicologicamente separadas, a saber, a resistência das coisas à execução da vontade da própria pessoa. (Lewin, 1975 [1931], p. 130)

Aqui percebemos que o campo de poder, para além de estruturar valências positivas ou negativas ou gerar valores, têm como efeito para criança (e para o adulto)

a própria estruturação da realidade. E não poderia ser diferente, dado o forte viés interacionista de sua teoria e metateoria. A ideia de desmoronamento apresentada aqui diz respeito a certas concepções educacionais que veem nos adultos a única fonte de poder e estruturação da realidade e os trechos seguintes deste texto deixam isso bem claro, apontando que na diversidade teríamos uma estruturação menos sujeita a tal desmoronamento. Dentro da perspectiva epistemológica própria a Lewin temos a ideia de que o caso único, singular, pode ser mais revelador das forças e das dinâmicas do espaço de vida do que uma coleção de dados estatísticos e é a isso que Lewin almeja com o exemplo dado acima, revelador das relações entre poder e realidade.

3.6. Geografia da Diferença

"O real é o que produz efeitos. (Lewin, 1972 [1932], p37)" No caso de efeitos para o espaço de vida, temos a definição "quase-físico", porque tem características do meio físico, mas não é físico. Isso não implica num solipsismo, pelo contrário. Ele pode ser de mais de uma pessoa, por exemplo, num espaço social. Ou pelo fato de uma pedra no caminho ainda estar lá, mesmo que uma pessoa decida contorná-la e outra fique parada estupefata. Ao mesmo tempo que temos os fatos quase-físicos, temos os quase-sociais e quase-conceituais. Esses fatos são tanto a dimensão social, tal como é percebida pela pessoa, quanto a quase conceitual, com os conceitos que a pessoa elabora, ou se-elabora, ou perlabora. Não são conceitos *per se,* mas estão próximos. Um estudante do doutorado, por exemplo, pode compreender de forma inadequada certo conceito, o que não impede que ele elabore sua tese e se equivoque. "Se existisse essa correspondência completa [entre a estrutura objetiva do campo matemático e o campo psicológico momentâneo], então a solução dos problemas matemáticos seria uma brincadeira de crianças" (Lewin, [1932] 1972, p.45). Sem precisarmos por enquanto entrar no mérito do que é objetivo em termos dos conceitos e dos fatos sociais, vamos falar de como a geografia de Massey (2013) aponta para estes efeitos de diferenças nas formas de ver os conceitos e os espaços sociais entre diferentes pessoas. O espaço é sempre o encontro de perspectivas, que, ao se chocarem, se transformam. Convivendo num mesmo lugar, num espaço que é

sempre de *estórias até agora*[22] que se chocam, criam novas tensões, novas geografias e novas formas de mapear. Sua perspectiva sobre o espaço é o que me levou a rever certa oposição entre tempo e espaço propalada em algumas áreas do pensamento. Além disso, pensando na diferenciação entre espaço de vida, espaço social e seus alhures, cabe pensar nisso a partir de uma filosofia do espaço que envolva a diferença.

Apresentemos, então os elementos dessa filosofia do espaço que Massey desenvolve:

Em primeiro lugar, é importante pensar que a própria diferenciação de espaço (abstrato, sem significado) e lugar (significativo, vivido e cotidiano) não é tão grande assim. Suas proposições básicas são que "o espaço é produto de inter-relações, construído a partir de interações, desde a imensidão do global, até o intimamente pequeno".

Segundo:

> Compreendemos que o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade. Sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço. (...) Multiplicidade e espaço são co-constitutivos.
>
> Terceiro, reconhecemos o espaço como estando sempre em construção. Precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de relações-entre, relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas – ele está sempre no processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço como uma simultaneidade de 'estórias até agora'. Isso implica não diferença negativa, mas "heterogeneidade positiva". (p. 29)

Para poder conversar sobre isso, foi preciso retomar uma crítica, já antiga, de Bergson ([1939] 1999), que toma o espaço extenso, recortado em unidades discretas, como tomando o lugar da duração, ela pensada como contínua. Massey afirma que

[22] *Stories-so-far* no original. É uma expressão intraduzível, mas que a tradução brasileira de Haesbet (2013) resolveu pelo uso do neologismo estórias, de Guimarães Rosa. No entanto, cabe apontar que há algo de história com "h", se entendemos pelo termo a história como múltipla e não linear.

sim, é importante tomar as coisas pelo lado do contínuo e ela própria se inclui numa filosofia do espaço tomada pela tríade “Spinoza-Bergson-Deleuze”. Mas tomar apenas o tempo como, ou pelo menos priorizar o tempo sobre o espaço como defesa à abertura que o tempo proporciona, em detrimento da abertura própria do espaço, é a crítica feita pela autora, que, no entanto, afirma sua posição filosófica como a mesma de Bergson. É de uma multiplicidade de fusão, de intensidades. “Desespacializar não só o tempo, mas também o espaço” (Massey, 2013, p.23). Por trás desse oxímoro está a crítica à Bergson que Massey faz de forma explícita e ele de forma implícita: há uma confusão entre o espaço e sua representação.

Quando falamos de representação, falamos, por exemplo, da tomada do espaço como uma lâmina estática no tempo, uma ideia que vai mais para a instantaneidade do que para um encontro no espaço que é sempre parcial. Ver espaço como divisibilidade quantitativa em Matéria e Memória, (1999 [1939]). Massey aponta então: “Porque não poderíamos impregnar essas seções instantâneas com sua própria qualidade vital de duração? Uma simultaneidade dinâmica seria uma concepção bem diferente de um instante congelado. ”(Massey, 2013, p. 48)

Ao pesquisar sobre espaço, fui percebendo, ao longo dos estudos, que não faz sentido tomar o tempo e o espaço como divergentes, mas como co-implicados. Não há um sem o outro, e pretender que um é mais digno de estudo, ou mais essencial, ou até tomar um como primazia do acontecimento é um erro. Trata-se muito mais de sempre ter em conta suas relações. Certa perspectiva moderna da valorização do tempo é como pensar numa história sem geografia, ou ainda, uma geografia sem história. Assim, para seguir com Bergson espaço afora, seria necessária uma reconceptualização até mesmo do que “espaço” significa, saindo de uma definição oposicional. Massey sugere: “espaço como dimensão de uma multiplicidade de durações” (p. 49). Ou ainda:

> Isso não significa defender que eles são o mesmo em uma cômoda quarta dimensionalidade. Significa argumentar que eles são integrantes um do outro, o que é uma proposição muito diferente. No mínimo, para o tempo ser concebido como aberto, o espaço também tem de, em certo sentido, ser concebido como aberto. O não reconhecimento da simultaneidade de multiplicidades de extremidades abertas que compreende o espacial pode invalidar o projeto de abertura da temporalidade. (pp 79-80)

Depois de pensarmos nas descontinuidades do espaço com o conceito de zona, que Lewin também emprega, de espaço mutante, de espaço múltiplo não necessariamente discreto; podemos falar um pouco desse incômodo com a representação. O caminho de Massey foi pensar que não há como se eximir e a própria ideia de mapa, pensada em Deleuze e Guattari (2011a, p. 30) como não sendo um decalque ou reprodução, mas como uma construção de múltiplas entradas, que produz novas entradas. Pensar num espaço não fechado é pensar na "multiplicidade de trajetórias e, portanto, de vozes" (Massey, 2013, p. 89).

Isso incide diretamente sobre a própria construção, porque coloca em jogo o conteúdo em detrimento da forma. Para Massey, é necessário deixar de lado o *fetichismo espacial*: formas espaciais abstratas em si não podem garantir nada sobre o conteúdo social, político ou ético das relações que constroem aquela forma. Aqui sua crítica muda de foco para incidir sobre outras práticas filosóficas, especialmente para modelizações que inscrevem o valor ou até mesmo valor de verdade na forma abstrata. Ela começa pelo campo da Geografia, e sua distinção entre local e global. Não é desejável conceber o global como sem lugar, descorporificado. "As topologias de poder[23] apontam para o fato de que 'lugares' diferentes ficarão em posição contrastante em relação ao global" (Massey, 2013, p.151). A consequência disso é desonerar o local de seu lugar de necessariamente bom contra um poder global descorporificado. É necessário ter em mente que, por vezes, o local pode ser produto de geometrias mais amplas de poder e que é preciso sempre pensar em como está constituído e seu lugar dentro dessas geometrias. São diferentes os lugares na constituição dos nós nas Geometrias de poder. Wall Street não é como a Ceilândia, que, por sua vez, é diferente do Leblon. "O local, enquanto local, por si mesmo, sem olhar para suas relações sociais constitutivas, pode conduzir a uma falta de consideração com a *constituição* do próprio local. "

Mais ainda depois, e aqui vai se estendendo sua crítica:

> A imaginação de "resistências ao poder" em termos das margens ou interstícios, bloqueiam um compromisso político mais sério. São todas elas, de algum modo, formas de fetichismo espacial, supondo uma política a partir de uma geografia. Elas representam um romantismo de imparcialidade que se recusa a reconhecer qualquer implicação nesse poder ou de assumir responsabilidade por ele. E assim, ao assim fazê-lo, perdem um possível ponto de apoio para uma política efetiva (p.154)

[23] Aqui ela não fala da topologia de poder de Lewin, mas de noção elaborada por ela mesma.

O que intervém nessas críticas é justamente a implicação, conceito que recebeu um tratamento especial de Lourau (2004), congruente com o uso que Massey faz da palavra. A análise de implicação deve incidir mesmo sobre termos consagrados e formas pelas quais estamos acostumados a ler a política, mesmo porque essa análise implica o *específico.* No específico, uma ideia que, em um lugar, pode ser inovadora, em outro, pode ser o contrário. O fetichismo espacial que ela critica diz respeito principalmente a tomar um conceito espacial abstrato como um a priori ético-político. No mesmo sentido, é possível pensar na clínica: uma crítica às topologias que não pensam as geometrias de poder e a teorias que realizam essencializações não relacionais do sujeito. Uma pequena tese que defendo aqui é a de que a metateoria de Lewin leva em conta muitas dessas asserções sobre o espaço, numa conexão importante entre psicologia e geografia:

> Um espaço heterogêneo de práticas e processos, (..) não um todo já-interconectado, mas um produto contínuo de interconexões e não-conexões. Assim ele será sempre inacabado e aberto. (...) Trata-se do espaço como a esfera de uma simultaneidade dinâmica, constantemente desconectada por novas chegadas. (...) Está sempre sendo feito e sempre, portanto, em certo sentido, inacabado (contanto que acabado não esteja na agenda) (Massey, 2013, p.160).

Todas essas características do espaço apontadas por Massey são também as características da hodologia de Lewin. Não existe, claro, um recobrimento completo da concepção de um sobre o outro, mas as implicações éticas, políticas e ontológicas vão na mesma direção. O recobrimento não é completo inclusive pelo tempo, já que as perspectivas sobre ciência são diferentes. Lewin é um teórico da ciência de outro tempo e, por mais que faça parte de um ponto de inflexão importante nas ciências humanas, um movimento implicacional que tem um dos seus inícios no conceito de transferência, suas ciências são diferentes e afastadas por quase cem anos.

Mas uma coisa importante de ler Massey foi descobrir várias das questões que me levaram a construir esta tese em outro lugar que não apenas na psicologia social, mas também na geografia mais contemporânea. A tese aqui é a de que Lewin pode ajudar o clínico na sua imersão de um espaço de diferenças, em continuidade, por um lado, com os desenvolvimentos em psicologia social e análise institucional e descontínuo, por outro, por certo esquecimento. Mas já que a questão é implicação,

vamos para um lugar. Queria falar um pouco do assunto *análise de implicação* e a melhor forma de fazê-lo é com uma.

4. Análise de Implicação

4.1. Pesquisa-ação e Método Cartográfico

Lewin, no texto “Pesquisa-Ação e Problemas de Minoria” (1978 [1946]), afirma que a pesquisa-ação é a pesquisa acerca de diversas formas de ação e pesquisa que leva à ação social. “Pesquisa que produza apenas livros não será suficiente” (p. 217). No entanto, pretende que tal modalidade de pesquisa não seja menos científica e conte com bases teóricas, matemáticas e conceptuais. Seu trabalho, à época, era o trabalho com minorias sociais e a integração delas na sociedade.

A pesquisa-ação precisa passar por três momentos repetidos continuamente. Planejamento, ação e reconhecimento. No primeiro passo, agimos com determinado objetivo: deve-se analisar o campo à luz dos meios disponíveis e a partir de um problema no qual se queira agir. O período seguinte é dedicado à intervenção, no qual se realiza algum tipo de tarefa ou procura-se implementar alguma mudança. Depois disso, temos a fase de reconhecimento, na qual ocorre uma virada. São os próprios participantes da pesquisa que falam sobre ela, e a avaliam, especialmente nos seus objetivos.

Essa mudança de perspectiva não deve ser encarada de forma ligeira. É uma perspectiva de continuidade, de um ciclo que pode se repetir indefinidamente. A ideia de fundo que aparece aqui é de uma ciência social que se queira participativa, que inclua outros saberes e percepções que não só os acadêmicos. É uma maneira de evitar o intelectual encastelado, porque toda sua produção nesse tipo de pesquisa precisa passar não apenas por atividades de retorno à pesquisa, mas também pela participação dos próprios sujeitos.

O princípio de ação e mudança levou Lewin por caminhos interessantes. Seu trabalho como psicólogo dizia respeito a questões importantes de seu tempo, como o trabalho com minorias, especialmente a integração social da população negra e de judeus dos EUA. O que diferencia, segundo Lewin, um grupo minoritário de um grupo majoritário é a dificuldade, pelo constrangimento dos grupos majoritários, de ter sua autodeterminação. Foi possível, à época, propor comissões inter-raciais, ações afirmativas e outras medidas que buscavam igualdade de direitos e oportunidades para as minorias (Malhilott, 2013).

O sentido de trabalhar minorias enquanto tais, não como cada pessoa sendo um caso isolado, é realizada para evitar a compartimentalização e algumas leituras do mundo feitas de forma a supervalorizar apenas a perspectiva da psicologia. Cruzar psicologia com sociologia, à maneira da análise institucional, tomar alguns conceitos da psicanálise, mas não de forma que esses conceitos encampassem toda a prática. Nos textos sobre prisões, Foucault (2011) aponta para uma configuração dos espaços de poder nas instituições que marcava as pessoas e seus corpos. Ele inclusive observa que o espaço e as dinâmicas do saber-poder eram sua questão. Há algo semelhante em Lewin ao pensá-las com tudo que implica essa montagem e as forças que perpassam os sujeitos nessas situações. Investigar as interações entre essas duas concepções é também um objetivo deste trabalho.

A ideia é que o objeto da pesquisa ela mesma não seja uma coisa pré-definida. No livro “Pistas para o método cartográfico” (Escóssia; Passos; Kastrup, 2015) e em “Grupo – afirmação de um simulacro” (Barros, 2007) temos noção de como seria uma pesquisa que encampa a formação de uma pesquisa-intervenção, ou seja, um lugar onde sujeito e objeto se façam no mesmo instante, com a atividade ela mesma de pesquisar. A pesquisa-ação tem muito a ver com esse modo contemporâneo, brasileiro, de fazer pesquisa em ciências sociais. A pesquisa intervenção é, dentro de suas linhas constituintes, um desenvolvimento da pesquisa ação, claro que com uma multiplicidade de outras influências e singularidades.

No desenvolvimento desta tese, inclusive, percebi que tinha que fazer uma escolha, pois ou bem realizava uma pesquisa intervenção, com tudo que esse tipo de pesquisa implica de não apor a priori uma metodologia, ou bem realizava uma pesquisa-ação, que tem uma metodologia que, apesar de participativa, ainda tem lá seus a priori metodológicos. O problema de fundo, sobre o qual vamos discorrer junto à essa análise de implicação, era que meu início de pesquisa com os adolescentes a partir de Lewin já era algo diferente das duas, porque a consigna de fazer uma construção de campo me pareceu um tanto incipiente e distante do tipo de trabalho que eu realmente queria fazer nesse doutorado, que era uma tese em história e metateoria à partir de reflexões ao longo dos anos sobre a clínica e a descoberta de um espaço que poderia pôr em jogo de forma dinâmica os espaços de vida das pessoas que atendi. É, em certo sentido, mais um *testemunho* do imbricamento entre prática e teoria do que uma nova pesquisa que começaria do início a partir do doutorado. Os desenvolvimentos posteriores, a colocação dessa metateoria em uma

prática clínica específica e as transformações decorrentes, pretendo deixar para outro momento.

Certo embaraço ético, sobre o qual discorrerei ainda neste capítulo, se fez presente pela dificuldade com a pesquisa junto a jovens criminalizados. Parte dele é pelo que significaria tentar trabalhar de forma aberta numa instituição fechada e totalizante. Cheguei, ainda antes da minha entrada no programa de doutorado, a fazer alguns grupos com adolescentes em cumprimento de medida de internação usando a teoria de campo e construção de desenhos feitos coletivamente. Por mais que alguns dos resultados que consegui com a consigna “fazer uma construção de campo” fossem de muita riqueza de conteúdo, inclusive porque os adolescentes terminam por compor suas próprias teorias e conhecimentos sobre seus espaços de vida e espaço social, me parecia algo ainda assim marcado por um problema disposicional (a privação de liberdade e suas consequências para o campo) que exige preliminarmente esse estudo, o perscrutamento dessa história conceitual, análises de implicação e o estudo da validade e reimaginação dos conceitos de Lewin quase cem anos depois. Não fazer um estudo em campo agora significa uma opção pela consistência do estudo, tendo em vista que depois ele pode servir para algo mais que uma prática orientada pela gramática simples do desenho de um mapa de campo topohodológico, que, sem uma metateoria teria um alcance mais limitado.

4.2 O Sistema Socioeducativo

O que me levou para a metateoria de Lewin foi certa percepção de que a psicologia precisa lidar com o espaço, advinda a partir da vivência trabalhando há mais de dez anos no sistema socioeducativo. Quando lidamos com questões políticas, faz muita falta que não se fale, em primeiro lugar, do espaço físico. A experiência recente que tivemos quando da pandemia de COVID-19 tornou o espaço ainda mais visível, por isso minhas primeiras explorações com a psicologia hodológica foram a partir de considerações sobre como a pandemia nos trouxe diferentes configurações do espaço de vida. Esta tese foi constituída, em parte, durante essa pandemia. A ameaça de um vírus nos levou a configurar uma nova região do espaço, delimitada pelo risco de contaminação, com diversas implicações, psicológicas e sociais. Durante esse período, um campo aparece com mais força na vida das pessoas pelo distanciamento social. Cada um tinha uma região ao seu redor, prolongamento da

própria respiração. Isso tornou ainda mais pungente certa separação de classe, porque alguns trabalhadores, os entregadores, vendiam também sua própria segurança para atender quem podia ficar em casa, criando diferenças importantes nos espaços de vida dentro do campo social.

No entanto, não é sobre a pandemia que pretendo escrever. Para os fins desta tese, que passa pelo sistema socioeducativo e os efeitos da instituição judiciária e carcerária, outra análise é necessária. Queremos fazer uma aproximação gradual, passando daquilo que é mais simples ao mais complexo e diferenciado. Algumas de nossas formulações podem parecer óbvias, mas o óbvio precisa ser explicado antes do complexo. Não assumimos estas formulações como algo já dado e conhecido por todos. Algumas teorias, especialmente na busca de uma causalidade linear, são afetadas por uma desconexão com o campo e com algumas, digamos, "obviedades". Por exemplo, se pensarmos apenas pela causalidade histórica, corremos o risco de não vermos elementos do campo atual que podem estar influenciando dada conduta.

Colocando o início dessa narrativa num tempo anterior, anos antes da pandemia, posso falar do início do trabalho com a socioeducação, como psicólogo e servidor do governo do DF. Neste trabalho, fui designado inicialmente para trabalhar com a medida socioeducativa de Liberdade Assistida, onde permaneci por cerca de sete anos, em vários bairros da capital. Durante o tempo em que lá estive, numa Unidade de Atendimento em Meio Aberto (UAMA)[24], uma pequena casa no Paranoá, em Brasília, fui percebendo o quanto o dispositivo de escuta individual era insuficiente dentro das próprias medidas socioeducativas. No que diz respeito ao atendimento nesse âmbito, o socioeducativo, o jovem pode se ver junto a um psicólogo numa situação no mínimo constrangedora. Ele não *escolheu* ir para um atendimento com um psicólogo. É uma situação judicial e, em pequeno grau apenas, educacional. Lembro inclusive de me dizerem que era bom evitar a clínica até mesmo no nome do que lá se fazia. Havia a necessidade de entrega regular de relatórios para a Vara de Execução de Medidas Socioeducativas (VEMSE). Este relatório serve como base para a liberação ou progressão da medida socioeducativa. Enfim, as coisas se dão de forma que os constrangimentos institucionais quase inviabilizam um trabalho clínico (mas não completamente). Em primeiro lugar, claro, a demanda é diferente. Por outro lado, também há a colocação em foco daquilo que Foucault (1988) chamou de

[24] O nome atual para essas unidades são GEAMAs (Gerências de Atendimento em Meio Aberto)

dispositivo de confissão, que ele utiliza para falar de práticas como a psicanálise, em termos ainda mais coercitivos. O resultado é que, em muitos dos atendimentos, havia uma inclinação própria dos adolescentes à confissão. Mesmo que eu tentasse fazer o dispositivo ir em outra direção, havia algo do próprio campo que estabelecia forças confessionais atuando na relação. Podemos pensar isso a partir do conceito de transferência[25], mas o conceito de implicação parece fazer bastante sentido aqui. A implicação instala "Campos de Coerência" (Lourau, 1997) que são uma montagem específica das forças em relações de coerência interna. O próprio jovem, ao ser atendido individualmente, muitas e muitas vezes coloca o seu ato como algo de que sente culpa. Isso se faz porque, no trabalho como psicólogo, há determinantes na relação com o jovem atendido que levam a isso. Escrevemos relatórios constantemente para o juízo, ou seja, juiz, promotoria e defensoria. Tudo o que o jovem disser pode ser usado contra ele no tribunal. Foucault (2011) aponta essa duplicação do lugar do juiz nos peritos forenses, ou seja, psicólogos, assistentes sociais, pedagogos. Existe certo poder, mas é um poder que vai na contramão da clínica porque a montagem institucional do socioeducativo e da justiça que o modela colocam restrições importantes ao trabalho desses profissionais e a liberdade é um pressuposto da clínica. A Liberdade Assistida tem um nome duplo vincular: há o assistir tanto no sentido de ajudar, quanto no sentido de observar. Anteriormente era chamada de Liberdade Vigiada.

Nessa experiência profissional, nos deparamos com algumas questões do próprio território em que o serviço era prestado. O bairro[26] do Paranoá, por exemplo, é dividido por muitos grupos e rivalidades. Gangues recortam o mapa do bairro e, em certos lugares, os jovens não podem sequer andar. Isso gera algumas distorções a mais no serviço público. Algumas escolas não podem ser frequentadas, e centros de saúde não podem ser alcançados por problemas de "guerra" (que era como os jovens denominavam as rixas entre diferentes grupos no território). Isso significa um entrecruzamento entre gangues e acesso a serviços, um problema antigo e com muitas consequências, inclusive para a perspectiva de futuro dos jovens. Se você não alcança a escola por problemas de "guerra", isso significa, tanto no espaço de vida,

[25] Não exatamente a transferência que atua num trabalho psicanalítico, mas no que o conceito tem a ver com relações institucionalizadas.
[26] Brasília tem algumas particularidades na nomeação de bairros: Dificilmente se usa o termo. O nome oficial dado a estes é Região Administrativa.

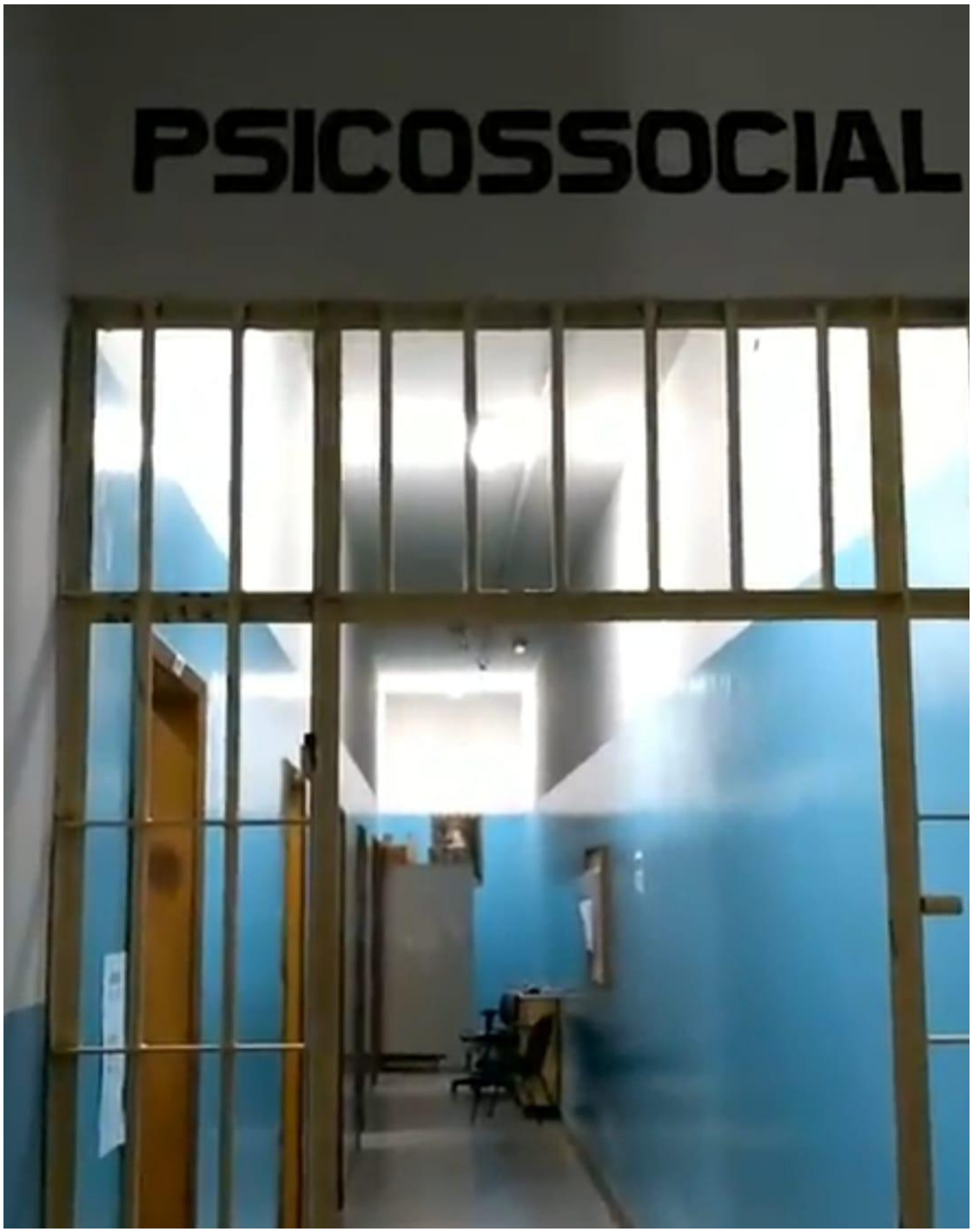
pensado em termos de aspirações, quanto no espaço social e institucional, a impossibilidade de ascensão. Não que a escola lá garanta muito isso também, até porque muitos desses adolescentes já passaram por exclusão anterior, dentro do sistema escolar.

Há algo que foi me levando mais e mais para um pensamento sobre grupos e instituições do espaço social. Eu diria que foi a saída de uma prática como psicólogo à princípio nos moldes da profissão liberal, atendendo as pessoas individualmente em consultórios, logo depois que me formei, para esse trabalho no serviço público que assumi depois, tendo que me haver com outras institucionalidades e seus constrangimentos, inclusive de perceber que a crítica foucaultiana sobre a psicanálise era mais visível nesse trabalho. Ao mesmo tempo que via este dispositivo confessional na socioeducação, eu fui percebendo que uma lógica parecida poderia estar em jogo nos consultórios, pouco visível porque apeada de esquecimento institucional. Quando o mesmo dispositivo é inserido num contexto em que o jurídico é mais explicitado, é possível ver essa característica confessional do dispositivo com mais evidência. O problema da característica confessional de um atendimento individual é a passagem para explicações e compreensões individualizantes ou intrapsíquicas da conduta. Isso leva ao que, em criminologia (Batista, 2011), é chamado de etiologia individual, ou seja, a causa para um comportamento, seja ele criminoso ou não, está no indivíduo.

Não há dúvida de que uma perspectiva pela etiologia individual leva quase necessariamente a uma perspectiva linear. O problema que existe em muitas das concepções com foco em responsabilização é que, se não forem bem pensadas, levam à culpabilização. A culpabilização aponta para a pessoa que comete o ato como causa única do ato. O ECA tenta colocar a questão do ato infracional de forma um pouco mais ponderada, a partir da aposição de uma *co-responsabilidade* social. No entanto, as *práticas efetivas*, especialmente a partir do aprisionamento, mostram o problema de se ter uma lei que vai numa direção e forças sociais indo no sentido oposto. A lei pode ser avançada, mas as práticas, especialmente se tratando de internação, vão no sentido de responsabilização punitiva. Isso leva para dois lados, a depender de onde as valências atuam. Por vezes, é a diferença de tratamento entre servidores diferentes, ou entre diferentes espaços da socioeducação, que leva a uma divisão entre regiões do espaço de vida do socioeducando. Os agentes e técnicos psicossociais se dividem, institucionalmente, entre o “rigoroso” e o “compreensivo”,

por exemplo. Por vezes, a divisão é ambígua, o que significa que se passa uma dupla-mensagem. Como exemplo, aponto um lugar específico onde eu trabalhava. Na internação socioeducativa havia uma porta, gradeada, como todas da cadeia, que dava para um corredor onde os técnicos, assistentes sociais, pedagogos, atendiam os jovens. Logo acima da grade, havia os dizeres “psicossocial”.

Figura 5: Entrada do setor psicossocial da UIPSS



Crédito: Do autor, 2019

4.3 Prisão

O espaço prisional é também o espaço de montagem do controle dos corpos. As pessoas são reduzidas, ali, a seu corpo, trancafiado. Poderíamos dizer que esse espaço é uma estrutura, mas as implicações de dizer estrutura, nos coloca no centro de um pensamento que pode, por vezes, não dar conta dos movimentos e da microfísica do sistema. Aqui, não cremos que precisamos de uma lógica pré-determinada, mas precisamos pensar em como os diferentes elementos se interinfluenciam. O problema com o espaço do estruturalismo, nos diz Massey (2013), é ele ser congelado, indo para o extremo do congelamento do tempo. O argumento de Massey é que o privilégio da lógica na estrutura tende ao imobilismo, à falta de agência do tempo e, consequentemente, do próprio espaço. A perspectiva do estruturalismo, segundo Massey, é do retrato, do tempo congelado. A dinâmica vê os espaços de forma diferente, não por uma lógica consistente, mas algo que necessariamente se move e esses movimentos são alvo de estudo.

Na prisão, em específico na prisão em que trabalhei, há climas (pensados como certo tom afetivo criado pelos temores e expectativas no campo) e forças afetando adolescentes e servidores. O termo jurídico e social seria Unidade Socioeducativa de Internação. No entanto, não podemos compactuar com o eufemismo. Trata-se de espaço de privação de liberdade, com grades, impossibilidade de fuga ou evasão, com limitado contato com o exterior e tantos outros elementos que a caracterizam como uma prisão. No caso da prisão para adolescentes em que trabalhei, havia ainda o agravante de ser uma Unidade Socioeducativa dentro do próprio Complexo Penitenciário da Papuda, ao arrepio do ECA[27]. Há tantas opressões infligidas no corpo dos jovens que é necessário falar um pouco de algumas generalidades. Como não há exatamente discordância da teoria de campo com a narratividade e a descritividade, pretendo enumerar algumas das forças em jogo na instituição.

A primeira e mais óbvia é o racismo institucional no Brasil. O sistema prisional e o sistema socioeducativo fazem parte deste campo, sendo talvez um dos lugares

[27]A lei que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, a lei Nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012, estabelece no Artigo 16 § 1º "É vedada a edificação de unidades socioeducacionais em espaços contíguos, anexos, ou de qualquer outra forma integrados a estabelecimentos penais." Esperamos que, na data que a leitora esteja lendo esta tese, a unidade não se situe mais no Complexo Penitenciário da Papuda.

onde ele é exercido de forma mais direta, depois de afetar a vida dos jovens que lá estão presos desde antes de eles nascerem. O jovem, antes de chegar no socioeducativo, já teve que passar por diversas tensões na escola, na cidade, nas interações com outras pessoas, diante dos direitos negados, com a falta de recursos decorrente da negação de direitos. Tenho refletido, e isso vai de acordo com a teoria de Lewin, que não se trata de adolescentes em conflito com a lei, ou outro termo semelhante, trata-se, ao contrário, de *jovens criminalizados*, no sentido de que foram ou empurrados à criminalidade, ou então rotulados de criminosos. Rauter (2017) apresenta o conceito de *dispositivo de criminalização* como o conjunto de disposições sociais, do judiciário, da mídia, entre outros, que cria o criminalizado. Podemos dizer que quase todos os jovens atendidos nesse contexto ou são negros ou advindos de bairros periféricos de maioria negra. A palavra, posta assim, criminalizados, aponta para a ideia de que é em função do campo social que um jovem pode vir a cometer um ato infracional. Alguns dos fatores são a falta de possibilidade de autodeterminação na sociedade de castas em que vivemos; diversos tipos de carestias; a falta de espaços de livre movimento; opções reduzidíssimas de futuro; por vezes, a fome[28]; certo atrativo de pertencimento e identidade que alguns grupos envolvidos com a criminalidade podem oferecer; a ideologia belicosa de algumas concepções do masculino; a falta de lugar social, que aumenta a valência positiva de identidades marginais; a própria adolescência como momento de haver-se com valores próprios; oposição individual pela percepção de hipocrisias; entre vários outros. Existem outras valências que afastam o jovem de cometimento de atos infracionais, que poderíamos enumerar aqui, mas o ponto é que o jovem não comete o ato infracional por um gesto de pura vontade. Ao mesmo tempo, a forma como enumeramos aqui é muito inespecífica. Para cada espaço de vida, seria necessário ver as forças que existem, que explicariam o arranjo de cada caso individual. Apesar disso, há algo que ultrapassa o indivíduo por sua ubiquidade no campo social.

Em um texto de 1946, quando Lewin estava focando no trabalho com minorias sociais, houve um pensamento mais direto de enfrentamento ao racismo. O texto em questão falava sobre como grupos socialmente minoritários, isto é, que não têm sua

[28] A maioria dos furtos e roubos cometidos pelos adolescentes que atendi são famélicos, ou em sentido estrito, onde o adolescente sofre de insegurança alimentar no seu dia-a-dia ou no sentido lato: não temos fome só de comida.

autodeterminação. Seu trabalho analisava as questões concernentes ao racismo nos Estados Unidos e ao antissemitismo na Alemanha, por meio da teoria de campo. Nestes textos, a análise das valências induzidas socialmente pela *ideologia* (pensada como campo de forças) ajudam a fazer conjecturas sobre as possibilidades de superação do racismo. No caso dos Estados Unidos de seu tempo, a ideia é tanto procurar formas de aumentar a auto-estima da população negra, valorizando expressões culturais, ações afirmativas e outras medidas, como também em maneiras de reduzir a auto-estima do grupo majoritário, isto é, dos brancos: “A questão do negro é também a questão do branco, assim como a questão dos judeus é a questão dos não judeus. ” (Lewin, 1978, p. 228) A perspectiva de análise das forças sociais ativas e o foco em como trazer alguma transformação social são posturas adotadas quando se encara o espaço social pela visada da dinâmica. Temos aí o lugar onde se insere o conceito de pesquisa-ação, ou seja, na ação ela mesma, no estudo pela transformação e *feedback* contínuo das forças sociais. Não se trata nem de assumir uma postura passiva, de quem quer apenas conhecer, do cientista social humilde que só quer aprender e não tem nada a ensinar; nem a enfatuação de saber todas determinações sociais e suas soluções.

Há uma investigação, na obra de Lewin, no campo social, das tensões que se acumulam ao longo da vida. Cada pessoa tem metas, objetivos e interesses, que são parte de um campo aspiracional, com valência própria (Kaufmann, 1968). À medida que vamos crescendo, vamos percebendo nossos limites, impostos tanto por conhecermos um pouco melhor o que podemos ou não, quanto do ponto de vista da potência interna e externa. Podemos ter limitações pessoais, dificuldades com a escola. Podemos perceber que mesmo essas dificuldades advêm de fatores ambientais, como falta de recursos em casa, falta de recursos na escola, mas a coisa é posta de tal forma que a percepção disso aparecerá só depois na vida da pessoa, à partir inclusive da análise do mundo que cada pessoa vai fazendo enquanto tem que viver nele. De qualquer forma, temos uma criança, crescendo com inúmeras barreiras ambientais, com dificuldades tanto no seu livre movimento, quanto na consecução de aspirações. A questão era como tematizar isso no trabalho.

Durante o tempo em que trabalhei na UIPSS cheguei a fazer grupos por lá, que não posso descrever em pormenor porque não se tratava de pesquisa, mas de atividade cotidiana da unidade. Nesses grupos, com ajuda de quadro ou papel pardo, construímos cartografias do espaço de vida. Nos grupos que realizei com os jovens,

tivemos uma parte do campo que construímos chamado de racismo, e fomos apontando as diversas formas pelas quais ele mostra sua força. Sua pervasividade é tamanha que até cabe falarmos do racismo como uma espécie de campo de poder que perpassa o espaço social, criando campos de força que orientam a leitura e o comportamento das pessoas envolvidas. No caso, quando falamos de ideologia, dizemos que é ela mesma que distribui as valências nas diferentes dimensões do espaço de vida (Lewin, 1964). No caso do racismo, ele tem várias esferas: individual, coletiva e institucional (Lópes, 2012).

Não se pode, contudo, pensar no racismo como uma entidade imóvel, mas como algo que se expressa de muitas formas. Para pensar nas forças num campo, cabe pensar o racismo como algo que teria existência num campo atual, distribuindo valências que orientam a conduta e, além das valências, expressões nas estruturas das instituições: arquiteturas tanto concretas quanto regimentais, regras tanto expressas quanto consuetudinárias. Esse é um campo de análise importantíssimo, a ser pensado em grupo. Quando realizava os grupos com os adolescentes sob a consigna de construir um campo, não queria naquele espaço montar uma representação, mas uma análise de possíveis estratégias de resistência e sobrevivência, tanto na internação quanto na rua.

Nas minhas buscas sobre pesquisas que envolvessem essa estratégia teórica, a de Lewin, encontrei algumas poucas poucas pesquisas, mas uma delas me chamou a atenção e curiosamente não era sobre os adolescentes criminalizados, mas aquilo que está ao redor. Há um trabalho importante, de Lourenço (2010), que estuda o espaço de vida a partir da perspectiva dos agentes prisionais. Muito somos acostumados a operar dentro do paradoxo que é o dispositivo prisional de adolescentes: ao mesmo tempo que se pretende educativo, põe o jovem em contato com dinâmicas sociais que reforçam a estigmatização. Podemos analisar os embates dentro da instituição considerando o que Lourau (2004) chamou de esquecimento institucional. Este esquecimento consiste na falsa consciência que temos de nossas ações e pensamentos, sendo que é a própria instituição que vem a modelar até mesmo a percepção que temos das pessoas que lá trabalham por uma não tematização do lugar já estabelecido anteriormente a alocação dos agentes na organização. Foucault (2011) aponta o quanto a figura do agente prisional é diretamente determinada em sua discursividade e ações pelo dispositivo prisional. Ainda em outra chave, os experimentos de Stanford (Zimbardo, 1999) dão testemunho

de que a posição em um campo é determinante para comportamento e ações. No referido experimento, um clássico da psicologia social, há um insight importante sobre o Espaço de Vida. O experimento teve de ser descontinuado, porque as pessoas em posição de agente começaram a se comportar com truculência com os participantes presos. Em certo sentido, o agente, mesmo não estando preso de fato, entra numa montagem de forças em seu trabalho que requer dele sua frieza e desafetação, ao mesmo tempo que é submetido à desvalorização e à hierarquia. Lourenço nota que o agente prisional se sente “sanduichado” entre demandas. Há uma demanda quase infinita dos presos, pela própria falta de recursos e más condições da prisão, e o agente se vê novamente dividido entre sua humanização e afetação com o sofrimento do próximo, mas em contato com uma cultura institucional que trabalha no sentido da desumanização do detento.

O trabalho de Lourenço, de observação participante, constata o quanto o conceito de Espaço de Vida pode ser relevante em estudos de psicologia social. A perspectiva da teoria de campo aponta que, mesmo que pensemos linearmente, a colocação sistêmica impõe ao pesquisador a exploração de tudo que margeia. Esse trabalho, realizado junto à SAP (Sistema de Administração Penitenciária de São Paulo), evidencia, por meio do conceito de Espaço de Vida, as dificuldades inerentes ao trabalho e o sofrimento e tensão destes trabalhadores, demonstrando que a própria montagem institucional da prisão afeta o trabalho. O trabalho também estima os paradoxos envolvidos, entre uma fala que se propõe de recuperação ou reabilitação e uma realidade embrutecedora e desumanizante.

Um dos conceitos nesse estudo é a de força psicológica, que é definido por Lewin ([1938]2013) como uma passagem da tensão, que seria de ordem escalar, para vetores, que têm *direção*. Lewin criticava o conceito freudiano de libido, apesar de muito se inspirar na dinâmica pulsional. De acordo com Freud ([1914]2019), a pulsão tem meta, pressão, objeto e objetivo. Lewin aponta que entre objeto e objetivo há uma grandeza vetorial, que se expressa espacialmente e é ela que determina a dinâmica, ou seja, existe direção. A direção é fundamental para sair de uma grandeza escalar e passar para uma grandeza vetorial, ou seja, que inclui o espaço e, principalmente, os caminhos. Essa grandeza vetorial, a força, exprime uma função ambiental em jogo para satisfação do que Lewin chamaria de necessidade ou *quase necessidade*.

Ao falar dessas forças, Kaufmann (1968) evoca o trabalho de Max Planck, e sua equação do movimento, porque aqui falamos de forças que podem se opor entre

si. É uma ideia da passagem do possível ao atual, por meio da atualização das diferentes forças em jogo. É uma noção, em Planck, derivada do alemão "*trieb*", "*triebkraft*", forças de pulsão (F), estão em relação com a "*zwangkraft*" (forças de coerção (f)) para definir o movimento (mv´). O movimento é função dessas duas forças.

$$mv´=F+f$$

O uso dessas noções da mecânica em física se justifica por ser antes um princípio geral das forças, sejam elas quais forem. O movimento, seja ele num espaço de vida, seja ele no espaço físico, é resultante das forças que se opõem. Uma força psicológica tende à ação. Claro que no ínterim disso podemos ter barreiras, viscosidades, dificuldades. Uma delas, para tomar um exemplo da unidade socioeducativa em que eu trabalho, é o caminho que o jovem tem que percorrer para falar com a família enquanto está detido. Existem visitas semanais, mas, durante os atendimentos, o psicólogo pode ligar para a família a fim de possibilitar que o jovem converse com as pessoas importantes de sua vida mais uma vez, fora do horário regular semanal da visita. Para isso, o jovem muitas vezes tem que pedir durante o atendimento técnico, mas fica a critério do psicólogo (ou também o pedagogo ou assistente social) realizar ou não esta ligação[29]. Isso se dá de forma que o jovem precisa pedir e saber como pedir, além de saber qual é o técnico ou a técnica mais maleável para realizar a ligação. O psicólogo fica, portanto, na condição de "gatekeeper" (Lewin, 1978) de seu contato para além das visitas estabelecidas em lei. Quando se trata de ligações para namoradas ou amigos, é necessária uma autorização especial, que sequer passa pelo técnico-psicólogo, mas pela gerência, que é um grau a mais no organograma da organização. A desconfiança com que o jovem é tratado o obriga a criar estratégias e calcular os custos de cada ligação, do ponto de vista social. Há a barreira de pedir ou esperar o atendimento, a expressão ou não de angústia ou outros afetos, a justificativa e mesmo o fato de que será, nesse caso, uma ligação mediada pelo trabalho de um técnico, criando uma montagem de barreiras cujo objetivo é demover e dificultar o acesso ao telefone, exigindo, assim,

[29] Essa disposição organizacional fez com que eu e alguns colegas tomássemos essa ligação já como direito a cada atendimento.

que o adolescente calcule o melhor caminho e faça considerações sobre as barreiras interpostas, de forma que, para um força (F) que impele o jovem a usar o telefone, exista um força de coerção (f), cuja resultante é o que fará com que ele ligue ou não para a família, amigos e outras relações importantes.

É necessário aqui diferenciar espaço de vida e espaço social. Para Lewin, o espaço social é o espaço da vida coletiva, compartilhado por mais pessoas, com as mesmas características do espaço de vida, incluindo a ideologia, tal como qualificada na teoria de campo. A ideologia é "assunção, nos espaços de ideal subjetivo de um campo de potência[30] vindo da pressão social com adesão do sujeito" (Kaufmann, 1968). Percebamos que a palavra "sujeito" aqui, tem muitas implicações, especialmente se considerarmos, e estamos falando de Kauffmann, um escritor da França dos anos 1960. A ideologia, nesse viés lewiniano, pode receber de nós o acréscimo conceitual, advindo da socioanálise, de algo institucional que perpassa uma falsa consciência. A ideologia seria, portanto, para além de um campo de força, um campo de poder, ligado à pertença social e ao desejo de pertença social, que é tão cheio de expressões possíveis e vinculações a outras partes do campo que cria quase-necessidades que orientam toda a conduta do indivíduo.

Há uma dimensão da ideologia que é inconsciente. Lapassade (2006[1965]) afirma que é um processo de desconhecimento social. É algo que não pode ser espontaneamente encontrado, é necessária uma análise. Nossa aposta é perceber como esse campo de forças pode ser encarado como um processo, uma espécie de motivação por trás das motivações que dá aos campos sua valência, sem que a pessoa reconheça o porquê de tal valência assumir sua atração ou repulsão. A perspectiva de Lewin não invalida a ideia de inconsciente, muito pelo contrário, implica-o necessariamente. A psicologia topológica coloca o sujeito numa relação de impossibilidade de assunção consciente de todos os seus atos e gestos, tendo em vista que eles são sobredeterminados pelo campo, entendido como a relação da própria pessoa com seu meio. O inconsciente aparece aqui como um *vivido não tematizado,* na caracterização que Ponty (1990 [1949-1952] p. 60), dá do inconsciente social a partir da psicanálise.

[30] Kaufmann usa "*champ de puissance*" para o que chamamos aqui de "campo de poder". "Campo de potência" parece mais próximo da intenção desse autor, porque ele poderia escolher o termo "*champ de pouvoir*", mas optou por "*puissance*". Para nós, "*power*" parece mais próximo da palavra "poder" em português.

Na instituição prisional, especificamente, é importante perceber o quanto a montagem até mesmo de pólos entre defensores de direitos e violadores faz parte da dinâmica. Conforme Lourenço (2010), a tendência geral, nesses lugares, é dos agentes irem percebendo o quanto são levados à normalização do que vai acontecendo e deixando o trabalho socioeducativo propriamente dito de lado, em função da consciência de seu lugar à margem dentro do próprio serviço público. As prisões são lugares esquecidos pelo poder público, com vários problemas de má conservação, falta de pessoal, rigidez burocrática, entre outros.

Para os presos então nem se fale. Os adolescentes que atendi no socioeducativo tinham quartos com mofo, malcheirosos, descargas com problemas. Havia um sistema de som quebrado e uma biblioteca que não podia ser usada de forma completa, porque não havia efetivo na unidade para manutenção e distribuição de livros. Os dias transcorriam ora em imobilidade e "tempo de tranca", ora numa movimentação intensa para atendimentos, escola e audiências. A arquitetura da prisão era feita de amplos espaços para o banho de sol, e corredores extensos com celas, as quais o jovem necessariamente tinha que dividir com outro jovem de mesmo tamanho. Por vezes aconteciam rixas, e um jovem tinha sua cadeia "virada" (isso significa ganhar a hostilidade dos colegas de corredor, o que implica uma pressão psicológica e o risco iminente à integridade física). A equipe tinha que prestar muita atenção nesses movimentos, porque uma opressão, qualquer opressão era algo que eu, como psicólogo, percebia mais pelo estado geral do jovem e pelo sistema informal pelo qual a informação circulava. Havia um código específico entre os jovens, inclusive determinando regras de conduta para todos. Sempre me impressionaram, nesse código, as regras para as visitas e as várias regras envolvendo a sexualidade e sua expressão. Existe uma denominação – "*jack*" – que normalmente é utilizada em outros contextos para indicar as pessoas presas por estupro, mas essa categoria era estendida entre os jovens para designar qualquer comportamento impróprio sexualmente, inclusive a masturbação num canto escuro à noite, jovens que olham para as companheiras ou mães dos outros em visita ou mesmo jovens que se sentam de pernas abertas durante as visitas.

Do ponto de vista religioso, o cristianismo é a tônica, com leituras coletivas da bíblia e rezas. As religiões afro-brasileiras ou qualquer outra que não a religião evangélica ou católica não têm espaço. Os jovens são constantemente estimulados a uma conversão ou mudança espiritual. Mesmo no que diz respeito ao cometimento ou

não de atos infracionais, não há meio termo. Ou é uma mudança geral e irrestrita, a "aceitação de Jesus" ou é o "mundo do crime", sem escalas. Essas forças levam a uma crença do tipo "tudo ou nada" no que diz respeito às perspectivas de vida. Aqui, há uma certa diferença dimensional. Em estratos mais idealizados daquilo que corresponde aos valores e ideologias no espaço de vida, as fronteiras são rígidas, mas em estratos mais tocados pelas barreiras íntimas, há zonas e matizes para a forma como o jovem vê seu comportamento, que não é tão binário assim.

O dia a dia dos adolescentes é muito angustiante. A família só pode ser contatada de quando em quando, e suas relações sociais, como amigos, namorada e outros membros da família quase inexistem. O sentido disso é que o jovem vive num espaço, mas com a mente em outro, angustiado pela falta de notícias e pelas saudades. Acontece algo como se o fechamento do espaço quase-físico fizesse com que outros dos estratos mais irreais se inflem, o das imaginações e medo do que pode estar acontecendo fora do contato e da possibilidade de ação do jovem. Segundo Lewin (1964), a sensação de bem-estar na prisão está diretamente associada à estimativa de saída. Ou seja, mesmo que o jovem trabalhe e estude na prisão, seu bem-estar se deve mais, em última análise, a sua perspectiva de sair. Por isso é tão importante as informações e aconselhamento jurídico nestes espaços. A vida lá fora está até mais presente nas preocupações do jovem do que quando ele estava livre. O fechamento do espaço quase-físico tem grandes consequências para os estratos irreais do espaço de vida. Há apontamentos de Lewin em relação à perspectiva de bem-estar dos presos nos Estados Unidos da época mostrando que era mais importante o tempo que faltava, ou a perspectiva ou não de sair mais cedo, do que se o preso estava trabalhando ou estudando na prisão.

No trabalho, eu, ao mesmo tempo, pensava na dificuldade que era trabalhar em uma instituição com princípios dos quais eu discordava, e a necessidade de ter gente lá trabalhando para garantir mais direitos aos jovens, para tentar tornar a estadia menos traumática e mesmo para combater possíveis excessos. Não acredito que seja um lugar passível de reforma, e até por isso creio que o trabalho diga mais respeito à possibilidade de análise estratégica, no sentido de analisar e pensar a própria vida, com seus diferentes fatores, no sentido de produzir conexões entre partes diversas da vida e ajudar no estabelecimento de táticas, tanto individuais quanto coletivas, de enfrentamento das diferentes coerções e riscos envolvidos na vida desses jovens.

Num certo sentido, o trabalho é auxiliar o jovem em suas próprias estratégias de sobrevivência.

O jovem, detido, passa por uma série de cerceamentos punitivos, que normalmente, e a psicologia desde Lewin aponta isso, gera comportamentos de fuga e evitação, bem como afetos de ódio contra quem o pratica, seja uma pessoa, seja uma organização. No entanto, em conjunção com estas forças, existe a ideologia que inverte estas valências, que está em ação no jovem, e que aponta para uma relação mais complexa desses afetos. Existe algo que se coloca, por vezes de forma consciente, por outras, inconsciente, que é a culpa. A analogia, para além da teoria freudiana, é pensar que, ao mesmo tempo que a punição gera estes afetos, existe todo o meio social, que, internalizado, vai complexificar esta relação.

4.4 Caminhos De Um Lugar Sem Saída

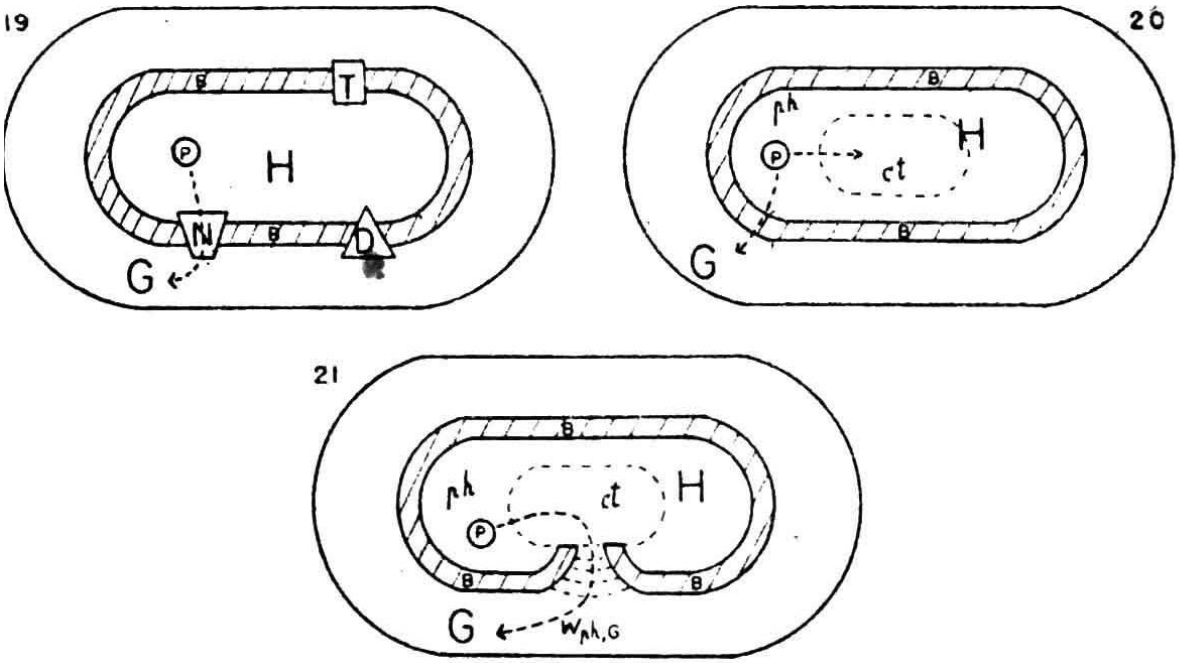
Até certo momento, o trabalho e a pesquisa de Lewin foram realizados no âmbito da psicologia experimental. Depois de mais de cem anos é inclusive um pouco estranho ler e compreender o que estava sendo feito nesses experimentos. A psicologia até hoje tem vertentes experimentais, ainda mais com o desenvolvimento das neurociências. Mas há algo, e isso foi o próprio Lewin que pôde dizer mais tarde, de não imediatamente transponível dos experimentos para as relações de vida como um todo. A psicologia experimental precisa de um ambiente rigorosamente controlado nos seus mínimos detalhes. Existe uma impossibilidade concreta, que é o isolamento das variáveis e, mais ainda, o próprio ambiente do experimento está no mundo atual. Ou seja, a própria escolha do que vamos observar é determinada por contingências externas. No caso dos experimentos sobre liderança, de Lewin; Lippitt; White (1999 [1938]), por mais que sejamos mais simpáticos ao tipo de experiência performada, de experimentar com uma liderança democrática, caímos na mesma questão, porque o experimento tem uma forma de conceber tal liderança.

O fato é que, lendo os experimentos citados por Lewin à época experimental (Lewin, 1975), dá até para achar graça de vários. São experimentos irritantes, para dizer o mínimo. Em um deles, uma criança se enfurece ao ter que fazer inúmeras linhas num papel (cerca de 400). Imagine, pedir pra uma criança fazer algo tão maçante. A partir disso o experimentador pretende estudar a raiva. O método de estudo é causar raiva deliberadamente e ver quando e como ela aparece.

O principal efeito disso é que as instituições totais, como a prisão, aparecem em muitos dos exemplos. Ao procurar as forças psicológicas, o lugar privilegiado para procurá-las é estes em que o poder e a violência se tornam mais evidentes. O experimento psicológico em laboratório tem muito a ver com as instituições totais. Para além de, com isso, percebermos o vínculo da psicologia experimental com estes lugares, essa percepção me fez alterar o rumo desta própria pesquisa. Dar um passo atrás para pegar o fôlego necessário para lidar com este espaço que percebia, mas que deveria abordar preliminarmente sobre outro ângulo, não experimental, mas ainda a partir da clínica.

Trabalhar em grupo numa prisão é muito importante, mas complexo. É preciso estar sempre atento. É uma instituição tão dominante que o próprio psicólogo pode se ver capturado em tramas institucionais e pensar com frequência no que faz e nas relações que estabelece com os internos, os agentes, as diretorias e os familiares dos internos. Quando comecei a realizar grupos, uma das coisas que eu percebi de cara é que quase todos os jovens participam do grupo porque as forças que estão na prisão tornam vantajoso estar no atendimento grupal, que ganha uma valência positiva. Ora, é melhor ficar na cela matando tempo, ou dar uma volta, conversar com vários outros, às vezes ver um filme ou ter um lanche diferenciado? Dentro da parca liberdade de escolha em uma prisão, faz sentido. Ao mesmo tempo, a participação no grupo aumenta a chance de o psicólogo e o agente o verem sobre uma ótica positiva, levando a relatórios mais elogiosos. Não digo com isso que eu faria relatórios mais ou menos positivos a partir da participação, mas, na estimativa própria do adolescente, é uma chance a mais de impressionar positivamente e, com isso, se aproximar mais do objetivo de ter liberdade. Podemos remeter isso ao estudo de Lewin ([1938] 2013, p. 70) sobre o manicômio, exposto na figura abaixo.

Figura 6. Topologia do Manicômio.



Fonte: Lewin, 2013 [1938] p. 64

Aqui H significa hospital, G é a região de liberdade fora do hospital, separados por uma barreira b, que tem as características de uma curva de Jordan. Notamos também a região T, que significa as portas do hospital, N, que significa a enfermagem (*nurse*), e os médicos, representados por D (*doctors*). Um grupo[31] de pacientes P tentam escapar do manicômio pela porta e pela conversa com enfermeiros e médicas. Se pensarmos nas forças, direções e distâncias[32], temos que

$^{d}H,G = {}^{d}H,N;\ {}^{d}H,G = {}^{d}H,D;\ {}^{d}H,G = {}^{d}H,T$

Ou seja, qualquer caminho tomado no sentido da liberdade, é necessário que os pacientes passem por uma dessas regiões. O médico (D), o enfermeiro (N) e a porta(T) estão na mesma direção da região de Liberdade (G). Estando na mesma direção, o acesso ao fora é feito passando por estas regiões, que atuam como *gatekeepers*. Depois de perceber que não saíram do manicômio passando

[31] É importante perceber que P, apesar de parecer aqui Paciente (*Patient*) ou Pessoa (*Person*), significa, nesse gráfico, Pacientes (*Patients*) no plural. Ou seja, falamos de um grupo de pacientes recém-admitidos, para que possamos entender que para fins de análise, um grupo pode ter caraterística de uma curva de Jordan sem divisões.

[32] Aqui entramos um pouco mais na notação usada por Lewin na psicologia hodológica. De uma região a outra precisamos diferenciar: direção (d), caminho (w) e força (f).

diretamente por algum destes, eles percebem que a saída se dará de outra forma, se comportando como “bons pacientes". Isso leva à uma mudança na direção da ação, exposta na figura 20. Os pacientes se encaminham para a região “ct”(Zona central) que é a vida interna do hospital, suas atividades e relacionamentos. Essa zona “ct” se diferencia da zona “ph”, que seria a zona periférica, onde aparentemente parecemos mais próximos de G (liberdade), só que não. A saída para G envolve uma entrada numa nova distinção no hospital, sua zona central. Então podemos afirmar sobre a direção de saída:

$$^{w}ph,ct \subset {}^{w}ph,G$$

Ou seja, o caminho [que notamos por w (*way*) e as regiões percorridas] da zona periférica do hospital (ph) para a zona central do hospital (ct) está contida no caminho de saída do hospital (G). Isso significa que os pacientes devem participar da vida interna do hospital de forma “positiva” para os *gatekeepers* para existir a possibilidade de abrir a Barreira (B), que pode ser o muro, mas também a constatação que os muros não são apenas físicos. Como podemos ver na figura, topologicamente, há uma abertura que não corresponde exatamente à porta de saída física.

O que podemos tirar disso, em outra chave, mas igualmente levando em conta a instituição total, é que o campo determina muitas condutas e estratégias das pessoas lá incluídas. Da mesma maneira que, em análise institucional, é preciso fazer a análise da demanda, é necessário perceber que condicionantes podem estar em jogo numa pesquisa em uma instituição total.

O engajamento não é livre, e a adesão dos jovens à consigna passa por este fato. Isso causa problemas para a pesquisa, porque a fala não seria livre e as forças institucionais teriam muita dominância nas relações, inclusive nas de um grupo operativo. Poderíamos fazer com os jovens a construção desse campo de força, mas seríamos, em primeiro lugar, tomados por certos constrangimentos *atuais* (digo aqui *atuais* no sentido que estariam acontecendo no aqui e agora do grupo). O grupo sempre é acompanhado por um agente, que faz a segurança. A própria característica estratégica da hodologia nos levaria a pensar o guarda, o meu próprio trabalho na unidade, e os diversos problemas metodológicos envolvidos nas estratégias de pessoas em situação institucionalizada.

Vamos tomar um primeiro tempo, eu, psicólogo especialista em assistência social, e ver quais as forças que atuariam em mim nesta prática, como uma espécie de análise de implicação. Este é meu cargo. As forças que me levam à realização do grupo são:

1. a vontade de pesquisar a socioeducação a partir da perspectiva do espaço de vida, numa clínica ainda em vias de constituição. Esta é uma força.

2. Segunda força, constrangimentos institucionais que levam a uma ponderação do discurso.

Por mais que eu seja abolicionista penal, é preciso ter algum cuidado com a forma como me posiciono sob pena do campo de poder institucional, na figura do agente, de alguma forma, desenvolver uma opinião negativa sobre o grupo. Já passei por um problema parecido quando realizava um grupo, o que levou a problemas com a chefia de segurança. À época, passávamos videoclipes de rap, e alguns deles eram escolhidos pelos próprios jovens. Um destes clipes mostrava uma rebelião numa unidade socioeducativa. Como grupo, realizamos uma discussão depois, na qual comentamos o conteúdo, inclusive problematizando as imagens. O agente que observou o encontro levou, à sua maneira, o conteúdo do grupo para seus superiores. Isso ensejou um debate com demais autoridades da unidade socioeducativa que, só após muita negociação, foi retomada. Lembro inclusive de ter escutado: “Em prisão, acho um erro fazer grupos com temática aberta”.

Essa história serve para mostrar que o psicólogo tem que, por estratégia, trabalhar os conteúdos levando em consideração o campo de poder da instituição, não porque ela sempre aja diretamente, mas por ela ter poder para realizar algo contra esse trabalho e estar mantendo a vigilância sobre as atividades. A frase citada acima aponta que um temor dentro destes atendimentos em grupo é que a coisa saia de controle, por isso a recomendação de grupos temáticos. Na minha atividade, é importante que o grupo funcione de forma aberta, porque assim podemos passar por vários aspectos de um problema e permitir que emerjam questões importantes tanto para a constituição do grupo quanto para a própria análise. Não que essa conversa tenha inviabilizado o grupo, mas gerou valências negativas no grupo, como, por exemplo, a evitação de certos assuntos envolvendo o dia a dia da unidade socioeducativa, não por proibição expressa, mas por cautela.

Outro poder (no caso da metateoria em questão – valor) em jogo: os jovens, no grupo, precisam não só ter expressão livre, mas desenvolver seus formatos pela

negociação, numa autogestão democrática. Meu papel é mais de não atrapalhar e conduzir para atividades e temas livres. A ideia mesma de pegar um papel pardo e dizer: vamos desenhar este campo, da prisão, já deu muito certo, mas de forma limitada, em alguns encontros. Penso que o trabalho com esta prática precisa de mais trabalho prévio, de discussão aberta, para depois passar por esta expressão. É como Lewin aponta: o desenho é um recurso para visualizar a direcionalidade e permitir a leitura de simultaneidades. Mas, em certo sentido, a psicologia hodológica pode dispensar o desenho do campo.

No entanto, isso aponta para a dificuldade de chegar com uma consigna de exploração do espaço de vida do grupo a partir de um desenho. E se não for isso que os jovens queiram fazer no grupo? Não é porque deu certo uma vez que será possível em outra. Por vezes as angústias daquilo que eles viviam na hora, conflitos entre eles ou problemas com a instituição pareciam muito mais o caminho que o grupo pretendia tomar. Tudo isso podia e seria até recomendável ver numa perspectiva hodológica. Até porque esta perspectiva parte do conflito, não do equilíbrio. Mas há algo da diferença entre pesquisador e pesquisado que me incomoda, porque a diferença de poder é muito grande entre psicólogo especialista socioeducativo (o nome do meu cargo na secretaria de justiça) e o adolescente criminalizado. A realização de um grupo como experiência de pesquisa sem análise prévia desses poderes ainda parece um tanto quanto incipiente, porque sem ela eu poderia tomar como dado resultados decorrentes dessa mesma diferença de poder.

Um outro poder está presente nesse trabalho: a socioeducação, como um rolé específico. Todas as influências, os textos que li, entram na pesquisa como valores, que na hodologia mais desenvolvem campos de poder, ou seja, a possibilidade de induzir vivências e, consequentemente, forças. No trabalho, cada conversa com colegas, cada prática e cada texto lido tem o poder de influenciar minha atuação. Quando conversava com um colega, numa das orientações de grupo na UFF, ele me perguntou: “mas por que você escreve ‘*prisão*’, quando o estabelecido seria dizer unidade de internação socioeducativa?” Isso tinha duas respostas. A primeira é que não gosto de eufemismos. A segunda era uma crítica abolicionista, de que não é possível reformar a prisão.

O negócio também é que, na minha posição, é possível perceber que o poder de influência sobre a instituição é limitado, senão limitadíssimo, tenho uma crise sobre os significados daquilo, fico exausto com facilidade, por vezes triste. É algo muito

comum nesse tipo de trabalho, e ficava também atento às diferentes formas pelas quais meus colegas psicólogos, assistentes e pedagogos tentavam lidar com os problemas institucionais. Festinger (1975) falava de dissonância cognitiva, que é uma noção interessante para perceber mudanças de posições e acomodações no campo. O que acontecia era que uns embarcavam em alguns dos discursos punitivos que sustentavam a instituição, agindo em sincronia com os dispositivos punitivistas socioeducativos; outros só de leve, porque havia um realismo institucional (Lourau, 2004) importante em jogo, de ora performar aderindo aos valores e ora, especialmente quando a violência institucional se tornava muito visível, aderir a outro dispositivo, este um pouco diferente, porque agia a partir de outro poder social, que é o conjunto de poderes que veio a constituir o ECA (1989). Outros, mais aguerridos, entravam constantemente em conflitos. Por vezes conseguiam agir como forças relevantes na unidade, por vezes não, e por vezes ainda se desgastavam, pela dificuldade que é sustentar conflitos por muito tempo. No meio disso, tentava encontrar uma forma de pensar esse fazer que incluísse política, estratégia e praticidade, algo entre a segunda e terceira estratégia.

Uma das mais pervasivas desumanizações, e que eu pude sentir enquanto trabalhava, não só comigo, mas também com colegas, é a deslegitimação das demandas dos adolescentes. É muito comum, quando estamos atendendo os jovens na internação, escutarmos asserções como: “Ele está fingindo; ele só quer atenção”. Ou ainda, a ideia de que pipoca e guaraná num encontro de grupo seria uma “regalia”. É preciso ter muita atenção para o uso da palavra regalia e privilégio na prisão. Era uma palavra sempre utilizada quando qualquer melhoria estava para ser feita. Com ela, até direitos como privacidade ou espaço pessoal são relativizados e negados.

4.5 Método Cartográfico e Espaço de Vida (e Implicação)

A partir de algum momento comecei a ficar um tanto confuso. Teria eu lido Kurt Lewin dessa forma por que já partia da metodologia cartográfica em sua leitura? Se assim fosse, eu estaria sendo anacrônico, o que de fato não é completamente evitável. Se eu fosse lê-lo, não seria de um grau zero da psicologia, como se eu tivesse caído de um coqueiro e começado a estudar psicologia no vazio. Havia pistas que eu seguia que tem sim a ver com essa leitura a partir do método cartográfico. Algumas coisas, mesmo se o psicólogo Lewin não mencionasse ou problematizasse, lá estava

eu, de boa vontade, preenchendo ou até pondo em suspenso algumas de suas proposições para seguir o fio dessa leitura, que não implica necessariamente que ele tenha escrito exatamente o que Deleuze, para tomar um exemplo, tenha. No entanto, uma obra como a de Lewin pode por vezes ir na mesma direção que Deleuze e outras vezes não. Ao mesmo tempo, me impressionou a própria contemporaneidade de suas intervenções, pela espacialização da psicologia para dar conta dos conflitos; suas relações com as questões de minoria; por uma possibilidade de pensar o inconsciente que não envolve as articulações mais intrapsíquicas da psicanálise, entre outros elementos. Um grau a mais de contemporaneidade é estar algo deslocado de seu próprio tempo – aludo aqui à perspectiva de Agamben (2009) sobre o contemporâneo, que envolve uma visada algo de viés, algo meio fora de seu próprio tempo, que permite pensá-lo em outra visada e revelar relações e entendimentos que só se consegue com certa distância.

No campo da espacialidade a perspectiva tridimensional ou n-dimensional coloca uma nova abertura, importante para, digamos, abrir ainda mais o espaço psicológico, não apenas pelos limites do campo em sua própria dimensão, sua abertura ao que está fora da própria dimensão de uma análise. Ao colocar cada ponto do espaço de vida podendo ser limite de outros campos em outras dimensões, sofrer influência destes. A qualquer momento uma pedra pode quebrar a janela do quarto em que estamos. Pode também ser um mosquito. A questão é que estamos jogados ao acaso em nosso espaço de vida, seja lá qual acaso for este e como o nomeamos. No entanto, a este acaso não somos passivos: o campo muda, executamos alguma ação.

Habitar um território existencial (Guattari, 1992; Alvarez; Passos, 2015) tem um pouco a ver com isso, porque podemos não apenas agir, mas reorganizar o campo, dar sentidos diferentes. A subjetividade é “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (Guattari, 1992, p. 19). Por isso temos estas montagens. Entre método cartográfico e hodologia existem muitas convergências, mas algumas diferenças, não exatamente entre a concepção de sujeito e objeto, muito mais complexa em Lewin do que parece à primeira vista, com seus desenhos aparentemente separando pessoa de ambiente, mas com largos espaços de indeterminação tanto pré individual quanto transindividual, mas

especialmente no que significa uma abordagem científica[33]. No que diz respeito à sujeito e objeto, é importante pensar na alta reversibilidade numa pesquisa, do analista ser em momentos diferentes estruturador e estruturado pelo campo. Nos próprios desenhos de campo, às vezes somos uma região que em níveis diferentes de análise é ou altamente dividida e diferenciada, com muita interdependência com sua ecologia ou uma região indiferenciada, uma "bolinha" exercendo influência sobre o campo psicológico de outrem.

Foi uma experiência interessante, nesses desenhos e bolinhas, curvas de Jordan, me ver no campo, sendo uma bolinha ali. Pode até ser uma bolinha toda dividida pela metateoria de Lewin, mas, ainda assim, uma região no espaço de vida de um grupo de adolescentes, ou meu próprio espaço de vida, ou ainda uma bolinha no campo social da unidade de internação. A principal consequência disso é uma espécie de implicação maquinal, ou seja, uma produção, vivida como experiência.

Estar no meio do mundo, pegar o mundo pelo meio e pela fronteira a um só tempo. Em Spinoza, as forças e afetos são algo como esse pensar-*se* como uma bolinha, no modo reflexivo inescapável de ser analista: o sujeito e objeto da ação são o mesmo. E como nós analistas estamos na análise como pessoa (ao contrário do que possa falar a teoria mistificada do analista em certas leituras Lacan, onde existe a pretensão do analista dessubjetivado[34]), nossas fraquezas, impossibilidades, barreiras são elementos que não estão dentro *ou* fora, estão dentro *e* fora. Ou seja, era necessária, antes da própria proposição de um grupo como campo de pesquisa, uma análise de implicação. Isso significa que a saída à ação precisou de uma consideração prévia sobre os poderes que estariam em jogo em uma pesquisa de campo no ambiente prisional. Não seria interessante oferecer uma consigna de exploração do espaço de vida do adolescente preso, porque os constrangimentos inerentes seriam impeditivos de uma construção comum. Por isso, essa tese se tornou uma pesquisa teórica implicada.

[33] Voltaremos ao tema da epistemologia um pouco mais tarde nessa tese.

[34] É importante separar a noção de destituição subjetiva (muito bem explicada em Allouch, 2008) da noção de pessoa em Lewin – os autores falam de coisas diferentes com essas noções – mas igualmente importante entender que a referida destituição não implica nem na produção de uma nova pessoa, agora capaz de dessubjetivar-se, nem na ausência da pessoa do analista. Em Oury (2003), por exemplo, a função de analista pode ser às vezes melhor assumida por um cozinheiro, que ao contrário do "*psi sabichão*", não toma a destituição subjetiva como condicionada pelo ordálio pessoal do fim de análise. É algo mais prosaico, atrapalhado pelo excesso de essencialização e saber que intervém em algumas práticas dos psicanalistas.

Posso terminar com o que levou a esta exploração de Lewin, dizendo como o abandono da proposta inicial me levou a perceber a vontade de estudar o autor Lewin. Porque não existe uma sistematização prática, apesar do autor ser prático, de como isso poderia ser construído no contemporâneo, até pela necessidade de articulá-la a partir de perspectivas menos cientificistas que da época que foram escritas. Foi com o empuxo que tive para estudá-lo a partir da experiência com o socioeducativo que cada vez mais não apenas o Lewin tardio me interessou. À medida que fui estudando como o autor chegou a estas formulações cheguei ao início: sua epistemologia comparada e o progressivo refinamento da forma de pensar tempo e espaço. Uma camada a mais e aparece uma perspectiva filosófica concreta, com sentido processual.

5. Política e Psicanálise

5.1. Uma História da Pesquisa-Ação

Há uma continuidade entre os diversos momentos da produção de Lewin: desde o seu início, trabalhando com epistemologia; passando pelo tempo da psicologia experimental na Universidade de Berlim, onde propõe uma curiosa mistura entre conceitos dinâmicos de Freud e o trabalho experimental; bem como pelo tempo em que, como judeu refugiado, se voltou para a dinâmica de grupos e as minorias sociais; contemplando também o Lewin da pesquisa-ação, o Lewin da psicologia topológica e hodológica e, por fim, o Lewin dos T-groups, há continuidade, e cada passo parece um prolongamento de um estudo epistemológico próprio e de uma metateoria, que engloba a coestensividade entre o psíquico e o social. Blanco (1991, p. 25) aponta que, desde o princípio, seus escritos se voltam para uma psicologia social e que os seus escritos posteriores, inclusive a psicologia topológica, já aparecem como consequência dessas primeiras reflexões.

Suas principais influências na época em que atuava como psicólogo experimental na Universidade de Berlim, entre 1917 e 1933, eram Carl Stumpf e Ernst Cassirer. Nesse período temos a formação de um grupo específico, separado da psicologia da Gestalt, composto por Lewin e outras psicólogas, como Dembo, Ovsiankina e Zeigarnik, que desenvolveram uma psicologia experimental voltada para os afetos e a aprendizagem. Os trabalhos utilizavam e pesquisavam conceitos psicanalíticos como satisfação substitutiva e regressão, ao mesmo tempo que pesquisavam afetos como raiva e saciação. É dessa época o famoso trabalho de Zeigarnik e Ovsiankina sobre tarefas interrompidas. Este estudo trabalhava com a hipótese de que as tarefas interrompidas têm mais chances de ser lembradas depois do que tarefas completas. Outro estudo digno de nota é sobre a saciação, que coloca uma hipótese muito relevante para qualquer estudo psicológico e social. Não é apenas a *falta* que incomoda, mas o *excesso* também. Por exemplo, mesmo que um casal goste de dançar, um dos parceiros se saciará antes, e isso gera conflito no casal, porque, mesmo gostando da dança, um poderá querer ir para casa antes. A saciação pode tornar o excesso de uma atividade tão aversiva quanto sua falta. Parece óbvio, mas muitas psicologias não levam isso em conta.

Outro exemplo é a da caixa de correio. Podemos ir checá-la, a partir da intenção de ver se determinada carta chegou. Uma vez tendo checado e a carta sido recebida, a força que leva a pessoa a checar a caixa não existirá, pelo menos até o dia seguinte. Hoje, com a internet, esse exemplo perde parte do seu sentido, porque podem ser geradas forças que tornem essa checagem constante, sem saciação possível. Anitra Karsten, em outro experimento relacionado, mostra como a repetição de uma atividade por longos períodos para fins de prática pode levar à recusa em continuar a atividade. Ou seja, a partir de certo ponto, a prática repetitiva pode ter efeitos nocivos sobre a aprendizagem (Marrow, p. 46, 1969).

Aqui é importante comentar a passagem de psicólogo experimental à pesquisador social. Não foi uma passagem brusca, pois desde os tempos na Alemanha já tinha pesquisas em psicologia social, em fábricas, criticando o modelo taylorista e falando sobre a experiência de guerra. Mas em 1933, percebendo o perigo do nazismo, arrumou um trabalho na Universidade de Iowa, como professor de psicologia da infância. Lewin foi um exilado racial nos Estados Unidos ao longo da Segunda Guerra. Antes disso, viveu na Alemanha. Vindo de uma família de classe média, nasceu em 1890 na cidade de Mogilno, então Prússia, hoje Polônia. Muito jovem, mudou-se com a família para Berlim, em uma época em que, tanto na Prússia, quanto na Alemanha, os judeus eram sujeitos à “discriminação aberta, aprovada publicamente”. A psicologia, à época, era uma disciplina nascente e Lewin a estudou na universidade de Berlin, escolhendo como orientador Carl Stumpf. Psicologia e filosofia não eram disciplinas completamente separadas e, por isso, a formação era também filosófica. No campo da filosofia, sua principal influência foi Ernst Cassirer e sua filosofia das formas simbólicas (idem, 1969, p. 50).

O maior esforço em sua atuação tardia, pouco antes de seu falecimento, foi de promover relações mais sólidas entre teoria social e ação social. O foco principal dos seus trabalhos de pesquisa-ação estava em questões concernentes a minorias sociais. Mesmo ele tendo passado por âmbitos que incluíam o trabalho industrial e pesquisas sobre alimentação no esforço de guerra nos anos 40 do século XX, o seu trabalho dentro do centro de pesquisa em dinâmica de grupos do MIT e na Comissão de Interrelações Comunitárias (C.C.I) teve esse foco. Algumas das ideias expostas ali até hoje servem de base para ações afirmativas. As conclusões dos estudos definem uma teoria social que afirma não ser apenas a partir da reflexão acadêmica que os problemas de minorias serão resolvidos, mas com ação.

> A comissão significa ação, e ação *agora*. Se falamos de pesquisa, falamos de pesquisa-ação, isto é, ação num nível realista, ação que é sempre seguida por reconhecimento autocrítico objetivo e avaliação de resultados. Como gostamos de aprender rápido, não teremos medo de encarar nossas falhas. Nós miramos em "nenhuma ação sem pesquisa; nenhuma pesquisa sem ação. (Lewin, citado por Marrow, 1969, p. 193, tradução nossa)

Isso não é contraditório com um texto teórico. Lewin, aliás, escreveu vários. Uma das suas frases mais famosas é "Nada tão prático como uma boa teoria"(Lewin, [1943-44] 1964, p. 169). Porém, no mesmo trecho, percebemos que o contrário também é verdadeiro: Nada tão teórico como uma boa prática[35]. Isso também torna, nessa tese, a análise de implicação do capítulo anterior tão importante. É só com a análise de situações reais que uma teoria pode vir a ser. A C.C.I foi um caso de prática que gerou teoria.

Para pensar em uma situação atual que pode ser relacionada a essa interdependência, podemos pensar numa ação afirmativa atual. Ao abordarmos a integração de diferentes grupos raciais na universidade no Brasil, a partir de cotas raciais, é interessante pensar na noção lewiniana de fato consumado. As cotas, depois de instituídas, geram uma disposição maior do conjunto de forças do campo social à sua manutenção porque sua institucionalização torna a oposição mais difícil, por que se trataria, para esta, de acabar com algo que já existe, já montado. Mesmo que essa oposição procure criar novas tensões, essas são menos danosas para a política de ação afirmativa, porque seria preciso aos atores contrários à política mudar uma estrutura organizada, realizar um retrocesso forçado. Para nós, favoráveis às cotas, precisamos apenas defender e reforçar algo que já está dado e que hoje dá à universidade seu caráter mais inclusivo.

A pesquisa-ação começa como uma percepção dos limites da pesquisa em laboratório. A maioria dos acontecimentos em ciência social não podem ser demonstrados em laboratório, porque, entre outros fatores, a separação entre a atitude das pessoas numa pesquisa e na vida cotidiana diverge muito. Problemas sociais complexos só podem ser pesquisados no lugar onde ocorrem. Isso implica que a pesquisa deve ser feita no lugar onde os fatos eles mesmos acontecem: no campo social. A primeira implicação disso é a pesquisa já se tornar, ela mesma, *ação social*,

[35] Esse foi um dos nomes aventados como título desta tese.

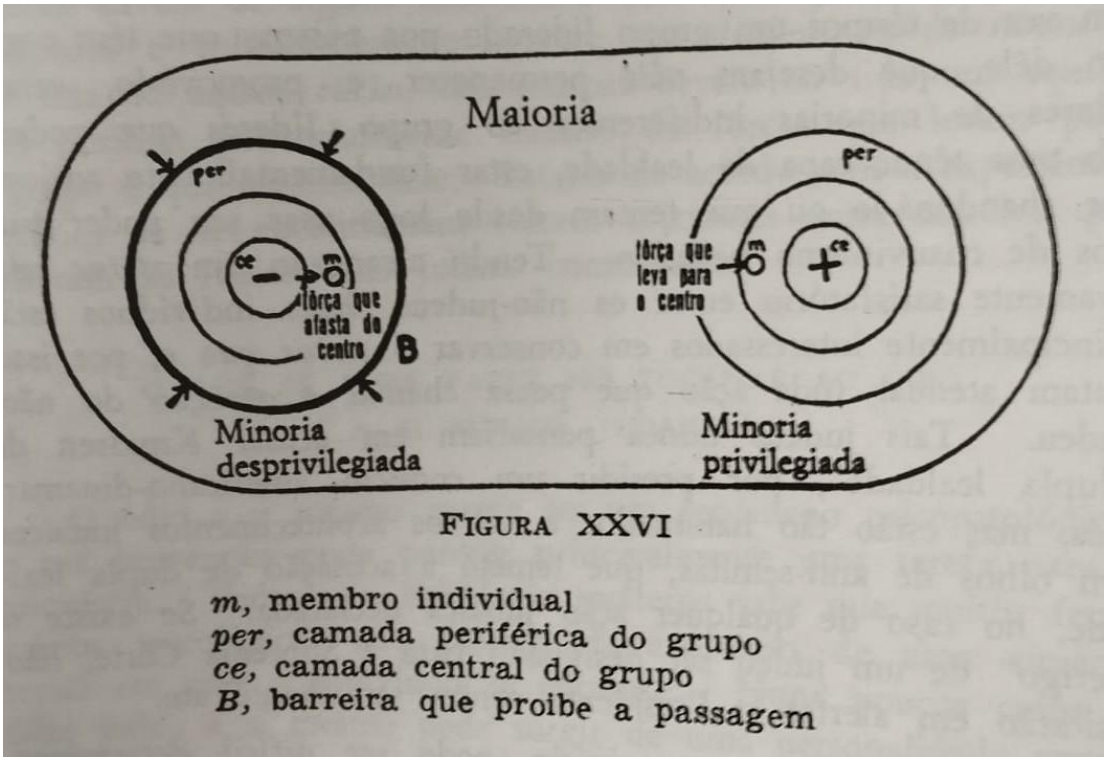
apagando a fronteira entre laboratório e vida. Outra implicação é o pesquisador não poder manter uma postura neutra. Ele já está implicado desde o início no conflito social que estuda. Além disso, não é possível pensar em nenhum envolvido como mero participante ou objeto de pesquisa – cada um dos envolvidos se torna pesquisador também e os efeitos, tanto da parte "ação" quanto da parte "pesquisa", só se realizam com o envolvimento de todos nela. Lewin afirmou que essa combinação era ideal para "cientistas cuja preocupação era voltada à ação, em mudar o mundo enquanto contribui para o avanço do conhecimento científico" (Marrow, 1969, p. 164). Isso encetou o modelo trifásico: colocação de hipóteses, ação e *feedback* (que, por sua vez, modula as hipóteses iniciais para começar outro processo trifásico). Esse modelo influenciou muito a ideia de "conhecimento em espiral", de Pichón-Rivière (2009, p. 252).

Para Lewin isso não estava em desacordo com a ideia de ciência, muito pelo contrário. Como veremos, no capítulo sobre epistemologia comparada, não podemos simplesmente transplantar modelos de outra ciência para a psicologia. Ela precisa de seus próprios métodos e teorias do conhecimento. O momento em que ele vivia dava mostras da urgência política de se pensar como é possível a mudança social. A entrada da psicologia na ação é a entrada da psicologia em maiores ambições sociopolíticas, andando lado a lado com o desenvolvimento da ciência. Ao mesmo tempo, esta perspectiva apontava que o caminho para essa finalidade não seria testes em larga escala e análise estatística, indo na contracorrente de reconhecidos psicólogos na época, como Allport e Parsons.

Um dos pressupostos da pesquisa-ação é que não agimos sempre como indivíduos, mas também como membros de uma classe ou grupo. Temos, por vezes, o cruzamento e sobreposição de grupos diferentes aos quais pertencemos. Nessas superposições, temos diferentes intensidades de pertencimento e importância. Em alguns grupos minoritários, a tendência é o pertencimento a um grupo novo ser incerto ou duvidoso, gerando incerteza no próprio comportamento do indivíduo. Como resultado de estar à margem, pessoas se tornam obcecadas pela sua dúvida em relação ao pertencimento. Novos-ricos, pessoas que cruzam as fronteiras de classes sociais, membros de minorias étnicas ou religiosas, adolescentes; todos podem experimentar sintomas dessa incerteza ao tentar penetrar um grupo dominante. Os grupos a que pertencemos são a origem de nosso status social e sentimento de segurança. Esse pertencimento pode levar, inclusive, como mencionado em um artigo

chamado “O Auto-Ódio Entre os Judeus” (Lewin, [1941] 1978), a afetos negativos de uma pessoa em relação ao próprio grupo de origem e, em consequência, a si mesma. O colorismo norte-americano também foi objeto de análise para chegar a essas afirmações, a começar pela percepção que os grupos minoritários não são homogêneos, ao contrário do hábito perceptivo comum dos membros do grupo majoritário. “Todo grupo, inclusive os grupos desprivilegiados economicamente ou de outras formas, contém um certo número de camadas sociais. ” Nessas camadas, também temos centro e periferia. No caso dos grupos desprivilegiados as forças que atuam sobre um membro (m) do grupo (figura 7) se dirigem “para fora da área central, para a periferia do grupo e se possível, para o status ainda mais alto da maioria. O membro (m) da minoria a abandonaria se a barreira levantada pela maioria não o impedisse disso” (Idem, p. 208).

Figura 7: Maiorias e Minorias Sociais



Fonte: Lewin, 1978 [1942], p. 209.

A construção acima, que trata de análise historicamente situada (ou seja, é preciso levar em conta, caso queiramos falar do *aqui agora* brasileiro, a sociologia do racismo em dois países diferentes e com quase um século de distância), aponta primeiramente o fenômeno cultural e psicológico de ódio a si mesmo e ao próprio

grupo que muito tem a ver com a barreira social imposta pela maioria. Aqui temos o equilíbrio negativo, o que mais precisa ser desequilibrado. Isso gerou, nos Estados Unidos, o fenômeno de negros que distinguiam “quatro ou cinco camadas em seu grupo, segundo a cor da pele – quanto mais clara a cor, mais alta a camada. ” Essa diferenciação, com seus paralelos no Brasil, pode gerar problemas nas próprias organizações de grupos desprivilegiados, à medida que membros do grupo podem ter o objetivo real de deixar o grupo, atrapalhando a própria luta por igualdade de direitos. Podemos inclusive nos perguntar se a discussão atual sobre “parditude”, isto é, a assunção de uma identidade parda diferente da negra, não pode estar inserida em conflito de campo semelhante, ou seja, o afastamento de pessoas negras de pele clara do centro do grupo minoritário.[36] Claro que, no Brasil, foi desenvolvida por anos uma estratégia de enfrentamento ao racismo que buscou o efeito de aumento de auto-estima da negritude, cujos expoentes foram pessoas como Abdias do Nascimento, Beatriz Nascimento, Guerreiro Ramos, entre vários outros e outras, que criam forças de atração ao centro do grupo. Mas é importante pensar a significância dentro desta montagem da criação de um grupo separado pardo e seu possível uso como aproximação de um grupo privilegiado e afastamento do grupo desprivilegiado onde esses membros estariam sob forças centrífugas, na periferia. Mas cabe apontar que as coisas podem ser mais complexas, envolvendo dinâmicas de *gatekeeping* tanto do grupo privilegiado (os pardos não deixam de ser negros) e da montagem racista local, onde negros retintos sofrem mais preconceito e por isso negros de pele clara teriam mais dificuldade de assumir essa identidade tanto para si, quanto socialmente.

Parte do trabalho com a pesquisa-ação foi no sentido de pesquisar temas como esses, em outro contexto no tempo, que já tinham sido postas por Lewin desde antes da elaboração desta prática de pesquisa-ação, por sua própria vivência como membro de um grupo minoritário na Alemanha. Ele percebia como vários judeus tentavam se afastar de seu próprio grupo. Ao mesmo tempo, havia uma política que lhe imputava esta identidade à revelia. Parte componente da constituição de uma identidade minoritária, especialmente num campo social racista, é feita do grupo social majoritário, componente essencial do suprematismo. A questão de quem faz parte ou

[36] Lembrando que “minoritário” não tem a ver com o tamanho do grupo, mas sua condição desprivilegiada, podendo, no caso do Brasil, ser uma designação para a população negra, que é maioria numérica. Existem autoras que preferem nem utilizar mais a palavra como descritiva, e, até por isso, acho importante fazer esse comentário aqui.

não do grupo minoritário é também uma questão de barreiras e *gatekeepers,* criados pelas forças sociais racistas.

As variedades de pesquisa-ação citadas por Barbier – a diagnóstica, participativa, empírica e experimental (2002, p. 30) não são de Lewin: Marrow (1969, p. 197) as aponta como sendo de Cook, Isidor Chein e Harding. Em Lewin, a pesquisa-ação se encontra formulada sem tipos ou variedades. Além disso, contrariamente ao que afirma Barbier (2002), o foco não privilegiava tão claramente a pesquisa no lugar da ação. Como citado logo acima, "ação, e ação *agora"* é o mote e, na prática, tratou-se mais de apagar as fronteiras do que privilegiar a pesquisa em relação a ação. O livro de Barbier se insere dentro de uma tendência mais geral, em termos de literatura sobre Lewin: simplificá-lo até a distorção para afirmar uma pretensa diferença. É possível perceber isso ao longo da história da análise institucional e da psicologia social, em que as citações a Lewin rareiam, ou vêm de fontes secundárias, ou se comentam apenas alguns estudos mais famosos. Uma exceção é Lapassade ([1964]2016) que costuma remeter a Lewin muito de seu pensamento social, procurando ser um pouco mais preciso na diferenciação entre seu próprio pensamento e o de Lewin, que consiste principalmente na conceituação de instituição e o trabalho com esta. Mas Barbier, por outro lado, mesmo escrevendo precisamente sobre a pesquisa-ação, faz com que as consequências das ideias Lewin pareçam quase contrárias às suas ideias, como se aquilo que abriu caminho para as próprias considerações de Barbier fosse um empecilho.

De qualquer forma, é preciso apontar, e nisso o livro de Barbier é muito útil, que a pesquisa-ação deu origem a muitas práticas e teorias, incluindo a própria análise institucional, a pesquisa-ação integral de Edgar Morin, a psicossociologia francesa, algumas formulações dos grupalistas argentinos, a própria psicologia social como área de estudos, a gestalt-terapia, entre tantas outras.

Voltando à história da CCI à época, uma das questões levantadas, de importância ímpar inclusive para os dias de hoje, era o perigo de as demandas virarem simplesmente projetos de "apagar fogo" (*firefighting projects*), diretos, militantes e de curto alcance. Quando falamos de problemas sociais, um dos maiores entraves é o curto alcance das empreitadas, e, por isso, a pesquisa-ação precisa de projetos de longo alcance para evitar as voltas a níveis de normalidade (implicando aqui normalidade discriminatória e exclusionista). Conhecemos muito bem esse problema:

uma ação social, com financiamento limitado no tempo, precisa se encerrar, com resultados frustrantes para a comunidade envolvida, no mesmo momento que os pesquisadores publicam sua pesquisa. Essa implicação mostra que pesquisa e ação social precisam de continuidade, não há mágica alguma e assumir empreitadas sabidamente efêmeras pode ter um resultado pior do que nenhuma ação, pela frustração gerada. Segurança e custeamento da pesquisa são muito importantes. Muitos desses problemas advém de falta de recursos e não por problemas morais, porque uma ação não sustentável, do ponto de vista econômico, dificilmente conseguirá permanecer em uma comunidade. No entanto, do ponto de vista da comunidade, nem sempre conseguiremos evitar um afeto ressentido próprio de projetos de curto prazo.

Um dos casos dignos de nota conduzidos pelo CCI, que serve como exemplo de uma pesquisa-ação, foi resultante de um incidente em Coney Island. Uma gangue de jovens italianos católicos causou um rebuliço em uma sinagoga durante o Yom Kippur. Isso logo após o fim da Segunda Grande Guerra. Lewin juntou uma equipe de trabalhadores sociais, psicólogos e psicoterapeutas de grupo, de diferentes agrupamentos sociais, para abordar a questão via pesquisa-ação. O primeiro passo foi suspender as ações legais para os quatro jovens presos pelo distúrbio. Isso foi feito a partir de um pedido à sinagoga. Depois foram realizadas entrevistas e questionários que apontaram que o distúrbio não teve como origem um anti-semitismo organizado, que era mais um sintoma de um sentimento de hostilidade geral e não direcionado. Compreenderam o problema então mais como resultado do desapontamento cotidiano, que poderia ser resolvido oferecendo mais e melhores moradias, centros de recreação e melhorias no transporte público. Além disso, a equipe apontou que seria desejável haver atividades juntando grupos raciais e religiosos. Isso foi levado a um comitê da prefeitura e gerou a promessa de construção das dependências onde isso poderia acontecer, contanto que a CCI continuasse como consultora para a comunidade e trabalhasse com a gangue que originou o rebuliço. Russel Hogrefe foi designado para essa tarefa e levou vários meses até conseguir a confiança da gangue, depois continuou trabalhando com ela por um ano. As três perguntas da pesquisa a partir daí foram: “(1.) Pode a gangue aprender a se comportar de forma mais aceitável para a comunidade? (2.) Pode a energia do grupo ser redirecionada a atividades mais construtivas? (3.) Pode as atitudes negativas de oposição e agressão serem mudadas? No fim do ano, a resposta às duas primeiras questões foi sim. Na

terceira, os resultados foram equívocos. ” Pelo artigo (Bellow; Blum; Clark, 1947 apud Marrow, 1969), apontou-se que as relações dos jovens da gangue com os adultos melhorou. “Os garotos deram evidência de querer agradar os adultos, já que buscavam reconhecimento”. As brigas diminuíram drasticamente e as agressões a negros e judeus também foram bastante reduzidas. As mudanças permaneceram depois que o consultor se retirou. Isso aponta para a necessidade de avaliações posteriores dos resultados de empreitadas como essa, porque é importante saber, em termos de pesquisa social, os efeitos das ações longitudinalmente.

O estudo sobre grupos minoritários foi cada vez mais tomado pelos problemas enfrentados pelos negros americanos. Lewin afirmava que os problemas de autoimagem foram transmitidos por três séculos de violência na história coletiva e algo dos três primeiros anos de vida. Isso poderia ser mudado se a história coletiva e pessoal da população negra tomasse outro rumo: “Um grupo minoritário precisa ser protagonista no seu próprio destino, não se pode esperar que sejam salvos de ‘fora’” (Marrow, 1969, p. 221). O biógrafo de Lewin, Alfred Marrow, aponta que isso converge com um dos princípios da psicanálise: não adianta explicar o que acontece para o analisando. Ele deve descobrir por si próprio. Lewin propusera, com os grupos, que o trabalho de pesquisa fosse feito pelos sujeitos eles mesmos, com os cientistas sociais servindo apenas de consultores ou guias de um processo democrático. O trabalho com pesquisadores e cidadãos, portanto, serve para manter os pés do pesquisador no chão e alertar para os perigos de operar a esmo, sem participação das pessoas envolvidas nos problemas pesquisados, porque ninguém melhor que elas para dar parâmetros e retornos sobre o campo e, especialmente, entender os determinantes de suas próprias ações.

Dubost e Levy (1981) apontam que um dos problemas da pesquisa-ação, exatamente aquele trabalhado na análise institucional, são seus limites de escopo. Ela pode ser muito útil num nível microestrutural, mas necessariamente passará por constrangimentos no nível macroestrutural. Uma pesquisa-ação efetiva pode ser perigosa para o poder e, por isso, ter os fundos cortados ou sofrer pressões da direção das organizações onde são realizadas. Os *gatekeepers* da sociedade podem ser o grande problema, e com isso Lewin mal teve tempo de trabalhar. Morreu em seu período de maior envolvimento e trabalho com problemas sociais, tentando se desdobrar em pelo menos quatro iniciativas organizacionais. No fim de sua vida,

vemos uma maior radicalização em seus temas, os afetos provocados pelo holocausto e um senso cada vez maior de urgência. Teve um ataque cardíaco. Tinha 57 anos.

Ao fim da vida, essas forças sociais que ele tentou estudar o consumiam. Uma amiga relatou que ele tinha perdido seu espírito brincalhão. No último dia de vida, em conversa com Lippit, Lewin dizia que era um erro a ideia compartilhada por muitos terapeutas de que o fim de uma terapia seria uma pessoa que pudesse "manter-se em pé com os próprios pés"[37]. "O ideal americano do 'self-made man' é uma figura tão trágica quanto a destruição de iniciativa causada pela dependência em um déspota. Todos precisamos de ajuda contínua um do outro. Esse tipo de interdependência é o maior desafio à maturidade do indivíduo e do grupo. " (Marrow, p. 226)

Cartwright (1979 apud Gerard, 2017), conta a história de que certa vez, também em seus últimos dias, Lewin apareceu esbaforido em sua casa com em estado de grande excitação, contando um insight: "Marx estava certo!". Quando perguntado por Cartwright se ele podia ser mais específico sobre o que ele tinha em mente, ele teria dito que o estava claro para ele que o

> comportamento não podia ser explicado apenas em termos de estrutura cognitiva, desejos e expectativas, e que alguma maneira deveria ser encontrada para lidar com os constrangimentos, oportunidades, recursos e pressões que se originam no ambiente social, tecnológico e político. (p. 179)

É claro que Lewin não era alheio à teoria de Marx. Ele era próximo de vários Marxistas, como Karl Korsch, com quem escreveu um artigo (Lewin; Korsch, 1939). Mesmo o trecho citado acima não era incoerente com os desenvolvimentos de Lewin até ali. Talvez ele quisesse estreitar ainda mais as suas ligações com a teoria marxiana. Mas essa história aqui relatada nos aponta que podem haver mais ligações do que aparecem à primeira vista.

5.2 Climas Sociais

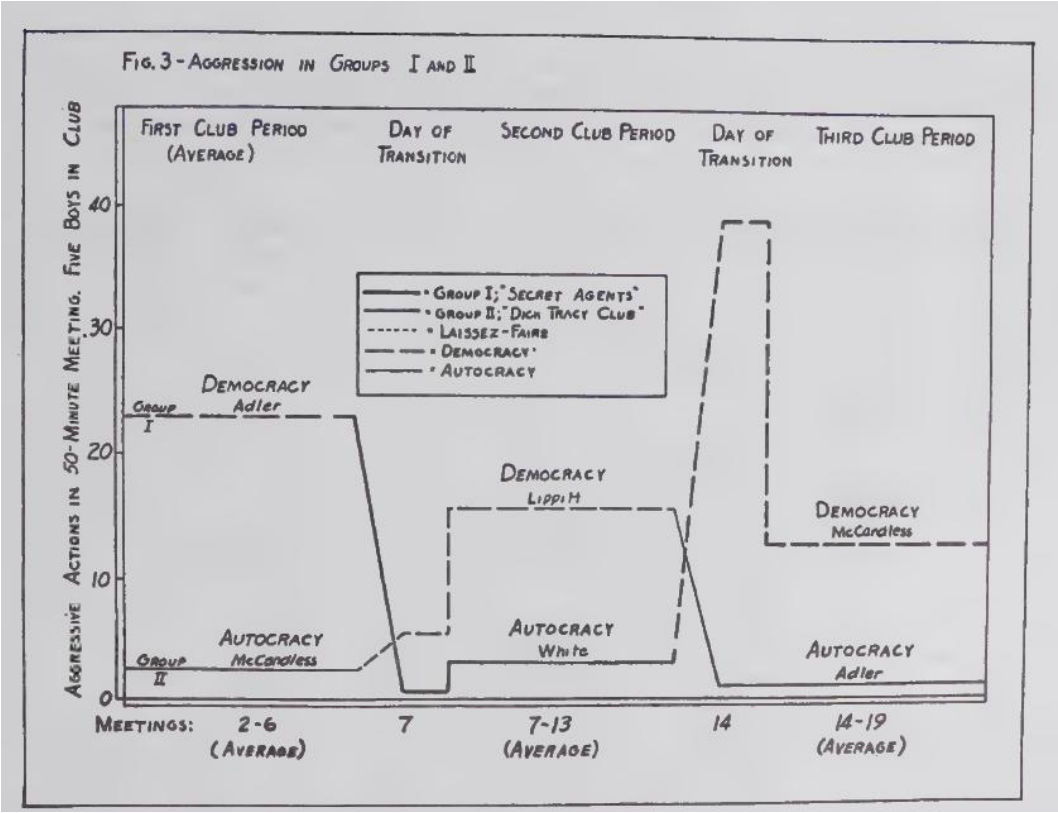
Pode-se afirmar que sua experiência de refugiado o levou à pesquisa sobre o autoritarismo que viveu quando da ascensão do fascismo na Alemanha. É uma das

[37] "*Stand on your own feet*" figura de expressão do inglês cujo sentido aproximado seria "se virar sozinho".

pesquisas mais citadas de Lewin (e Lippit, [1943]1999), antes da formulação da pesquisa-ação: um experimento sobre atmosferas de grupo, confrontando lideranças autoritárias, democráticas e *laissez faire* em grupos de crianças. Portanto, fica evidente que, mesmo antes de sua proposta sociopolítica mais arrojada, havia esse interesse pela pesquisa experimental. Os resultados são razoavelmente conhecidos, inclusive Delouveé (2010) aponta que é a pesquisa mais discutida de Lewin, presente em muitos dos livros-textos que embasam sua análise do paradoxo de obliteração por incorporação.

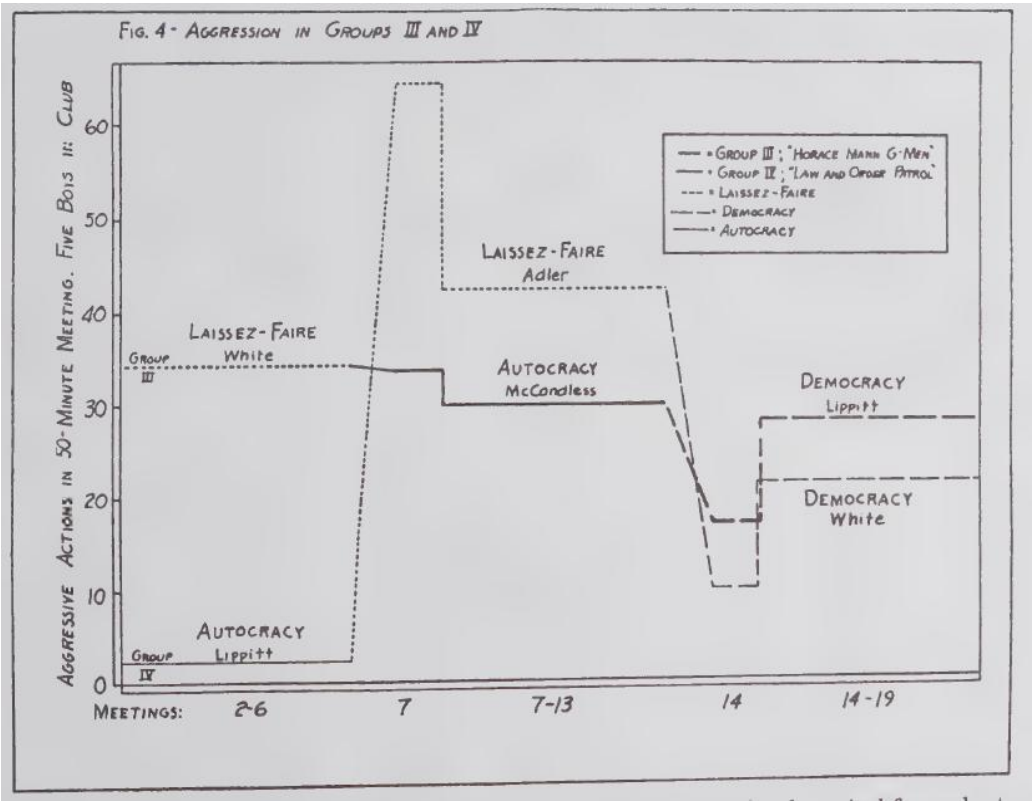
O estudo sugere que os grupos autoritários têm mais brigas e hostilidade e os democráticos têm mais espírito de grupo e amistosidade: “as crianças do grupo autocrático tinham mais bodes expiatórios e mostravam outros comportamentos que pareciam muito similares a certas ditaduras contemporâneas” (Lippit; White, 1960). O grupo *laissez faire*, por outro lado, também apresentava o uso de bodes expiatórios pelo grupo, explicados por sentimentos de inadequação e não pertencimento que levavam à ridicularização dos membros menos competentes ou menos queridos. Desse estudo, é importante também destacar algumas conclusões dinâmicas: em um segundo experimento, no qual os jovens passavam por períodos de variação na liderança, tendo um pesquisador agido como líder autoritário em alguns encontros para depois ser substituído por um pesquisador de atitude *laissez-faire,* os grupos de liderança autoritária tiveram uma diferença entre si. Em um deles houve mais agressividade intra-grupal, enquanto em outro houve apatia: os meninos não brigavam entre si ou com o líder e assumiram uma passividade durante o período do grupo. No caso desse grupo apático, assim que houve a transição para o estilo de liderança *laissez faire*, houve um pico de agressividade. Melhor mostrar isso por um gráfico do próprio Lewin:

Figura 8: Agressão nos grupos I e II



Fonte: Lewin (1999 [1939], p. 234)

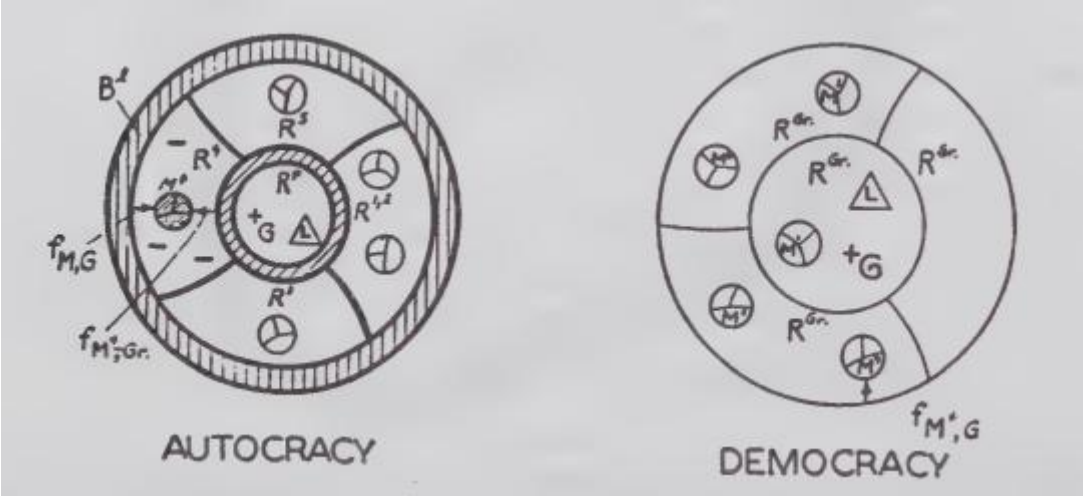
Figura 9: Agressão nos Grupos III e IV



Fonte: Lewin (1999 [1939], p. 235)

Essas tabelas mostram o processo descrito anteriormente. Para poder entender a dinâmica do grupo, é necessário sair do que chamamos “dados fenotípicos”. É preciso o conceito interveniente de tensão, ou assumiríamos facilmente que um grupo autocrático pode significar mais paz. No entanto, se entendermos o pico como liberação de uma tensão subjacente ao grupo autoritário, outras análises de experimento podem ser feitas, como o entendimento de que o nível anormal de falta de ações agressivas nesses grupos autoritários é resultado da ação centralizadora do líder, que gera uma tensão que vai ser liberada quando ele se retira. “Paz sem voz não é paz é medo” (Yuka, 1999). Esse tipo de conclusão encontra suporte em outros dados da pesquisa, como as entrevistas com os garotos depois do processo. Tal elaboração permitiu a construção da seguinte análise topológica:

Figura 10: Esquemas topológicos da Autocracia e Democracia



Fonte: Lewin (1999 [1939], p. 238)

Na figura acima temos uma construção de um campo social para pôr em relevo algumas das forças e barreiras em contextos de autocracia e democracia. No campo autocrático temos membros do subgrupo (M1, M2, M3) representados por regiões diferenciadas de atividades (R1, R2, R3). No campo central de liderança e decisão sobre as atividades (Rp) temos o líder (L) e uma barreira (B1) indicando a inacessibilidade dos demais membros a essa região. No que diz respeito às forças e valências, temos uma valência positiva (+G) na região central, indicando que a participação na formulação de atividades e a proximidade com a liderança são metas dos membros. Por outro lado, existe uma barreira (B2) prevenindo a saída dos

membros das regiões de atividade designadas pelo líder, tornando uma valência positiva de saída da influência do líder pela saída de seu campo de poder também bloqueada. O resultado são duas forças (fM,G) e (fM, -Gr) em direções opostas e em tensão, configurando um equilíbrio estável, ou seja, tensão sem possibilidade de resolução. No segundo gráfico, temos a “democracia”, na qual todas as regiões do grupo (Rgr) são acessíveis e as barreiras, menos rígidas, tornando as metas (+G) mais acessíveis.

Tem-se, portanto, na democracia, uma situação em que a estrutura das atividades, das regiões e dos acessos são móveis. Aqui a estrutura tem uma relação de plasticidade com o conteúdo. Isso leva a um certo número de conflitos expressos, mas a outras resoluções possíveis. Nos grupos, a mudança de liderança da autocrática para a democrática pareceu levar mais tempo do que da democrática para a autocrática, o que provocou a seguinte consideração de Lewin: “A autocracia é imposta. A democracia precisa ser aprendida! ” (Lewin, p. 271, 1999, assim mesmo, com exclamação).

Nessa época, Lewin estava bastante pessimista. Ele tinha saído da Alemanha em 1933, antes das coisas ficarem mais difíceis, mas sua própria mãe foi morta pelo regime nazista mais tarde, mesmo com todo o esforço de Lewin e amigos, que tentaram resgatá-la do terror. Lewin já falava abertamente do risco de extermínio no texto “Em face do perigo” ([1939]1978), onde apontava que não adiantava, era “vergonhoso e tolo” (p. 180) tratar pessoas que queriam a sua destruição, os nazistas, com cordialidade. O departamento de estado americano foi acusado de muita inação, à época. Existem várias cartas angustiantes reveladoras do esforço de Lewin, junto a esse departamento, para resgatar tanto sua mãe quanto outros companheiros que tinham ficado na Alemanha (Marrow, 1969, p. 140).

Os trabalhos de Lewin com a indústria começam ainda na Alemanha, como uma crítica ao modelo taylorista vigente. No ano de 1939, ele inicia o trabalho com as operárias de uma fábrica na Virgínia. Suas conclusões são que a produtividade aumenta com o aumento da participação das trabalhadoras no processo de produção, especialmente se elas próprias tomam decisões sobre este processo. Além disso, a inclusão de trabalhadoras de mais idade demonstrou que a crença de que trabalhadoras mais jovens produzem melhor é equivocada e preconceituosa. Nesse ínterim, ficou evidente que a melhor forma de combater o preconceito é através do contato efetivo e diário entre trabalhadoras de idade diferente, e do convívio destas

com a gestão. Mostrou-se também que a produtividade era mais resultado de dinâmicas grupais do que de foco em trabalhadoras específicas, conclusão generalizável para outros campos. A forma mais efetiva de mudança, nessa chave de compreensão, é via grupo e as forças que atuam nele, não por meio do indivíduo. O foco no indivíduo leva a um fenômeno em que, mesmo a pessoa pensando diferente, a força do grupo tende a neutralizá-la, voltando aos padrões anteriores da intervenção individual. Mesmo que uma pessoa passe por uma transformação em, por exemplo, padrões preconceituosos de ação numa terapia individual, quando essa mesma voltar ao grupo de origem, a tendência será voltar aos padrões antigos de comportamento, por pressão do grupo. Isso foi mais bem analisado por Festinger (1975), uma cria de Lewin, com o conceito de dissonância cognitiva.

Quando tentava angariar fundos para o centro de pesquisa em Dinâmica de Grupo, no MIT, Lewin dizia que se tratava de "um instituto para ajudar a democracia a lidar com seus problemas de grupo mais eficientemente e menos preconceituosamente" (Marrow, 1969, p. 160). Ao mesmo tempo, junto ao *American Jewish Congress* (AJC), Lewin fundou outro instituto, ainda mais dedicado à ação, no seio do qual foram desenvolvidos os Grupos de Treinamento[38] ou T-Group. O nome desse grupo é Comissão de Interrelações Comunitárias (CCI, do original em em inglês). No discurso de inauguração, ele disse:

> Poucos aspectos são tão nebulosos na mente de muitos quanto os problemas de liderança e poder na democracia. Temos que perceber que o poder ele mesmo é um aspecto essencial em qualquer e todo grupo. O serviço que a pesquisa social pode fazer é alcançar melhor compreensão nos aspectos legítimos e ilegítimos do poder (Marrow, 1969, p. 172).

Uma das questões ainda relevantes abordadas por esses grupos de treinamento está no efeito "*shot-in-the-arm*"[39], ou seja, trabalhos que aconteciam, deixavam os participantes empolgados com seus resultados e que, subsequentemente, se mostravam de curta duração, ou seja, a volta ao mesmo nível de equilíbrio quase estacionário. Para pensarmos em mudança, paradoxalmente, temos que pensar também na permanência da mudança. Parte de sua teoria de

[38] *Training Group*, no inglês original. A palavra em inglês tem outros sentidos para além do cognato em português, o que sugere que a tradução também poderia ser "grupo de formação".
[39] "Injeçao-no-braço" em tradução literal. Algo como um procedimento médico que se usa só uma vez.

"freezing-unfreezing-freezing" é uma resposta a este problema, que advém de uma perspectiva dinâmica ao longo do tempo. A parte de unfreezing diz respeito à necessidade do clínico de introduzir um desequilíbrio na sua ação para que haja mudança nos padrões estabelecidos do grupo.

Os T-group, ou grupos de treinamento, que tiveram sua origem num trabalho em que Lewin foi chamado pela Comissão Interracial do Estado de Connecticut, a qual buscava meios mais efetivos de combate ao preconceito racial e religioso. Isso se deu em 1946, pouco antes do falecimento de Lewin, o que fez com que o trabalho fosse continuado por outros psicólogos. Lewin e sua equipe propuseram um workshop de treinamento em ação comunitária. Os *trainees* eram educadores e trabalhadores em agências sociais, metade era negra ou judia. Os workshops aconteciam de tarde e pela manhã, no *Teachers College*, em Connecticut. Pela noite, Lewin e sua equipe se reuniam para discutir como tinham se dado os *workshops*. Muitos dos *trainees* não voltavam para suas famílias à noite e ficavam vagando pelo campus e, em determinado momento, perguntaram se podiam participar dos encontros de *feedback* da equipe. Algumas pessoas da equipe temiam deixá-los participar, porque as discussões envolviam seu comportamento, mas Lewin achava que os pesquisadores não deviam manter os dados da pesquisa para si mesmos e que o *feedback* para os *trainees* seria útil. Nesse primeiro encontro, quando um *trainer* foi falar do comportamento de uma *trainee*, ela manifestou sua discordância da observação e começou a falar de seu comportamento a partir de seu próprio ponto de vista. Seguiu-se a isso uma discussão ativa sobre a interpretação do momento, mas, discordâncias à parte, isso se tornou um dado a ser integrado à pesquisa. Ao fim desse encontro, os *trainees* perguntaram se podiam participar da discussão outros dias e Lewin concordou entusiasticamente (Marrow, 1969, p. 212). Assim, o que seria um encontro de *trainers*, observadores e pesquisadores se tornou um grupo envolvendo os *trainees.* Ao mesmo tempo que enriqueceu as interpretações, o *feedback* teve o efeito de "fazer os participantes mais sensíveis ao próprio comportamento e elevou a crítica à patamares mais construtivos" (Lippit, 1949 apud Marrow, 1969, p. 213). Uma das consequências desse acontecimento foi a criação do National Training Laboratories (NTL). Lewin participou da fundação dessa organização, mas faleceu logo antes do laboratório ter seu primeiro encontro. No entanto, a organização prosperou e existe até hoje, trabalhando em sua própria perspectiva do T-Group.

Lapassade (2016 [1965], p. 51) aponta no já clássico texto “Grupos, Instituições e Organizações" certo parentesco entre os T-Groups de Lewin e algumas correntes do pensamento anarquista. Ele aponta que o T-Group institui “uma situação microssocial na qual certo número de estruturas são artificialmente abolidas; o que se passa então se parece, com efeito, a um momento nascente da história. Por isso a semelhança” (p. 52). A diferença estaria, segundo Lapassade, na presença de monitores, porque no grupo revolucionário estes não existiriam. Temos que fazer a ressalva, aqui, de que existem muitos grupos revolucionários com monitores, às vezes profundamente mais interventivos que um monitor de T-Group – pensemos, por exemplo nos próprios líderes de grupos revolucionários, que podem ser autoritários.

Essa afirmação de Lapassade me deixou intrigado. Nunca tinha visto nada nos escritos de Lewin ou sobre o T-Group que desse suporte a ela. Por isso fui na fonte que Lapassade cita: Bass Bernard (1967). Foi uma surpresa. O texto não cita nenhuma ligação direta entre o anarquismo e o T-Group, porém, usa o termo “anarquista” como pejorativo. É um daqueles momentos em que você vê um adversário que quer te ofender, mas a ofensa que vem é elogiosa a seus ouvidos, tanto por partir de onde parte, quanto pelos sentidos diferentes dados à palavra, aqui, no caso, “anarquista”.

Bass é da psicologia organizacional americana, em voga à época (1967). O ponto principal de seu artigo é que o que é bom para os membros de uma organização, não é necessariamente bom para a organização. Nesse artigo, os anarquistas espanhóis da época da guerra civil são caracterizados como um “grupo puritano.” O texto argumenta que, em trabalhos organizacionais, o psicólogo deve exercer um pouco mais sua autoridade, porque o bem-estar da organização às vezes entrará em conflito com o bem-estar dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, aponta que o processo de “*unfreezing*” pode ser muito disruptivo para a organização. Os grupos anarquistas, aponta Bernard (p. 214), sofreram “uma derrota depois da outra, apesar de estar mais forte em coesão depois da derrota que antes”. E logo depois “o grupo-T faz em miniatura o que os anarquistas tentaram em proporções macroscópicas”. Ainda mais à frente:

> O processo de descongelamento (*unfreezing*) pode promover sentimentos entre alguns trainees que ecoam Bakunin, fundador do movimento anarquista, que declarou: ´Toda autoridade perverte e toda submissão à autoridade humilha´. (...) Em resumo, a ‘destruição’ do sistema de autoridade costumeiro

> no T-Group, realizado para promover auto-análise[40] e mudança em participantes individuais, associada à ênfase nos valores de democracia e consenso, pode produzir, pelo menos em alguns participantes, atitudes de liderança anti-autoritárias o suficiente para reduzir sua contribuição para a organização em momentos que uma liderança diretiva é necessária.(p.215)

Tenho algumas dúvidas se a citação de Bakunin nesse texto não é apócrifa. Nunca li nada disso na obra do anarquista e, em pesquisa nas suas obras completas no site *"theanarchistlibrary.org*", percebi que, sempre que essa citação é utilizada, é por meio de fontes secundárias, normalmente em críticas ao anarquismo. A mais antiga é de E. H. Carr, historiador britânico admirador da União Soviética, em 1937. A perspectiva de Bakunin sobre a autoridade é bem mais complexa e nuançada do que essa máxima: a autoridade rejeitada por Bakunin é a autoridade institucionalizada ou divina. É muito interessante o ponto de vista de Bernard (1967), porque deixa entrever que o sistema maior, capitalista, não vai muito bem com democracia e consenso, havendo momentos em que é necessária a diretividade. Há um conflito maior em jogo: entre produtividade e bem-estar. Na psicologia organizacional que ele propõe, há momentos em que o bem-estar do trabalhador precisa ser sacrificado em nome da produtividade.

5.3. Uma Teoria da Personalidade nem Tipológica nem Intrapsíquica

Na França do pós-guerra, alguns psicanalistas, tocados por uma concepção de inconsciente mais substantivado, ou seja, menos dinâmico e com menos continuidade com o social, leram Lewin como um psicólogo que não levava em conta o inconsciente. No entanto, em seus primeiros trabalhos, vemos como ele tentava dar consistência justamente às teses freudianas no seu sentido dinâmico (não diria aqui tópico, porque a topologia em Lewin buscava colocar o espaço do acontecer psíquico em bases ainda menos *intra* que as freudianas). A questão inicial era: como acontecem as satisfações substitutas, as mudanças de objeto da pulsão, as mudanças de objetivo, o que permite que exista o deslocamento?

Para a vida coletiva, e isso Freud ([1939]1976) e Lewin ([1928]1975) mostram, é preciso criar metas substitutivas ou para falar como a psicanálise, satisfações substitutivas porque não podemos encontrar satisfação nas metas originais.

[40] O texto original fala "*exploration*", mas depreende-se do contexto que o autor queria referir-se à autoexploração ou autoanálise.

Satisfações substitutivas são diferentes de metas substitutivas, apesar de haver relações entre elas. Uma satisfação substitutiva pode ter a mesma meta daquela que ela vem substituir, e uma meta substitutiva pode ter a mesma satisfação de outra, entretanto, o que cabe salientar aqui é que, nessas aspirações, muitas vezes a gente pode, com as limitações, encontrar outras metas.

A teoria sobre aspirações pode explicar inclusive porque as revoluções sociais tendem a ocorrer com uma leve melhora das situações dos grupos oprimidos. “A melhora aumenta o nível aspiracional dos grupos, tornando metas antes vistas como inalcançáveis em possibilidades realistas” (Marrow, 1969, p. 45). Pensando em termos mais atuais, essa concepção ajuda a explicar porque um fenômeno como as jornadas de 2013 no Brasil pôde acontecer. Em análise já realizada, existe a hipótese que os ganhos sociais até 2013 colocam o ânimo de setores da sociedade ainda mais em cima, o que dá estímulo à procura de mais direitos sociais, especialmente naquele que até hoje é um dos principais obstáculos à melhora das condições de vida: o transporte público. Na São Paulo daquela época o nível aspiracional de quem ia a rua reinvidicar direitos era maior, mas logo concentraram-se os esforços para reduzir essas aspirações novamente, seja via repressão, seja via oportunismo de grupos de direita que disputavam as forças sociais mobilizadas.

A construção de conceitos, como já mencionamos, não é fenomenológica, é construtiva, ou seja, ela não parte de uma consciência que vai se adaptando à realidade, é mais como a realidade podendo ser mudada e se mudando, alterando o comportamento e a própria consciência. Colocar o conflito como sendo entre uma concepção fenomenológica e outra da clínica do inconsciente é desconsiderar o quanto Lewin tenta desinteriorizar o acontecimento psíquico, inclusive inconsciente. Isso corresponde, por exemplo, à caracterização do espaço hodológico como latente, proposta de Kaufmann (1968, p. 214) para a compreensão de que as construções deste espaço têm existência real, não física, mas surge da interação e superposição de campos psicológicos no espaço social.

“Os eventos dependem do campo como um todo, no lugar de alguns itens selecionados” (p. 194) o problema da maioria das teorias é que elas fazem um trabalho de seleção, às vezes à priori, dos itens do campo de onde emergirá a dependência. Esse argumento é especialmente forte contra quase qualquer teoria que elege sua dependência causal de elementos específicos. Mas isso não significa que podemos sair simplesmente ligando uma coisa à outra. Não podemos ligar um

fenômeno observável, em termos de psicologia, a outro, de forma direta. Precisamos sempre de variáveis intervenientes, nem sempre observáveis. O trabalho de análise científica e observação, portanto, precisa de teoria ou de teorias, para ser mais exato. A palavra “indireto” é, portanto, interessante aqui. A psicologia não pode, por exemplo, desprezar o valor diferencial de uma teoria sociológica. Ao não a levar em conta, temos uma redução das variáveis intervenientes possíveis. Ou seja, a metateoria de Lewin é contra os especialismos; contra a separação arbitrária entre as áreas do conhecimento (mesmo que esta separação busque se afirmar pelos recortes dos objetos, dado que mais do que objetos científicos recortados, pesquisamos relações e processos em um campo amplo, que envolvem múltiplos objetos e forças e suas relações); contra uma ciência do meramente observável. “O caráter básico de uma ciência é a eterna tentativa de ir além do que é cientificamente acessível em qualquer tempo específico” (Marrow, 1969, p. 30)

A fim de investigar o entendimento de Lewin sobre pulsão e energias, recorremos ao texto “Intenção, vontade e necessidade”, que aponta para uma perspectiva ainda vinculada à psicologia experimental, na qual o autor estabelece as bases do seu pensamento sobre pulsão, desejo e necessidade. Impressiona no texto o fato de, nele, Lewin ter uma abordagem sobre energia psíquica que se aproxima bastante da psicanálise, especialmente da primeira tópica freudiana.

Uma primeira questão apresentada pelo texto diz respeito à integração dos processos. Nem todo processo psíquico é integrado em uma *gestalt*. Vários processos têm sua independência. Por exemplo, a fonte de um ato pode ser “estar na posição de sujeito experimental” ou então “portar-se como um eu-civil”. Isso muda de figura todo um experimento, da mesma maneira que podemos realizar algo porque nos foi mandado ou por prazer, por exemplo; as fontes podem ser completamente diferentes e o grau de integração entre os processos também.

No que diz respeito a questões de identidade e agenciamento, há algo de fundamentalmente relacional na perspectiva do espaço de vida. Mas, no mais, mesmo em se pensando em agenciamento, é necessário, para podermos pensar a própria palavra relação, a necessidade de pelo menos dois termos. A ideia de campo conflui com a ideia de agenciamento, no sentido de o estudo do campo lidar com uma construção dinâmica de elementos heterogêneos. Por exemplo, no livro de Garcia-Roza (1972), ele se pergunta: se um adolescente age de forma agressiva em uma prisão, podemos simplesmente dizer que se trata de um adolescente agressivo? Não.

O campo é agressivo e favorece respostas agressivas, pelas forças e atmosfera. A agressividade na prisão é um fenômeno de campo. É a mistura entre estar preso, as ideias que lá circulam, o medo, a violência tanto sofrida quanto observada, as tensões que se criam na pessoa como efeitos desses afetos, os valores, a força contrária que essa pessoa imagina que pode exercer agredindo; tudo isso é, inclusive, mais importante do que a personalidade ou individualidade de uma pessoa.

O problema com teorias da personalidade começa a aparecer quando essa teoria se torna tipológica. Personalidade não pode ser essencializada, por isso torna-se um problema quando é concebida sem uma construção que envolva dinâmica e ambiente, quando é identitária e fixa. Essa teoria da personalidade de Lewin concebe – com todos os problemas que uma aposição de centro e periferia pode trazer – a pessoa como um conglomerado de regiões, algumas mais independentes e outras mais interdependentes e outras em regiões de indiferenciação com o ambiente. Porém, esse "todo" que seria a pessoa é diferenciado, de forma que algumas partes desse todo estão em uma relação de maior dependência dele do que outras. As camadas periféricas são mais independentes: podem ocorrer grandes mudanças na pessoa sem que essas camadas sejam afetadas, porém essas camadas são mais dependentes de forças psicológicas do ambiente, como, por exemplo, uma conversa trivial. As camadas centrais, por outro lado, são interdependentes. Nada de centro intocável aqui, ao contrário, são mais sensíveis a mudanças no todo exatamente porque sua característica de centralidade implica em forças vindo de todas as direções a partir desse todo. Uma mudança numa camada periférica, como um tema mais ansiogênico em uma conversa, tem efeitos que se propagam pelas demais regiões e, muito frequentemente, essa força será centrípeta. Claro que, se formos ponderar isso a partir da psicanálise, e Lewin assim o faz, é preciso considerar que há forças e barreiras dentro da pessoa, recalques que mudam bastante a caraterística de como a informação pode chegar a essas regiões centrais. Não se pretende discutir aqui o conteúdo dessas regiões centrais e periféricas ou ir mais além na sua estruturação, que pode ser muito diversa e variar bastante, mas esta generalidade topológica parece eloquente sobre alguns aspectos, especialmente por ponderar um pensamento que toma o centro por rocha sólida e o toma como mais uma superfície de contato que não apenas influencia, mas é sensível e influenciável em graus que talvez sejam maiores que uma camada periférica na topologia da pessoa.

Há, na teoria da personalidade proposta por Lewin, uma asserção que parece óbvia e que contrabalanceia qualquer perspectiva puramente intrapsíquica. As forças que comandam qualquer locomoção não podem ser derivadas da tensão intrapessoal. O apetite, por exemplo, precisa primeiro criar uma disposição exterior em termos de fome. A partir daí, independentemente de a pessoa encontrar ou não comida, o ambiente se configurará a partir de valências que modelam o espaço de vida e a levam a ter mais ou menos atenção a certos elementos do campo que se tornam valências. A partir daí podemos falar de força psicológica, quando há direção. Nesse sentido, a locomoção motora ou comportamental precisa dessa relação, que muitas vezes vai se dar exteriormente até ao campo psicológico. É sempre uma correlação entre a pessoa e certas propriedades do ambiente. A diferença é entre tensão, que é escalar, e força, que é vetorial.

Já que falamos em topologia, cabe comentar que existe uma perspectiva diferente da de Lewin, que leva um pouco mais além e não é incongruente com a empreitada dinâmico-topológica que estamos estudando. Simondon (2020), ao discorrer sobre a topologia do vivente, aponta que, neste, o interno e o externo estão em continuidade. Um ser vivo multicelular, para poder levar o alimento, ar e outras coisas necessárias ao corpo, precisa de dobras, reentrâncias e, no caso dos animais, gastrulação, que é um movimento celular que enceta um tubo digestório. É a mesma ideia do toro de Lacan: um buraco. A topologia da pessoa também pode se beneficiar dessa ideia topológica, que cria uma continuidade ainda maior entre dentro e fora. Mas, para não ir além dos limites desta tese, deixo essa ideia aqui, como mais uma possibilidade de ver a pessoa em termos dinâmico-topológicos e uma conjectura a mais para o problema “centro-periferia”: deixando um buraco no centro, para que ele também seja periférico. No entanto, por mais que ajude, essa perspectiva, se não associada à interdependência, ainda deixa recantos intocados, se formos pensar, por exemplo, no interior do toro[41]. A questão parece mais ser que tipo de interação existe entre essas regiões do que a forma topológica delas. Aqui é mais interessante pensar as forças em associação com as formas do que apenas as formas.

[41] Toro é uma figura topológica em formato de anel, ou uma rosquinha, é uma figura tridimensional com um buraco. Lacan tenta resolver isso a partir da topologia do corte, na qual não entraremos aqui.

6. Epistemologia Comparada e Metateoria

6.1. O Tempo na Hodologia

As formas em Lewin não são sólidas, e as próprias fronteiras são móveis, de forma que o estruturalismo, tal como foi concebido depois de Lewin, não é congruente com sua perspectiva. Lewin é dinâmico, não exatamente sincrônico ou lógico, apesar dessas duas categorias ainda fazerem parte de sua construção. Suas estruturas, mesmo que figuras de “um dado momento”, possuem as características de interdependência funcional do estruturalismo, porém, ao contrário do estruturalismo, são recortadas por potenciais intensivos que têm uma relação ativa com o todo formal, no sentido de que derruba suas fronteiras, cria outras, divide, junta, enfim, opera. O sincrônico existe sempre num dado tempo, que não é bem o instante, mas um recorte do analista (falo analista aqui no sentido próprio de Lewin), que toma um conflito dado e opera em sua análise o tempo que seguiremos na história desse conflito. A palavra momento talvez seja melhor para dar as características de inserção num tempo maior que um instante?

Enfim, o ponto é que, como qualquer analista, há uma teoria que direciona sua leitura. Não falo aqui da metateoria de Lewin, porque é importante diferenciá-la da teoria. O tanto de tempo dentro da análise depende das variáveis intervenientes estabelecidas por uma teoria, que pode mudar e assim sair da ideia de instante congelado. Por exemplo, em um enfoque histórico, temos a possibilidade de tomar nesse tempo dado um período de séculos para uma análise. A dinâmica implica o tempo necessariamente, e mesmo o que vem antes e depois dele, porque o contemporâneo tem um antes (e depois, sob a forma de expectativa) que o dispõe como contemporâneo. É o encontro de *histórias até aqui* de Massey (2013) fala.

Podemos até nos perguntar se o que parece óbvio no que Lewin escreve não seria uma espécie de inconsciente da psicologia, no sentido que ele próprio não é tão lido, mas foi tão influente que muita coisa que hoje pode parecer elementar e presente em muitas práticas e teorias têm origem ali. Delouveé (2010), nos aponta que as referências à Lewin nos estudos de hoje são em sua maioria a aspectos secundários de seu trabalho com grupos.

6.2. Equilíbrio

A crítica a Lewin diz respeito a sua leitura como psicólogo da Gestalt, mas ele se diferencia bastante dos seus professores, a ponto de não ser possível afirmar que ele seja um *gestaltista*. Sua perspectiva é própria e o lugar do equilíbrio na sua obra é diferente. Não se trataria de pensar como um espaço físico, apesar de o conceito de força ser uma noção importada desse campo. Não se trata, tampouco, de equilíbrio a ser restaurado, porque tratar-se-ia mais de pensar cada caso em sua própria vicissitude. O equilíbrio aparece mais como uma espécie de necessidade lógica do construto. É mais importante definir que tipo de equilíbrio (ou desequilíbrio) que existe para podermos definir até mesmo nossa estratégia. Todos os tipos são mencionados. O *equilíbrio estável*, *lábil, meta-estável.*

O equilíbrio acontece quando a constelação de forças são opostas na direção e iguais na intensidade (Lewin, [1938] 2013, 243). Ou seja, é um conceito dinâmico, apenas isso, não é tendência geral, nem objetivo. Lourau (1997, p. 32) vê em Lewin algo mais complexo que a visão gestaltista de equilíbrio, afirmando que sua perspectiva, tal qual a de Simondon, é da meta-estabilidade, tanto do grupo, como das fronteiras do grupo, a partir da noção de campo social. Mas por que ele apareceria nessa chave?

Equilíbrio fala de um tipo especial de movimento ou mudança (Garcia-Roza, p. 120). Estado de potencial mínimo ou máximo. Lewin usa muito o termo *equilíbrio lábil*[42] para falar de um equilíbrio pronto à mudança. O equilíbrio provém primeiramente da noção de *conflito*. São três as principais formas de equilíbrio discutidas mais amplamente por Lewin: *equilíbrio estável, equilíbrio lábil* e *equilíbrio indiferente.* O *equilíbrio estável* diz respeito a v=0, ou seja, velocidade de transformação nula ou quase nula, acompanhada de resultantes de força igual a zero ou quase nula. O *equilíbrio lábil* é quando uma pequena alteração no campo pode acarretar uma mudança na constelação de forças; isso significa que uma mudança leva todo o campo a mudar de direção. No caso do *equilíbrio indiferente*, uma pequena mudança leva ao equilíbrio (p. 123).

[42] "*Liabe equilibrium*" no original. O termo convida à discussão sobre a tradução. *Liable* poderia também ser *equilíbrio instável*, como na proposta de Garcia-Roza (1973).

No caso de pouca liberdade de movimento, existe o equilíbrio estável. A situação de equilíbrio é uma situação de conflito (Lewin, [1938] 2013, p. 190). O que faz com que um equilíbrio seja *lábil* é a intensidade da força aumentar ou diminuir com o aumento da distância. Costuma acontecer entre duas valências positivas (figura 41), mas também em outras configurações. Aqui reproduzimos duas figuras. A primeira é de Garcia-Roza (1972, p. 127), reproduzindo o gráfico de Lewin (2013 [1938], p.191) que ilustra formas de equilíbrio em espaços fechados. Abaixo outra figura de Lewin(p.191), que ilustra os processos de equilíbrio e tensão em espaços abertos, sem barreiras. Quero pedir perdão pela grande ilegibilidade da figura 12, mas eu mesmo tive que recorrer a uma lupa para lê-la no original (impresso em 2013). Reproduzo abaixo uma versão mais legível, feita a partir dessa leitura à lupa do original.

Figura 11: Equilíbrios em espaços fechados

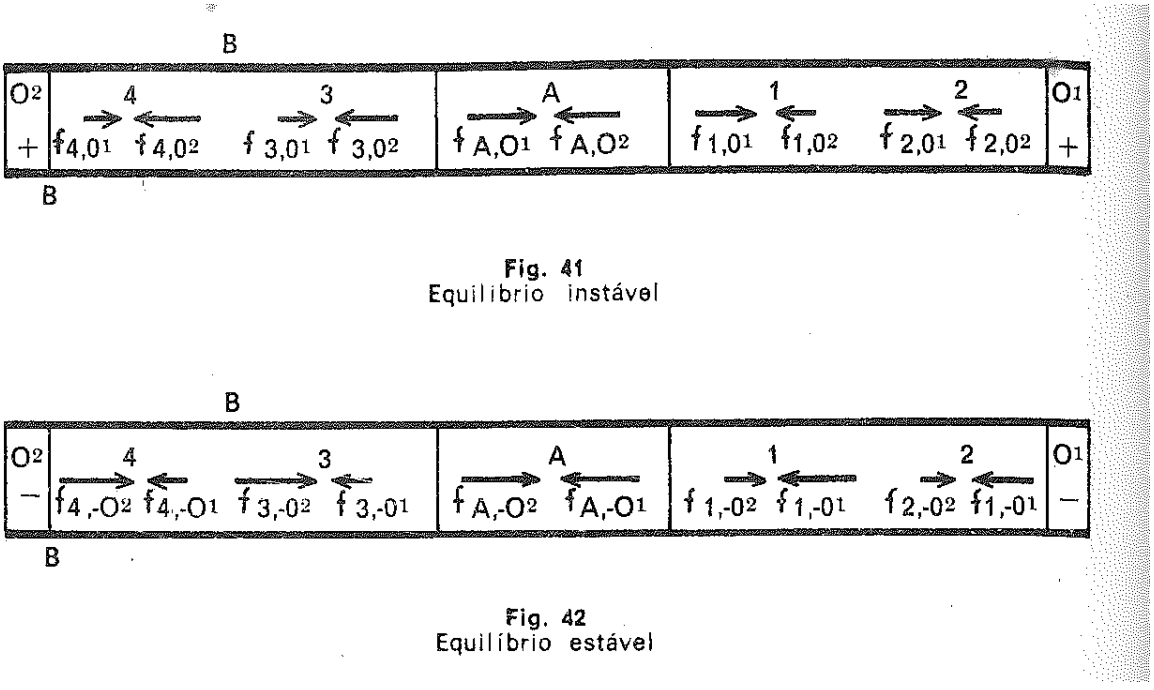
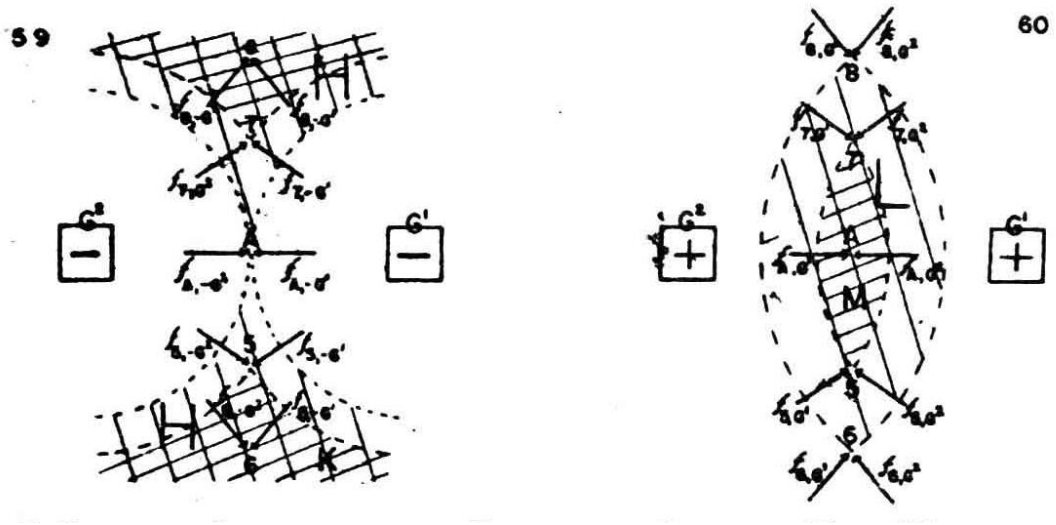


Fig. 41
Equilíbrio instável

Fig. 42
Equilíbrio estável

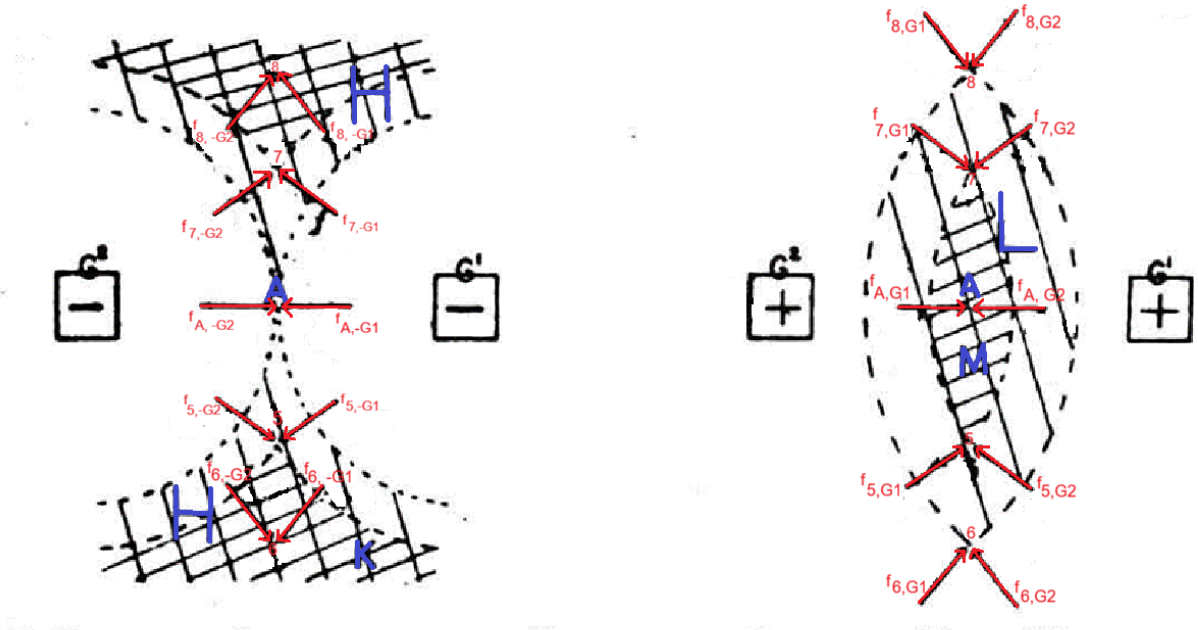
Fonte: Garcia-Roza, 1973, p.127

Figura 12: Equilíbrios em espaços abertos



Fonte: Lewin, 2013 [1938], p.191

Figura 13: Equilíbrios em espaços Abertos Revisto



Fonte: Alteração de Lewin, 2013 [1938], p.191 feita por mim no Microsoft Paint

O equilíbrio estável é entre duas valências negativas (figura 42[43]). Isso é fácil também de perceber com a imaginação (apesar de ter sido realizado experimentalmente), se temos duas valências positivas, a força (fA,O seta em direção

[43] Para manter as imagens originais, mantive os números das figuras nos respectivos livros nas imagens. Nos trechos do texto em que comento as figuras, faço referência às numerações originais da leitura para fins de legibilidade.

ao O) em direção a *O* tende a aumentar à medida que nos aproximamos deste, e a força na direção do objetivo oposto diminui. Ou seja, a tendência é, depois de realizada uma escolha, à medida que nos aproximamos de um objetivo, que esta valência tenha mais atração. Ou seja, a situação inicial se modificará. Agora, no caso de duas valências negativas de mesma intensidade, temos um equilíbrio estável, porque a locomoção no sentido de *-O* gera uma força no sentido contrário. Portanto, a tendência será permanecer em A, de forma tensa, conflituosa, parada e equilibrada. Equilíbrio estável. Isso, lógico, apenas em casos de fechamento total, seja em instituições totais ou (agora extrapolando um pouco) situações de vida sem saída. A pessoa espera, porque ficar parado é melhor do que qualquer uma das duas valências. Porém esse caso só funciona se houver barreiras que impeçam a pessoa de sair.

Agora vamos pensar diferente. Se no campo não houver barreiras e duas valências O de igual valor, temos uma direção multivalor (lado esquerdo da figura 13). É um grupo de direções positivas, ou seja, posso escolher nenhum dos dois e sair, na direção d(A,5), para um ponto distante o suficiente das duas, de forma que suas forças se tornem nulas. Aí não é equilíbrio nenhum, é só vazar, sair de perto das valências negativas. Salvo força maior, sempre fazemos isso. Valências negativas só levam ao equilíbrio quando não há como sair. Por isso que a punição tende sempre a levar à fuga. Mesmo nos casos em que há barreira, a tendência é um ataque à barreira. É aí que o equilíbrio estável mostra sua potência e tensão armazenada.

Porém, caso trocarmos as valências negativas por positivas, teremos uma situação diferente, de novo de equilíbrio lábil (lado direito da figura 13). No caso de valências positivas, não são as barreiras que fazem a diferença. A tendência será ir para algum O. Não pensamos aqui como a história do *asno de Buridan*, que Spinoza (EII Proposição 49 Escólio) comenta na Ética como absurda. A história é de um asno que, numa situação em que esteja diante de dois montes de feno exatamente iguais, à distâncias exatamente iguais, morreria de inanição por indecibilidade. Situações como estas não podem existir porque sempre haverá uma diferença. Não existem objetivos iguais ou montes de feno iguais, e como Spinoza mesmo comenta, ele irá na direção que quiser. Mas aqui, o exercício é perceber, que, entre duas valências positivas, pequenas alterações na disposição do campo levam a pessoa a se mover diferentemente. As valências positivas são mais geradoras de labilidade do que as negativas. Nesse caso haverá também uma zona de decisão que, uma vez

atravessada, cria uma situação de locomoção para um dos objetivos. A zona de decisão é também uma zona de reestruturação. O campo será outro. Este ponto também existe no caso de duas valências negativas, mas aqui seria algo equivalente à zona H do lado direito da figura 13. Ambas estas zonas são campos de força.

Essa maneira de ver o equilíbrio aponta para uma relação importante, da posição relativa entre pessoa e meta, ou seja, o conceito de *distância* (hodológica), que reforça a necessidade de espacialização das forças psicológicas. A força é uma relação entre intensidade da valência e distância da pessoa (ou grupo, ou partes da pessoa, enfim). Mesmo que haja uma forte valência em relação a uma ideia, por exemplo, ela pode exercer força quase nenhuma se a distância (barreiras, perigos, dificuldades e a própria distância física) for muito grande. Isso pode ser visto em coisas muito prosaicas, como decidir o que vamos jantar e também em decisões mais difíceis. Assim, a definição de campo de força se torna a seguinte (Lewin, 1964, p. 24): “um campo de forças coloca em correlação com cada região de um campo (psicológico ou social) a intensidade de forças que agem sobre um indivíduo para cada região”.

Mudança e constância são conceitos relativos. Em primeiro lugar, não existe vida grupal sem mudanças, o que existe são diferenças de quantidade de mudança e tipos de mudança (1964, p. 199). A ideia de fundo, com isso, é pensar a mudança como uma flutuação possível, com diferenciais. O equilíbrio quase estacionário é este conceito: um equilíbrio dentro de flutuações constantes. Um rio que passa: a metáfora aí remete ao barco de Teseu. Podemos mudar todas as nossas moléculas, mas algo permanece.

O tratamento analítico desse equilíbrio que envolve algumas partes do campo social pode ser descrito por processos metodológicos qualificados por Lewin como espaço-fase. O exemplo que dá no artigo “fronteiras da dinâmica de grupo” (1964, p. 203) é o de cidades dos EUA implementando medidas antidiscriminação racial. Se são implementadas medidas antidiscriminatórias, pode-se esperar uma reação da parte racista da população. Assim, as medidas de enfrentamento ao racismo significarão, pelo menos inicialmente, um recrudescimento das forças contrárias. Essa tensão é um estado de prontidão ou preparação para a ação, o que implica que qualquer mudança poderá produzir atos violentos. Lewin (1964 [1947]) aponta isso a

partir de um gráfico de espaço-fase com apenas duas variáveis, quantidade de discriminação no eixo das abscissas e tempo no eixo das coordenadas:

Figura 14: Gráfico de espaço fase de duas variáveis: tempo e nível de discriminação

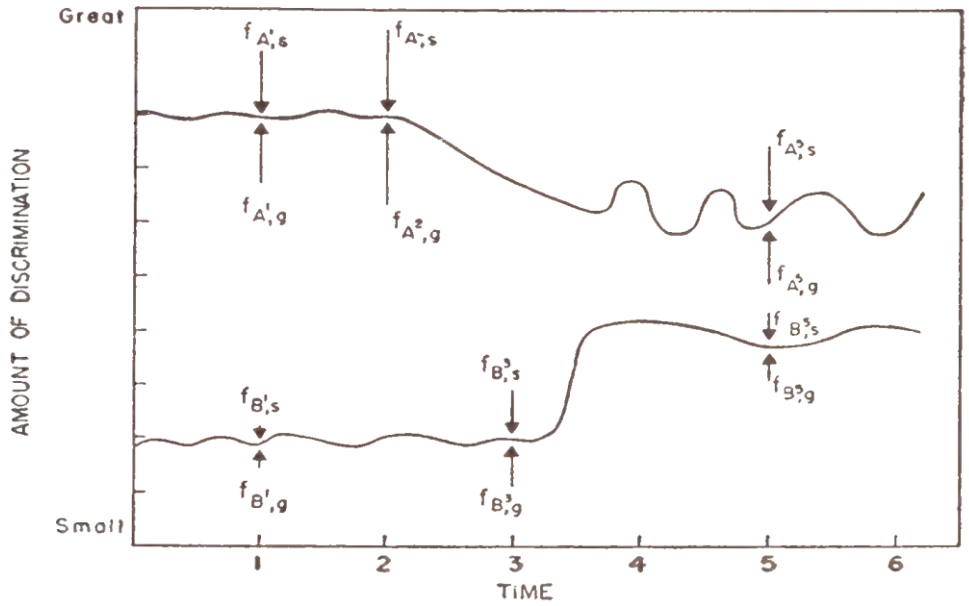


FIGURE 21. Level of equilibrium and strength of opposing forces determining the level of discrimination in two towns.

Fonte: Lewin, 1964 [1947], p. 201

Existe uma tensão que aumenta quando implementamos medidas afirmativas de combate à discriminação racial. Esse gráfico mostra o aumento do "*backlash*" ao longo do tempo em que se implementam tais medidas. Isso implica num aumento da tensão grupal, por forças opostas em intensidade e opostas em direção. No entanto, a tendência é que, se as forças antidiscriminatórias perseverarem em sua força, eventualmente as forças reacionárias vão se reduzir. O grau de discriminação não é a qualidade de um objeto estático, mas de um processo. Discriminação é um número de "recusas e permissões, aberturas e fechamentos de possibilidades para vários indivíduos em sua vida cotidiana" (p. 202). É pelo fato de tratar-se de um processo quase estacionário (ou seja, um processo onde o status quo tenta manter determinada estrutura da vida social) que podemos ver os avanços e recuos, e também medir dentro do procedimento do espaço-fase.

Ainda dentro desta perspectiva, algumas mudanças podem ser planas ou íngremes ao redor de uma média, aqui convencionada como L. Se a média L muda, isso significa que as forças opostas mudaram, seja paulatinamente, num gradiente plano, ou rapidamente, num gradiente íngreme. Isso diz respeito às forças e tensões entre elas e ajuda a explicar, por exemplo, a diferença entre um acontecimento que passa um limiar e altera a correlação de forças, como numa revolução, ou um limiar que vai mudando aos poucos, numa transformação de longo prazo. Perceba que estamos falando aqui de espaço-fase, que é o estudo de um processo quase estacionário de forças opostas em tensão. Se as forças resultantes perdem o caráter de um campo central, perde-se o caráter de processo social quase estacionário, e mesmo a abordagem via espaço-fase perde sua validade. Nesse momento, mais valeria ater-se à abordagem vetorial, hodológica, que dá conta de outros tipos de equilíbrio, como o lábil. No entanto, essa abordagem tem sua validade tanto para evitar processos catastróficos quanto para uma mudança permanente desejada. Aqui trata-se mais de uma análise dos limiares.

Creio que um dos principais erros de leitura da relação entre equilíbrio e mudança está em encarar o equilíbrio como um estado sem tensão. O equilíbrio sem tensão é o equilíbrio indiferente, que só pode ser chamado de equilíbrio por certa forçação do conceito. Na verdade, equilíbrio sem tensão é sem potencial, por isso, sem relação entre as partes. Simondon (2020) nos aponta isso, curiosamente ao pensar criticar a noção de equilíbrio na psicologia da forma (outro nome para a psicologia da Gestalt). Equilíbrio e conflito, em Lewin, são indissociáveis. Não é um estado desejável, como já vimos no capítulo anterior. É antes um conceito da dinâmica do que uma aspiração do clínico. Simondon aponta que o “que é comum às três noções de adaptação, de boa forma [*gestalt*] e de espaço hodológico é a de equilíbrio estável” (2020, p. 316), equivalendo-o ao esgotamento de todas as tensões. Nada poderia estar mais distante do que se trata no espaço hodológico.

Mais ainda, o método da pesquisa-ação envolve gerar desequilíbrio num equilíbrio quase-estacionário. Para mudar os gradientes da média L, equilibrada e tensa, é necessário promover forças que tirem essa média do equilíbrio. Depois desse desequilíbrio, a tendência é a volta ao nível anterior, mas, dependendo das forças e do tipo de labilidade do equilíbrio, pode ser que uma nova média, diferente da anterior,

seja alcançada. No tipo de pesquisa adotado por Lewin, essa nova média podia significar uma sociedade menos discriminatória de minorias.

As perguntas que ficam são: sabendo que, na coletividade, a composição de forças nem sempre é de equilíbrio estacionário, que, com uma certa composição de forças temos na verdade um equilíbrio lábil, seria possível que, dependendo das forças sociais, esse equilíbrio se desfaça, tornando-se indiferente, e as forças sociais criadas e liberadas nesse processo possam fazer uma revolução? Como fica o equilíbrio quase-estacionário nesse processo? Creio que não é possível responder assim de maneira inequívoca.

A mudança, aponta Lewin, precisa do estabelecimento de um novo superego (1978, p.81). Por alguns momentos pensei que nessa asserção ele não usa o conceito freudiano de forma precisa, porque parece querer indicar uma mudança do sistema de valores, que, em Freud, não corresponde completamente ao superego. No entanto, o uso não é vão, porque indica que a mudança social é a mudança da ideologia de ação que compreende o sistema de valores "frequentemente inconsciente" que dirige a conduta. "É uma mudança de uma ideologia de ação, uma aceitação real de um conjunto modificado de fatos e valores, uma mudança do mundo social percebido – os três não passam de expressões diferentes de um mesmo processo". Como o que se discutia então era a cessação de comportamentos agressivos contra minorias, a ideia de um superego mortífero, de lembrança culposa parece ter aí seu papel, especialmente depois do evento do nazismo.

—---------

Como no equilíbrio quase-estacionário existe um gradiente de flutuação, isso resultará que gradientes mais íngremes no espaço-fase, ou seja, limiares menores para a mudança do nível L, impliquem em menos diferenças individuais de comportamento dentro dos grupos sociais responsáveis pelas forças sociais. Isso significa que, quanto mais intensas as forças presentes de empuxo à mudança e sua resistência, menos as diferenças de comportamento dentro dos grupos variam. É assim que, em momentos de confronto aberto entre forças sociais, os comportamentos se tornam mais uniformes e radicais, ao passo que, em situações de confronto latente, mais variação nesses comportamentos será aceita dentro do grupo e fora dele.

Me parece que este é um sinal importante para o momento que vivemos. Muita gente se queixa de como não podemos pensar diferente e da prescrição de

comportamentos, mas, à medida que vemos que isso diz respeito às forças em jogo e que, por exemplo, no racismo latente que perseverou por anos na cultura brasileira, diferenças na visão sobre o enfrentamento ao racismo eram mais toleradas. Aqui entramos em outra questão, ou seja, a latência de alguns conflitos. Existem dois tipos de dados: os fenotípicos, ou seja, algo diretamente observado, e os genotípicos, que dizem respeito à causa. Num período de racismo maquiado, era possível que a expressão antirracista passasse por outro lugar, deslocado do enfrentamento direto. Ou seja, a sutileza é mais bem aceita quando as forças estão latentes, mas, para que aconteça a mudança, é necessário que a expressão antirracista seja mais direta e afirmativa.

6.3. Epistemologia Comparada

Quando Lewin começou suas pesquisas, a psicologia estava nos seus inícios, ainda distante da clínica, mais próxima de uma psicofísica: suas questões diziam mais respeito à percepção e cognição, apenas alguns autores, como William James, Moreno e o próprio Freud começavam a pensar em uma psicologia que envolvesse também os afetos e o social. Lewin apontava como necessária a saída de uma etapa apenas descritiva da psicologia, para outra, galileana. O método se distingue da ordem fenomenológica das essências de Husserl por sua função dinâmica e constituição empírica. Esse debate aponta para um diferencial da psicologia em relação à fenomenologia, porque aquela não pode se subtrair das exigências de uma ciência empírica. A ideia não é pensar a psicologia como um fisicalismo, mas considerá-la uma ciência como a sociologia ou a economia política. Cada uma dessas ciências se diferencia mais por um *domínio de problemas* (Blanco, 1991) e, por isso mesmo, necessitar de diferentes métodos e constructos. A física, por exemplo, aparece apenas por sua função por vezes analógica, mas a psicologia precisa de seus próprios construtos e formas de pensar o humano. Se há analogia, ela deve sempre ser pensada na sua relação com a realidade. Mais do que um modelo de realidade, é importante pensar na realidade do modelo. É, pois, uma construção, móvel.

O método construtivo, tomado por Lewin a partir de Cassirer, é uma divergência em relação à fenomenologia husserliana. Não uma negação pura e simples, mas a tomada de outra perspectiva, no que diz respeito às ciências e à psicologia. A questão não a verdade pensada a partir do sujeito, com sua consciência

do mundo, mas uma construção que conta com um inconsciente e outras instâncias de conhecimento, que concebe seus elementos para além da consciência, num processo com outro rigor que não a asserção da verdade de uma consciência individual, mas certo empirismo construtivo.

O diálogo de Lewin é com a ciência de sua época, por isso, noções como as da teoria da relatividade e da teoria quântica entram à medida que elas transformam a ciência mesma. Não é como quem fala em “terapia quântica”, mas ao passo que tomamos conclusões sobre possibilidades de existência das coisas de forma diferente. Ao invés de pensarmos que a física e a psicologia têm o mesmo objeto, pensar que a forma de pensar o objeto físico pode trazer alguma luz a uma teoria que trabalha em um domínio diferente, com outro objeto.

Ao mesmo tempo, é importante também que a psicologia se desenlace do método indutivo-estatístico, da regularidade estatística dos fenômenos, que é o caminho pré-científico até hoje tomado pela pretensa “psicologia baseada em evidências”. Essa perspectiva corresponde ao que Lewin chamava de ciência aristotélica, baseada na essencialização forçada dos fenômenos, na qual a regularidade “fenotípica” dos dados é usada como demonstração, ao mesmo tempo em que se perde de vista que um mesmo fenômeno pode ter causas diferentes. Isso leva à essencialização classificatória, que nos afasta do fenômeno em questão por ser feita à revelia de qualquer consideração dinâmica.

A matematização que Lewin buscava não tinha como objetivo apenas uma quantificação, mas uma seriação. A teoria freudiana do ato falho dá relevo à outra noção de série. Um ato falho é um desvio em uma série, sendo ele mesmo série. Kaufmann (1968, p. 26) aponta para o trabalho de Ach, que afirma haver uma variação contínua nas séries de valores contingentes numa experiência de laboratório. A experiência de Ach era associativa, na esteira dos trabalhos de Wertheheimer e Jung, ou seja, existe uma conexão entre a série associativa divergente de que falava Freud ([1901] 2023) no estudo sobre atos falhos e esse estudo, com a diferença de que, em Ach (Kaufmann, 1968, p, 27), não se busca o sentido, mas a direção da associação. Isso permite a matematização, ou seja, uma abstração que fala do processo das parapraxias sobre outro ponto de vista que não o freudiano. Para Ach, o ato falho é o resultado de um conflito entre o ato de vontade e a força associativa (Kauffmann, 1968). O livro de Kauffman não vai longe à ponto de mostrar a coerência com a ideia de uma força associativa inconsciente e um ato de vontade de supressão que é

próprio ao recalque (tudo isso à maneira de Freud), no entanto, isso é perfeitamente subentendido. Deleuze (2009[1969]) aponta que a série nunca é única, pressupõe sempre outra série. Isso vai das parapraxias ao próprio problema do sentido, já que o signo é, por si mesmo, sempre pelo menos 2.

Mas por que falo de Ach aqui? É para seguir um fio importante do livro de Kaufmann. Em Lewin, essa mesma ordenação serial será reencontrada no espaço, com propriedades funcionais. A ordenação em Ach é temporal. Mas Lewin afirma como improcedente a ideia de uma força ou tendência própria à associação. Além disso, Lewin critica a métrica psicológica de Ach, especificamente por já dar como encontrada a série que pretende e extraí-la estatisticamente. É preciso, antes, encontrar a série. Isso só pode ser feito, na psicologia experimental, criando uma situação especial. A pesquisa experimental, afirma Lewin ([1922] 1991), precisa do familiar e do infamiliar para evidenciar fenômenos ou processos concretos. Ou seja, as experiências devem ter um escopo e uma montagem mais amplos, já que sequer temos variáveis isoladas. Além disso, não será da regularidade do fenômeno que emergirá a série, mas do acontecimento singular numa regularidade. O caso único pode ser mais rico que uma centena de casos.

Para falar dessa fase "experimental"[44] de Lewin, estou evitando largas descrições de experimentos, porque tomariam muito espaço no texto e entraríamos em derivações não apropriadas à apresentação mais conceitual que queremos fazer aqui. Mas basta apontar que o experimento realizado então, envolvendo reconhecimento em séries de sílabas ao longo de dias, teve como momento mais importante um "Oh! Reconheci!" por parte do sujeito de pesquisa, seguido por um ato falho de reconhecimento posterior. No experimento, disponível em Lewin (1991 [1922]), demonstra-se que, para além de uma mera "tendência associativa", ou seja, um processo desafetado, o reconhecimento tem uma meta própria, carregado de valência e por isso, de afeto. O ato falho em questão no experimento (ou seja, não qualquer ato falho) é resultado de um conflito entre atividades de direcionamento à meta (*acheminement*) e a meta em si (*but*). Ou seja, o caminho tem sua própria valência, diferente da meta, e entre os dois existem diferentes disposições afetivas, que podem entrar em conflito. Uma coisa é o que uma pessoa quer alcançar com um

[44] Digo "experimental" entre aspas porque, mesmo na perspectiva da pesquisa-ação, trata-se de experiências, mas fora do laboratório.

ato, diferente do caminho efetivo que a pessoa percorre ao procurar alcançá-lo. Por exemplo, se vamos para uma cachoeira isolada, uma coisa é a cachoeira como meta e outra são todos os percalços que vamos encontrar no caminho. Do ponto de vista das parapraxias, existe um processo semelhante.

Ao mesmo tempo, essa superposição de séries que Lewin intuíra, um pouco a partir da filosofia de Cassirer, leva à ideia de espaço:

> Profundamente interessado na teoria da ciência, já em 1912, como estudante, eu defendera a tese (contra a opinião filosófica então plenamente aceita) de que a psicologia, ocupando-se de *múltiplos fatos coexistentes*, seria finalmente forçada a usar não só o conceito de tempo mas também o de espaço (Lewin, 1973, p.11, destaque nosso).

Nessa mesma época, Lewin empreendia uma tarefa filosófica própria, que chamou de epistemologia comparada. A psicologia, à época, não era tão separada academicamente da filosofia, mas também é fato que Lewin não era só psicólogo, mas também filósofo, especialmente filósofo das ciências. Partindo do princípio de que nenhuma teoria do conhecimento se dá pela simples dedução, mas por um método indutivo que toma as outras ciências como material, ele parte para uma análise das ciências, cada ciência sendo analisada na sua caracterização singular de fenômenos. O sistema de referência seria a teoria geral das ciências. Foi aí buscando as séries ordenadas na física, química e biologia e os processos subjacentes. É diferente de certa epistemologia que fica na caracterização do objeto, porque, justamente, o que se analisa na epistemologia comparada é o processo. (Kaufmann, 1968, p. 50).

Considerações sobre ciência e o sentido do fazer científico são um tema recorrente em Lewin. Certa síntese pode ser encontrada em um artigo (Lewin, [1939] 1964, p. 134):

a) uma ciência deve ser considerada um domínio (*realm*) de problemas em vez de um domínio (*realm*) material;

b) que diferentes domínios de problemas podem precisar de universos de discursos de construtos e leis (como aqueles da física, estética, psicologia e sociologia); e

c) que cada um deles refere-se mais ou menos ao mesmo universo material.

Dentro desta perspectiva, ele desenvolveu o conceito de *genidentidade.* sobre o qual escreveu um livro, “*Der Briegriff der Genese*”(2013 [1922]), sem traduções

encontradas fora do alemão. Para explicar, posso apresentar como ele o apresenta. Peguemos uma pedra na mão, ou vejamos uma estrela no telescópio: tanto a pedra como a estrela variam no tempo, numa multiplicidade de fenômenos. Mas, mesmo que variem, continuam sendo a mesma pedra e a mesma estrela. Diríamos que o modo de conexão de sua existência é a genidentidade. Não é a identidade pura e simples, porque interessa uma multiplicidade de fenômenos, não é a mesma massa que se transforma e nem a causalidade, porque trata-se da existência, excluindo determinações qualitativas ou quantitativas. Mas trata-se de uma *série existencial*. Diferentemente de uma *série causal*, o que a marca é o elemento mais recente da série, ou seja, é sempre de trás pra frente. Não há previsão, mas há irreversibilidade. O elemento último (não o elemento final) é genidêntico ao momento zero, mas de forma não linear, porque, até chegar ao momento *n*, foi preciso a intervenção de uma multitude de fatores. Para pegar um exemplo mais próximo, pensemos em genética: não é porque um elemento é genidêntico ao momento zero que, necessariamente, o momento *n* será previsto do início do momento zero, porque até chegar a *n*, teremos uma multiplicidade de acontecimentos e interações que não fazem parte da série genidêntica. Ao mesmo tempo, o objeto pode se dividir, ou seja, a sua existência pode dar origem na série a dois objetos diferentes, ou um elemento que decorre da junção de dois elementos passa a fazer parte de duas séries genidênticas.

A relação disso com o social pode ser intuída e até levada para o discurso atual sobre identidade, dessa vez no sentido social. Não do ponto de vista da genética, mas do ponto de vista de grupos sociais. É uma perspectiva de identidade que não significa “igual a si mesmo”, mas de identidade a partir de séries divergentes, que não eliminam a diferença nem mesmo são definitivas em termos causais, mas são a seriação da mesma existência. A consequência dessa seriação é a topologia, porque trata-se de um “espaço sem medida, uma separação das relações de ordem e de medida” (Lewin, 1923, apud Kaufmann, 1968, p. 58). Podemos aqui fazer nossa própria série, a partir dessa passagem: seriação - genidentidade - topologia.

Mas essa série é divergente, porque ainda há a noção de “processo”, ponte entre as séries existenciais e a discussão sobre propriedades. A seriação é uma perspectiva também de soluções possíveis, retomadas em Lewin da discussão sobre campo, puxada de Köhler (1923, apud Kaufmann, 1968). Um campo não é um fechamento, mas certo inventário de possibilidades. Não se trata aqui de tomar a física determinística como modelo, mas aprender com a física dos campos, de Maxwell.

Trata-se mais de pensar “uma multiplicidade legalmente determinada de caminhos”. A ideia não é tomar a teoria de campo de Maxwell e usá-la na psicologia de forma leviana.

> Para propósitos práticos de pesquisa – e isso, afinal, é o que conta – ciências como a psicologia e a sociologia devem sentir-se plenamente livres para usar os tipos de construtos que acham mais adequado para lidar com seus problemas; e devem achar a integração que discutimos[45] no seu próprio nível. Elas não devem sentir-se obrigadas a usar construtos de outra ciência meramente por razões filosóficas (e.g., porque algumas filosofias ou metafísicas populares aplicam a categoria de “realidade verdadeira” apenas a entidades físicas). Por outro lado, estando confiantes por mérito próprio, essas ciências não precisam ter medo de usar métodos ou conceitos (e.g., conceitos matemáticos) que podem ou não ter semelhanças com aquelas de outras ciências. (Lewin, [1939]1964, p. 134)

Uma psicologia que procede por construções e não por classificações terá as seguintes direções na conceptualização de Lewin: 1. definição genética; 2. predominância do conceito de acontecimento e 3. conceitos condicionais genéticos. No que diz respeito à dinâmica, temos fatores dotados de direção e apenas a relação entre diversos fatos podem ser causas de acontecimento. Ou seja, a genética, ou condicionais genéticos, é em função dessa relacionalidade. “O singular não é compreensível se não for por sua relação entre outros elementos espaciais e temporais, perto ou longe, e este tipo de conexão supõem um sistema de pontos e instantes”(Kaufmann, 1968, p. 77).

Porém, é preciso ir além das conexões, porque, para que haja acontecimento, para que um processo se produza, “é necessária a liberação de energia para produzir trabalho”(Lewin, 1923, apud Kaufmann, 1968, p. 80). Lewin continua: “Por isso que devemos sempre, na presença de um acontecimento psíquico, interrogar sobre a origem das energias causais de que deriva”. Tanto em Freud quanto na psicologia de Lewin, o conceito de energia é necessário, bem como de tensão. Aqui, não se está longe da psicanálise freudiana, ainda mais tomando o conceito correlato de tensão psíquica, ambos supõem conceitos energéticos.

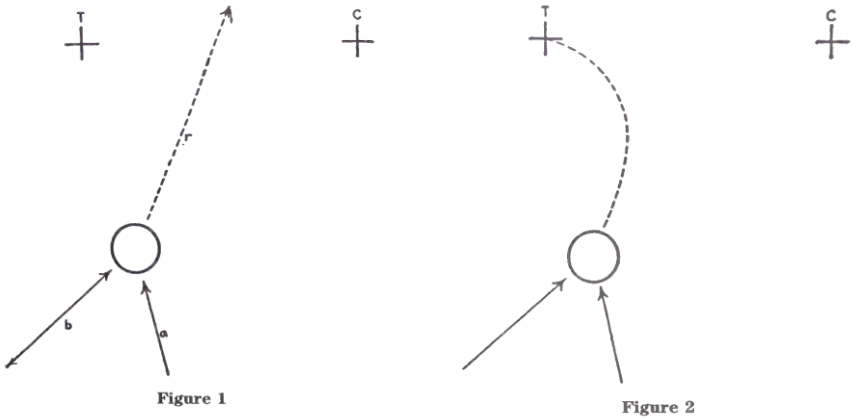
Indo mais longe nas implicações dessa perspectiva energética: um sistema não é determinável em si. Suas próprias características dinâmicas dependem de suas relações com outros sistemas. A questão, e aí vamos para uma perspectiva que transcende a psicologia e vai em direção à sociologia e à filosofia: como os diferentes

[45] Ele refere-se à enumeração reproduzida na página 147, creio que especialmente no item c.

sistemas interagem? No espaço de vida proposto por Lewin, temos um ambiente que se modifica continuamente, com cada um de seus pontos podendo ser atravessado por acontecimentos externos e uma solidariedade de interação da pessoa com o ambiente: a pessoa age no ambiente e o ambiente age na pessoa. Não é apenas uma massa em movimento, como na mecânica clássica, mas um corpo com propriedades intensivas. O mesmo é válido no campo social: o grupo age no ambiente e o ambiente age no grupo. As intensidades, não apenas as extensões, têm um papel importante aqui, até porque a força, mesmo tendo uma direção, é um acontecimento intensivo. Por exemplo, podemos falar da diferença entre um nível de aspiração e os processos de um trabalho, como numa fábrica ou numa atividade de escrita. Nesses processos, que exigem esforço, existe uma modulação contínua das forças e das atividades que podem levar ou à exaustão, ou ao abandono, ou até a um equilíbrio lábil que mantém a pessoa trabalhando e, por sua atividade, algumas dificuldades podem ser superadas. Pode ainda acontecer de a tensão emocional colocar a pessoa em rota de evasão da atividade com a substituição de uma tensão por outra, em que a atividade de procrastinação, ao contrário de diminuir a tensão, faz com que ela subsista de outra forma, como uma atividade potencialmente prazerosa, tomando uma ambivalência. Porém, nesses casos é importante, para fins de análise, separar o que na atividade tem valência positiva do que tem valência negativa, e perceber que a valência negativa não vem da atividade em si, mas do conflito entre esta atividade e o valor de aspiração.

O processo diferencial descreve uma mudança a cada momento, uma variação contínua. Não podemos comparar a psicologia, em seus métodos, à física newtoniana e à estática estruturalista. A situação total muda com o processo, por isso é diferencial. Vamos pegar um exemplo de Lewin:

Figura 15. Processo Diferencial



Fonte: Lewin (1975 [1931], p. 41)

Na figura 1 temos uma criança diante de dois objetos atraentes, digamos um brinquedo (T) e um chocolate (C). Teríamos assim duas forças, *a* e *b*, em duas direções. Se pensarmos que essas forças simplesmente se somam, à maneira das forças físicas na mecânica clássica, teríamos a resultante *r,* que indica que a criança não iria nem para o brinquedo nem para o chocolate. Mas a situação total muda com o processo e assim também as forças e os vetores em cada momento determinam a dinâmica, como acontece na figura 2. O processo diferencial é isso, pensar nas forças em um momento é ir pensando as diversas mudanças que vão acontecendo no campo no decurso do tempo, o que dá a perspectiva de caminho, e principalmente, uma continuidade que dá espaço para a decisão, para o tempo, para a mudança nas forças, para as reconfigurações constantes e particulares à cada processo.

Temos uma perspectiva que se avizinha aqui, especialmente a partir do conceito de valência no espaço. Se Lewin dizia que o caminho mais curto no espaço hodológico não é uma reta, é porque os campos, suas barreiras, viscosidades e valências modificam o próprio espaço psicológico e social. A forma é solidária com o conteúdo. Uma das leituras de Kaufmann (1968, p. 172) dessa propriedade do espaço aponta que o espaço ele mesmo é curvado por suas barreiras e valências e, por isso, o espaço de Lewin é não-euclidiano. Nas geometrias não-euclidianas e no espaço curvado riemniano, a menor distância vai ser curva, como elas são em uma esfera, por exemplo (claro que não se trata de um espaço generalizado esférico, é mais um

espaço que se dobra como uma folha de papel em infinitas configurações de dobra). Isso é visto com frequência no espaço social, em que um muro ou um bloqueio de visão podem deixar o interior da casa de um vizinho, por exemplo, bem mais distante do que uma casa há quilômetros de distância do seu lugar atual, mas que é a casa de um amigo íntimo.

Durante suas pesquisas, e aqui retomamos algo do início desta tese, Lewin aponta que, numa investigação, é preciso ter em mente não apenas o espaço de vida de cada pessoa, mas também os campos estrangeiros, as alteridades, as outras pessoas envolvidas na pesquisa. Lewin (1964) chamou essa parte da pesquisa de *psicologia ecológica*. O resultado do encontro desses campos multiplica dimensões do espaço de vida para que ele possa ser pensado como espaço social. O que vem primeiro a caracterizá-lo é a observação de que as valências são, com frequência, induzidas, isto é, os outros induzem forças no campo social de outros, isto é, poder. Da mesma forma que podemos pensá-lo atuando em uma pessoa, podemos pensá-lo atuando em grupos. Isto era uma questão de vida ou morte naquele ano na Alemanha, 1931, época da ascensão do nazismo. Uma história corre por fora aqui: um judeu na universidade de Berlim, da psicologia experimental, vê a necessidade de ampliar seus estudos para pensar o poder na sociedade em que vivia. A direção para pensar o social aparece como necessidade lógica do seu pensamento, mas também como necessidade de autopreservação de um grupo social do qual Lewin fazia parte.

O que constitui um grupo é a interdependência de seus membros. Dentro disso, os grupos podem ser, não de forma caracteriológica, mas, a partir de seus próprios campos de poder, indutores ou induzidos, em momentos diferentes. Num grupo pequeno, uma conduta de outra pessoa afetará o campo de outra, e assim podemos falar de tensões intra-grupais e extra-grupais, mas tendo em consideração que forças de dentro e de fora agem, ou que um poder externo pode dotar de valência algum elemento dentro do grupo.

Esta perspectiva vai se situando na formulação de um espaço hodológico generalizado, o da sociedade em relação a seus constituintes, que existe de forma concreta e relativa. O presente, esse simultâneo, não se confunde com a existência atual, da mesma forma que a posição não se resume a uma determinação local (Kaufmann, 1968, p 266). Essa perspectiva se distancia ainda mais da fenomenologia em direção a um método construtivo, mas também possibilita realizar análises situacionais de conflitos sociais. O espaço hodológico generalizado é mais uma

construção do que algo possível de ser representado inteiramente. É uma ferramenta que permite fazer asserções em termos de forças sociais, barreiras, portões, reestruturações. Mais uma linguagem de construções tornada possível pela afirmação de um espaço social relativístico do que uma representação total.

Se formos, por exemplo, pensar em conceitos, tem ainda uma volta a mais. Se podemos falar deste espaço, isso significa que os conceitos, eles próprios, podem ser espacializados, ou pensados como vetores. Um conceito ou um conjunto de conceitos podem ser bastante influentes num espaço de vida ou espaço social dado. Os conceitos devem entrar na composição de um campo e muitas vezes são muito influentes, por seu poder de instaurar campos de poder, ou ainda, no dizer de Lourau(1997), campos de coerência. Lewin tinha em mente uma certa característica de regiões do espaço de vida, das nossas ideias e conceitos, chamada de quase-conceitual. Cada pessoa entende e opera diferentemente com os conceitos que – embora tendo uma dimensão própria e qualidades não representáveis que atuariam no campo à maneira dessa outra dimensão que pode afetar o espaço psicológico em qualquer lugar – são vividos como partes do campo, com poder, valor, indutores de valências, ou diferentemente, são eles próprios valências particulares nas relações com outros quase-conceitos. Os conceitos, como as coisas, adquirem sentidos diferentes dependendo das relações que estabelecem (Blanco, 1991).

Isso significa que os conceitos, além desse papel no espaço de vida, têm um papel importantíssimo no espaço social, inclusive no espaço hodológico generalizado proposto por Kauffmann (1968). Em nossa sociedade, os conceitos entram em conflito e disputam ou são ainda veículos de poder nos conflitos sociais de pequena e grande escala. Isso não é novidade nenhuma para a história das ideias e para a epistemologia, porque o próprio fazer dessas áreas do conhecimento implica essa perspectiva. Mas, à medida que o pensamento vai ficando mais essencialista, perde-se esta dimensão.

Por exemplo: a falta. Ela foi objeto de larga crítica no livro Anti-Édipo (Deleuze; Guattari, 2011a [1973]), e essa crítica (mesmo que não seja exclusiva desse livro) teve como efeito uma reestruturação do campo psicanalítico, não só na criação de novos grupos, mas nas mudanças de discurso de grupos já existentes que não queriam fazer a crítica do conceito. Então, ao mesmo tempo que temos debates e escritos abordando a questão no campo psicanalítico, temos também mudanças de prática clínica entre os analistas. O Anti-Édipo funcionou para tornar visível questões

do campo analítico, principalmente sua relação com a política e manutenção de constructos sociais. Ou seja, o livro agiu reestruturando o campo, criando espaço para outras práticas e discursos e, depois disso, tornou-se parte do mesmo campo como força dissidente. Por mais que a leitura não se esgote nessa localização do espaço social, é uma característica inerente ao livro poder influenciá-lo assim. A falta também. Ela existe e, na qualidade de conceito, pode ser coisa também.

Para a epistemologia comparada de Lewin, o que separa as ciências é muito mais o manejo dos conceitos ou quase conceitos que adota como ponto de vista para análise de seus objetos, que podem ser os mesmos (Blanco, 1991, p. 73). E assim, conceitos de disciplinas com mais relações de vizinhança terão mais afinidade (*verwandtschaft*) e se distinguirão menos.

Uma das questões envolvidas ao se estudar o espaço, com a qual nos deparamos à medida que pensamos, dessa vez, mais claramente relacionada à topologia, é o território. Por mais que tenhamos, hoje, uma proximidade cada vez maior com o território, um dos pontos importantes do Espaço de Vida e campo social é a verdadeira desterritorialização que emerge a partir dele: “Não há um território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização sem, ao mesmo tempo um esforço para se reterritorializar em outra parte” (Deleuze, 1988). Esse espaço pode (e não pode) ser completamente diferente do território físico, não apenas na anamorfose que implicam os platôs quase-físicos, mas também na completa diferença da topologia desse espaço, que desterritorializa, mas sem perder de vista a ideia constitutiva da topologia, que é a posição, lugar. Isso permite pensar por que, nas nossas vidas, o vizinho de porta pode estar mais longe do que um amigo num bairro distante, mas, em outro lugar desse mesmo espaço, a música alta que ele pode vir a escutar e nos incomodar é capaz de nos levar de novo para esse lugar quase-físico. Do mesmo modo, um conceito de uma ciência, aparentemente longínqua da psicologia, como a química, pode nos ajudar e ter pontos de contato com nossa própria epistemologia, ao passo que podemos nos desentender com a sociologia, nossa vizinha de porta.

Conclusão:

Era uma vez um homem e seu tempo
Botas e sangue nas roupas de Lorca
Olho de frente a cara do presente e sei
Que vou ouvir a mesma história porca
Não há motivo para festa
Ora esta eu não sei rir à toa
Fique você com a mente positiva
Que eu quero a voz ativa
Ela é que é uma boa
Pois sou uma pessoa
Esta é minha canoa
Eu nela embarco
Eu sou pessoa
A palavra pessoa hoje não soa bem
Pouco importa
-Belchior

Um dos debates que percorreu esta pesquisa foi sobre a homogeneidade do espaço. Isso equivaleria a dizer que as regras valeriam em todos os espaços, na contramão daquilo que Massey (2013) pensa, no sentido de não haver regras válidas universalmente para os espaços. A própria ideia de uma parte do espaço social, de onde as forças vêm de relações tanto diretas quanto indiretas de ideologia, parece mostrar que há domínios diferentes no micro e no macro. Mas esses diferentes domínios, ao contrário de serem limiares intransponíveis, têm continuidade. A continuidade não é a ausência de diferença, pelo contrário, é a possibilidade da mesma matéria, com sua realidade extrínseca ao sujeito, ter seus diferentes problemas e conflitos.

Aqui, no fim, escolho fazer coro com Stengers e Prigogine:

> (...) A impossibilidade de dar um sentido à irreversibilidade num mundo de trajetórias reversíveis, não é intransponível senão quando a trajetória for titulada de conceito irredutível. (...) Mas a posição do problema torna-se completamente diferente a partir do momento em que se reconhece que, para certos tipos de sistemas, necessária a definição de uma trajetória, não é somente uma idealização, mas ainda uma idealização inadequada. A partir daí, o fato de não conhecermos nunca uma trajetória, mas um conjunto de trajetórias no espaço das fases, já não é somente uma maneira mais prudente de exprimir os limites do nosso conhecimento, mas sim o ponto de partida de uma nova maneira de conceber a descrição dinâmica. (1997, p. 181)

Essa nova maneira de conceber a descrição dinâmica, por ser uma forma de *conceber*, não precisa ficar limitada à física, porque podemos concebê-la de forma diferente no nosso tipo de dinâmica. Também é importante entender que parte do que esses cientistas pensavam era justamente que não há uma única dinâmica em um espaço generalizadamente homogêneo. A ideia de que o espaço psicológico e social é vivo e *realmente existente* nos leva à perspectiva de encontro em pontos de vista que também concebem este espaço de forma diferente. Outras epistemologias podem entrar em contato, sem necessariamente *uma negar a outra*, porque, por vezes, é questão de repensar nossa própria a partir de outras, ou ver problemas colocados de forma diferente, o que pode inclusive remover alguns impasses. A epistemologia comparada, de Lewin, pode nos levar à apreciação e tomada de perspectiva de outras epistemologias, não européias.

Foi a possibilidade de tematizar o conflito e as forças no espaço que me levou a esta pesquisa. Inserido, como psicólogo, em um campo de múltiplas forças que vão lá adquirindo seu equilíbrio negativo, procurei teorias que me ajudassem a traçar estratégias de sobrevivência dentro dele e encontrei, em Lewin, uma teoria com aparente simplicidade, mas com diversas considerações sobre epistemologia e política, ao mesmo tempo que porosa aos mais diversos tipos de influência. Ela encara o poder e o conflito com sua força própria, ao mesmo tempo que é maleável e concessiva. A obra de Lewin serviu a muita coisa, tanto as nefastas, quanto as libertadoras, na psicologia e na política. Exatamente isso, sua característica de máquina de guerra (Deleuze; Guattari, 2012), foi tão útil na clínica no socioeducativo, como pôde ser falado no capítulo 4.

Mas como é comum acontecer, a potência traz perigos, especialmente nos Estados Unidos, onde sua teoria foi instrumentalizada pela psicologia organizacional, inclusive por correntes menos críticas. “A ciência proporciona mais liberdade tanto ao médico como ao assassino, tanto à democracia quanto ao Fascismo. Também com respeito a isso, deve o cientista social reconhecer sua responsabilidade” (Lewin, [1946]1978). O curioso dessa asserção é que parece nos levar àquela ideia de ciência neutra, mas não: o chamado à responsabilidade é para que o clínico entenda que, mesmo na sua composição teórica, a ética está presente. Em Lewin, podemos dotar o campo com esses valores na nossa própria ação e pensar nossos caminhos, nosso *hodos,* não como algo pré-determinado, mas como um processo com diferenciais, que

exige desvios e reestruturações. O próprio clínico pode se beneficiar dessa análise: é uma boa ferramenta de análise de implicação.

Ainda como máquina de leitura, há um uso, ainda inexplorado e potencialmente esclarecedor para a vida que levamos: na internet existe um *espaço de vida digital*. A possibilidade de pensar nesse espaço não físico parece ser produtivo para a vida nos computadores e celulares. Ela é n-dimensional, com algoritmos agindo como *gatekeepers*, com camadas que começam pelas abas e programas abertos pelos computadores. A psicologia topohodológica parece ter um terreno amplo a percorrer e pensar neste século, em uma psicologia que até agora teve poucas incursões sistêmicas e de campo. Parece que uma nova hodologia pode se fazer aí, levando em conta os afetos, forças e valências do usuário nesse campo maior, espacial, mas que não se confunde com o físico. Os problemas de saúde mental decorrentes do espaço de vida digital, as forças políticas em jogo no algoritmo desenvolvido de forma pessoal por agentes digitais, o *cyberbulling*, o espaço mesmo que a internet e as plataformas tomam na vida das pessoas; tudo isso pode ser analisado e tratado pela teoria de campo lewiniana, mas de forma transformada, o que ainda é necessário desenvolver.

Os temas principais deste estudo, que gostaria de deixar marcado nesta conclusão são: a ideia de cada lugar do campo ser fronteiriço, impossibilitando a leitura de sistema fechado; a possibilidade de leitura spinozista da teoria, a partir das alegrias ativas e passivas e dos afetos tristes; a espacialidade como encontro de histórias até aqui; a discussão sobre zonas, limiares e barreiras; a ideia de fetichismo espacial e matematização precoce como advertência epistemológica para as ciências sociais; as implicações da pesquisa-ação como mudança das relações entre sujeito e objeto na pesquisa em humanidades, e sua continuidade com o conceito de transferência; a afirmação da pessoa, concreta e complexa, como elemento inexpugnável na psicologia; a teoria de campo como auxílio importante na análise de implicação; a ideia de pesquisa como ação social; o lugar do quase-conceito como conceito há um só tempo psicológico e epistemológico; a genidentidade como possibilidade de se pensar uma identidade social que não passe pela igualdade tipológica. Há outros tantos temas que não passam por essa sumarização, mas espero que a leitora as tenha em mente ao ler a tese na sua inteireza.

Enquanto estudava Lewin, houve quem dissesse que o interesse por ele era puramente histórico, algo como se sua teoria já estivesse ultrapassada ou mesmo

fosse certa reinvenção da roda, de coisas que já seriam óbvias para o psicólogo de hoje. Mas a ideia mesma de Delouveé (2010), de como o foco em certos elementos pode inclusive distorcer o entendimento da obra, aponta como uma história pode ser inclusive prática e agir como um intercessor. Podemos até nos perguntar se o que parece óbvio no que Lewin escreve não seria uma espécie de inconsciente da psicologia, no sentido de que ele próprio não é tão lido, mas foi tão influente que muita coisa que hoje pode parecer elementar e presente em muitas práticas e teorias têm origem ali. Comentamos, ao longo da tese, uma perspectiva do inconsciente como "vivido não tematizado" (Merleau-Ponty, 1990), e para a psicologia, Lewin era algo assim, vivido e não tematizado.

Bibliografia:

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ALLOUCH, Jean. Sobre la Destitución Subjectiva. Fragments n° 0, s.d., p. 1-17. Traduzido para o espanhol por Beatriz Aguad, *Litoral* n° 41, Mexico, Epeele, julio 2008. Disponível em: https://www.jeanallouch.com/document/52/1986-Sobre-la-destitucion-subjectiva. Visitado em 17/06/2026.

ALVARES, Johnny ; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. in: ESCÓSSIA, Liliana; PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Vírginia. (Orgs.) *Pistas do Método da Cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação na Instituição Educativa*. Tradução de Estela dos Santos de Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. A Construção do Plano da Clínica e o Conceito de Transdisciplinaridade. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília. Jan-Abr 2000, Vol. 16 n. 1, pp. 071-079

BARROS, Regina Benevides de. *Grupo: Afirmação de um Simulacro*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

BASS, Bernard M. The anarchist movement and the t group: some possible lessons for organizational development. in: *The Journal of Applied Behavioral Science*, [s.l.], v. 3, n. 2, p. 211-227, jun. 1967. DOI: 10.1177/002188636700300208. Disponível em: https://doi.org/10.1177/002188636700300208. Acesso em: 15 jun. 2026.

BATISTA, Vera Malaguti. *Introdução crítica à criminologia brasileira*. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Tradução: Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. 234 p. (Clássicos da Ciência). ISBN 978-85-7511-339-4.

BHAMBRA, Gurminder K. On European 'Civilisation': Colonialism, Land, Lebensraum. In: *L´Internazionale*, 2019. https://euroalter.com/journal/on-european-civilisation-colonialism-land-lebensraum/ Visitado em 24/05/2026.

BLANCO, Amálio. El Estudiado Equilibrio Epistemologico de Kurt Lewin. In: LEWIN, Kurt. *Epistemología Comparada.* Madrid: Tecnos, 1991.

BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. Tradução: Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOVE, Laurent. *A estratégia do conatus: afirmação e resistência em Espinosa*. Tradução de Bernardo Bianchi e José Marcelo Siviero. São Paulo: Politeia, 2023.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1990]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 15 jun. 2026.

BRASIL. Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 3-8, 19 jan. 2012.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos (1950-1960)*. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014. 296 p. ISBN 9788574806785.

DELEUZE, Gilles. *A Dobra: Leibniz e o Barroco*. Campinas, SP: Papirus, 2012. Tradução de Luiz B. L. Orlandi.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo, Editora. 34, 1992. Tradução de Peter Pál Pelbart.

DELEUZE, Gilles. *A Lógica do Sentido*. São Paulo, Ed Perspectiva, 2009. Tradução de Luiz Roberto Salinas.

DELEUZE, Gilles, *Crítica e Clínica*. São Paulo, Editora. 34, 1997. Tradução de Peter Pál Pelbart.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O Anti Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2011a. Tradução de Luiz B. L. Orlandi.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2.* Vol 1. São Paulo: Editora 34, 2011a. Tradução de Ana Lúcia Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2.* Vol 2. São Paulo: Editora 34, 2011b. Tradução de Ana Lúcia Oliveira e Lúcia Cláudia Leão.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2. Vol 5*. São Paulo: Editora 34, 2012. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa.

DELOUVEÉ, Sylvian; KALAMPALIKIS, Nikos; PÉTARD, Jean- Pierre. Nothing as pratical as a good history: Kurt Lewin's place in the historical chapters of French language Social Psychology Textbooks. In: *Estudios de Psicología,* 2011, 32 (2). pp 243-255. https://doi.org/10.1174/021093911795978144 visitado em 24/05/2026

DEMBO, Tamara; LEWIN, Kurt. Frustation and Regression: An Experiment with Young Children. In: LEWIN, Kurt. *The Complete Social Scientist: A Kurt Lewin Reader*. Editorado por Martin Gold. Washington, American Psychological Association, 1999. p. 183-226

DUBOST, Jean; LÉVY, André. El Analisis Social. Tradução para o espanhol de Raymundo Mier. In: *La Intervención Institucional.* México, Folios Ediciones, 1981.

ESCÓSSIA, Liliana; PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Vírginia. (Orgs.) *Pistas do Método da Cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ETELAIN, Jeanne*. A Theory of Zones: Conceptualizing Space in the Planetary Era*. Orientadoras: Anne Sauvagnargues e Emily Apter. 2023. Tese apresentada para o doutorado em filosofia da Universidade Paris Nanterre.

FERNANDÉS, José Manuel; FERRERAS, Aníbal Puente. La noción de campo en Kurt Lewin y Pierre Bourdieu: un análisis comparativo. In: *Reis*, No. 127 (Julio-Septiembre 2009), pp. 33-53.

FESTINGER, Leon. *A Theory of Cognitive Dissonance*. California, Stanford University Press, 1962.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade v. I :Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque e J. A. Gullon Albuquerque.

FOUCAULT, Michel. Des Espaces Autres. In: *Dits et Ecrits II. 1976-1988*. Paris: Editions Gallimard, 2001. p1571-1581.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. 39 Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. Tradução de Raquel Ramalhete

FREUD, Sigmund. *Psicopatologia da Vida Cotidiana*: Sobre Esquecimentos, Lapsos de Fala, Atos Equivocados, Superstições e Erros. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

FREUD, Sigmund. *As pulsões e seus destinos* (1915). Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte, MG: Autentica, 2019. p. 13-69.

FREUD, Sigmund. Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVI.* Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 21.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Psicologia Estrutural em Kurt Lewin*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

GERARD, Nathan. Marx was Right: Lessons from Lewin. in: *The industrial Organizational Psychologist.* Vol 54, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319433532_Marx_was_right_Lessons_from_Lewin

Grupo phi. *Retórica da Poesia: Leitura Linear, Leitura Tabular*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

GUATTARI, Felix. *Psicanálise e Transversalidade: Ensaios de Análise Institucional.* Tradução de Adail Ubirajara e Maria Stela Gonçalves. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2004.

GUATTARI, Felix. *Caosmose: Um Novo Paradigma Estético.* Tradução de Ana Lúcia Oliveira. São Paulo: Ed 34, 1992.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GROSZ, Elizabeth. *The incorporeal*. New York: Columbia University Press, 2017

HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização: Do Fim dos Territórios á Multiterritorialidade.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2024.
HENLE, Mary. *1879 And All That: Essays in the Theory and History of Psychology*. Columbia University Press: New York, 1986.

IRIGARAY, Luce. *Éthique de la différence sexuelle*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

JACQUET, Chantal. *A Unidade do Corpo e da Mente: Afetos, Ações e Paixões em Espinosa*. Trad. Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. São Paulo, Autêntica, 2011.

KAUFMANN, Pierre. *Kurt Lewin: Une Theorie du Champ dans las Sciences de L´Homme.* Paris, Vrin, 1968.

KOHLER, W. ; KOFFKA, K.; SANDER, F. *Psicologia de la Forma*. Buenos Aires: Paidos, 1963.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 8: A Transferência*. Tradução de Mario José dos Santos Silva. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2010

LACAN, Jacques. *L´Ethique de la Psychanalyse*. Staferla, 2008. Disponível em: http://staferla.free.fr/S7/S7%20L'ETHIQUE.pdf

LACAN, Jacques. *Encore*. Staferla, 2008. Disponível em: http://staferla.free.fr/S20/S20%20ENCORE.pdf

LAPASSADE, Georges. *Grupos, Organizações e Instituições*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016. Tradução: Idalina Ferreira.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Tradução de Marcela Vieira. Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo, 2020.

LEVY, Pierre. *O que é o Virtual*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, 1996.

LEWIN, Kurt. *The Conceptual Representation and the Measurement of Psychological Forces.* Mainsfield Centre, Connecticut: Martino Publishing, 2013

LEWIN, Kurt. *Princípios de Psicologia Topológica*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, Ed da Universidade de São Paulo, 1973.

LEWIN, Kurt. *Field Theory in Social Science*. New York: Harper & Row, 1964.

LEWIN, Kurt. *Epistemología Comparada.* Tradução para o Espanhol de Amálio Blanco. Madrid: Tecnos, 1991.

LEWIN, Kurt. The Landscape of War, Trad: BLOWER, Jonathan. *Art in Translation*, 1:2, 199-209. 2009. Disponível em: http://dx.doi.org/10.2752/175613109X462672

LEWIN, Kurt; KORSCH, Karl. Mathematical Constructs in Psychology and Sociology. *Erkenntnis* 8, 397–403, 1939. https://doi.org/10.1007/BF00176045.

LEWIN, Kurt. *The Complete Social Scientist: A Kurt Lewin Reader*. Editorado por Martin Gold. Washington, American Psychological Association, 1999.

LEWIN, Kurt. *Problemas de Dinâmica de Grupo*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1978

LEWIN, Kurt. *Uma teoria dinâmica da personalidade*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1975.

LEWIN, Kurt. *Der Begriff der Genese in Physik, Biologie und Entwicklungsgeschichte*: eine Untersuchung zur vergleichenden Wissenschaftslehre. Berlin: Springer, 2013.

LEWIN, Kurt; LIPPIT, Ronald; WHITE, Ralph K. Patterns of Agressive Behavior in Experimentally Created “Social Climates”. In: LEWIN, Kurt. *The Complete Social Scientist: A Kurt Lewin Reader*. Editorado por Martin Gold. Washington, American Psychological Association, 1999. p. 227-250

LIPPITT, Ronald. WHITE, Ralph K. *Autocracy and democracy: an experimental inquiry*. 1. ed. New York: Harper, 1960.

LÓPES. LC. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. *Interface.* Botucatu, 2012; 16(40):121-134.

LORDON, Frédéric. *A Sociedade dos Afetos: Por um Estruturalismo das Paixões.* Campinas, Sp: Papirus, 2015. Tradução de Rodolfo Eduardo Scachetti e Vanina Carrara Sigrist.

LOURAU, René. *Implication, Transduction*. Paris: Anthropos, 1997.

LOURAU, René. *Analista Institucional em Tempo Integral*. Org. Sônia Altoé. São Paulo, Hucitec, 2004.

LOURENÇO, Arlindo S. *O Espaço de Vida do Agente de Segurança Penitenciária no Cárcere*. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2010.

MACHADO, Irene. O Diagrama como Problema Semiótico. In: MACHADO, Irene. (org). *Diagramas: Explorações no Pensamento-Signo dos Espaços Culturais.* São Paulo: Alameda, 2016.

MACHEREY, Pierre. *Hegel or Spinoza*. Minneapolis, MN: University of Minneapolis Press, 2011

MAILHIOT, Gérald. *Dinâmica e Gênese dos Grupos*. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

MASSEY, Doreen. *Pelo Espaço*: *Uma Nova Política de Espacialidade.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2013. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert.

MARCUSCHI, L. A. A propósito da metáfora. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte: UFMG, v. 9, n. 1, p. 71-90, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Merleau-Ponty na Sorbonne*: *Resumo de Cursos de Psicossociologia e Filosofia.* Tradução de Constança Marcondes César. São Paulo: Papyrus Editora, 1990.

MINHA ALMA (canção) Interprete: O Rappa. Compositor: Marcelo Yuka. Album: Lado A, Lado B. Universal Music, 1999

MARROW, Alfred J. *The Pratical Theorist: The Life and Work of Kurt Lewin.* New York: Basic Books Inc., 1969.

OURY, Jean. *O coletivo.* Tradução: Equipe do Núcleo de Estudos e Trabalho em Psicoterapia Institucional. São Paulo: Hucitec, 2009.

PASQUALINI, Juliana C.; MARTINS, Fernando Ramalho; EUZÉBIOS FILHO, Antonio. A "Dinâmica de Grupo" de Kurt Lewin: proposições, contexto e crítica. Estudos de Psicologia (Natal), Natal, v. 26, n. 2, p. 161-173, jun. 2021. DOI: https://doi.org/10.22491/1678-4669.20210016.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *O Processo Grupal*. Tradução de Marco Aurélio Fernandes Velloso. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

RAUTER, Cristina. *Clínica do Esquecimento*. Niterói: EdUFF, 2012.

RAUTER, Cristina. *O medo do crime no Brasil: Controle Social e Rebelião.* Rio de Janeiro: E-papers, 2017

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp, 2020.

SERRES, Michel. *Atlas*. Traducción de Alicia Martorell. Madrid: Cátedra, 1994. (Colección Teorema)

SIMONDON, Gilbert. *A Individuação à Luz das Noções de Forma e de Informação.*Trad. Luiz Eduardo Ponciano Aragão e Guilherme Ivo. São Paulo: Ed 34, 2020.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. De Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. *Correspondência Completa*. Trad: J. Guinsburg e Newton Cunha. In:ROMANO, Roberto; CUNHA, Newton e GUINSBURG, J. (Orgs) Spinoza: Obra Completa II. Ed Perspectiva: São Paulo, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. *Tratado político*. Tradução N. P. Lima. São Paulo: Ícone, 1994.

STENGERS, Isabelle; PRIGNONE, Ilya. *A Nova Aliança*. tradução de Miguel Faria e Maria Joaquina Trópia. Brasília: Ed UnB, 1997

TOURNIER, Michel. *Sexta feira ou os Limbos do Pacífico*. Tradução de Fernanda Botelho. 1ª edição. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014

"*theanarchistlibrary.org*", acesso em 15/06/2026

VINCIGUERRA, Lorenzo. *La Semiotica de Spinoza*. Buenos Aires, Cactus, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo & DANOWISKI, Deborah. The Past is Yet to come. In: *E-Flux Journal*, Issue 114, 2020. https://www.e-flux.com/journal/114/364412/the-past-is-yet-to-come/ Acessado em 04\04\2024

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Por um primitivismo estratégico: um diálogo entre Eduardo Viveiros de Castro e Yuk Hui. [Entrevista cedida a] Yuk Hui. Tradução de Emanoel Pedro Martins Gomes. Revista Linguagem em Foco v.15, n.3, 2024. p. 154-167. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/12664

YOVEL, Yirmiyashu, *Spinoza and other heretics.* Princetown, NJ: Princetown University Press, 1991.

ZIMBARDO, Philip. The Stanford Prision Experiment. 1999. Disponível em : https://www.prisonexp.org/portuguese-1. Acesso em 12/06/2026